UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARIA LETICIA JULIANO DINIZ BRITO

O lulismo no interior:
um estudo de caso na periferia de Taubaté-SP

São Paulo
2015

MARIA LETICIA JULIANO DINIZ BRITO

O lulismo no interior:
um estudo de caso na periferia de Taubaté-SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Área de Concentração: Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. André Vitor Singer

São Paulo
2015

Nome: BRITO, Maria Leticia Juliano Diniz

Título: O lulismo no interior: um estudo de caso na periferia de Taubaté-SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meu irmão, Matheus Juliano, por ter me apoiado incessantemente.

AGRADECIMENTOS

Este estudo não seria possível sem os moradores da Cecap. Agradeço a atenção despendida e a enorme paciência que tiveram durante as entrevistas e conversas. Aprendi e cresci muito durante o nosso contato. Obrigada por terem compartilhado um pouco de suas vidas comigo, serei sempre grata.

Ao meu orientador, André Singer, por ter se prontificado a me auxiliar ainda quando era estudante de graduação de Ciências Sociais da Unifesp. Agradeço a dedicação despendida durante a primeira fase da minha vida acadêmica. Aprendi muito com os comentários, sugestões e críticas feitos ao meu trabalho.

Agradeço aos professores Elizabeth Balbachevsky e Gustavo Venturi pela leitura criteriosa que fizeram do meu texto. Os comentários feitos durante a banca de qualificação foram fundamentais. Também devo agradecer aos professores que tive ao longo graduação, principalmente ao meu orientador de monografia, Paulo Peres, por ter me apresentado e me incentivado a estudar o comportamento dos eleitores. Obrigada.

Devo agradecer também aos meus pais, João e Marília. Sempre me recordarei do amparo que me deram desde o início da minha vida escolar. As minhas escolhas profissionais nem sempre foram as esperadas, mas mesmo assim, vocês acreditaram nos meus sonhos.

Às minhas irmãs, Maria Thereza e Maria Luiza, pelo desvelo incondicional despendido a mim. Obrigada por me socorrerem durante os momentos mais tensos desta dissertação.

Ao meu bem-querer, ao meu irreprochável amor, Vitor Facio. Obrigada por estar perto e por todo amparo oferecido generosamente. Não sairá do meu coração os arranjos de seus ombros aos meus prantos de ansiedade.

Ainda resta agradecer à Tânia pelo apoio acadêmico, ao meu cunhado Rodrigo pelas breves revisões, aos meus especiais amigos de Taubaté que sempre estiveram do meu lado e me incentivaram a não desistir, mesmo quando achei que estava tudo perdido.

Em derradeiro, aos meus queridos amigos da USP e Unifesp pelo companheirismo durante esta empreitada. Obrigada por dividirem comigo os anseios e medos.

Por fim, agradeço à Capes por ter financiado esta pesquisa.

RESUMO

BRITO, Maria Leticia Juliano Diniz. **O lulismo no interior: um estudo de caso na periferia de Taubaté-SP**. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Trata-se de um estudo de caso realizado durante as eleições presidenciais de 2014 em quatro conjuntos habitacionais – conhecidos como Cecap – localizados na cidade de Taubaté-SP. A pesquisa explorou, a partir de entrevistas e etnografia, as estruturas cognitivas que os moradores possuem e como eles as empregam na hora de escolher quem será o próximo presidente do Brasil, com o intuito de avaliar o alcance que a teoria do lulismo – desenvolvida por André Singer – possui. Além disso, procurou-se compreender os motivos de vários eleitores terem optado pelos candidatos da oposição, mesmo votando, em outras eleições, em prol do governo. Verificou-se que, apesar de existir um ambiente simpático ao lulismo na Cecap, os eleitores também levam em consideração a situação econômica atual na hora de escolher o candidato, ocorrendo, assim, a tensão entre duas formas de voto retrospectivo. Diante desse quadro, formaram-se dois grupos distintos: os que escolheram Dilma e os que preferiram Aécio Neves. Entre os que votaram na presidenta, estão moradores que mantiveram a situação econômica estabilizada e que avaliaram como sendo mais vantajoso manter o governo. Em contrapartida, para os eleitores que votaram na oposição, a crise econômica e moral foram os principais motivadores do voto.

Palavras-chave: Comportamento Eleitoral; Taubaté; Periferia; Lulismo.

ABSTRACT

BRITO, Maria Leticia Juliano Diniz. **The “lulismo” in the countryside: a case study in the suburbs of Taubaté-SP.** 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

It is a case study made during the presidential elections of 2014 in four Joint Housing – known as Cecap – located in Taubaté. The research explore, based on interviews and ethnography, the cognitive structures that the residents of these neighborhood have and how they choose who will be the next president of Brazil in order to assess the scope that lulismo theory, developed by André Singer, has. We also aimed to understand the reason for several electors to have opted for opposition candidates, even having voted in other elections in favor of the government. Although there is a favorable atmosphere to lulism in Cecap, the electors also take into account the current economic situation when they decide the candidate. There is a tension between two forms of retrospective vote. Given this situation, it has formed two distinct groups: those who chose Dilma and those who preferred Aécio Neves. Among those who voted for Dilma are residents who maintained their economic situation stabilized and they judged more advantageous to keep the government. In contrast, for the electors who voted in opposition, the economic and moral crisis were the main reasons.

Keywords: Electoral Behavior; Taubaté; Suburb; Lulismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da população sobre o espaço urbano de Taubaté, conforme a renda.....	24
Figura 2 - Mapa de Taubaté, com a localização da Cecap.....	38
Figura 3 - Mapa das Moradias Populares da Cecap.....	39
Figura 4 - Casas da Cecap II à frente e Prédios da Cecap III atrás.....	40
Figura 5 - Planta das moradias da Cecap I.....	42
Figura 6 - Planta das moradias da Cecap II.....	44
Figura 7 - Planta das moradias da Cecap III	46
Figura 8 - Planta das moradias da Cecap IV	48
Figura 9 - Casas da Cecap I.....	59
Figura 10 - Casa da Cecap IV com pequenas modificações, como muros e portão.	59
Figura 11 - Prédios da Cecap III.....	60
Figura 12 - Prédios da Cecap IV.....	61
Figura 13 - Casas da Cecap II.....	62
Figura 14 - Antiga Residência da Cecap II que veio a se tornar um comércio	63
Figura 15 - Comércio localizado dentro da área de convivência da Cecap III.....	66
Figura 16 - Quadra de futebol que fica do lado dos prédios da CDHU	67
Figura 17 - Quadra de futebol que fica próxima à Cecap I e II.....	68
Figura 18 - Rua Waldemar Boneli, onde estão localizados os principais comércios da Cecap.....	69
Figura 19 - Bloco com portões e garagens construídas pelos próprios moradores	73
Figura 20 - Praça próxima à Cecap I (mantida pelos moradores)	74
Figura 21 - Pista de Skate Abandonada	75
Figura 22 - Quadra mantida pelos moradores	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados em 2010 e 2014 em três locais de votação próximos à Cecap em Taubaté-SP (em números absolutos e %)	20
Tabela 2 - Resultado da eleição presidencial (2º turno) de 2010 e 2014 nos locais de votação próximos à Cecap – (em votos válidos e %)	21
Tabela 3 - Resultado da eleição presidencial de 2014 (Votos válidos em %)	36
Tabela 4 - Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2006 em um local de votação próximo à Cecap em Taubaté-SP (em números absolutos)	37
Tabela 5 - Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2010 em cinco locais de votação no centro de Taubaté-SP (em números absolutos e %)	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocupação por Setor de atividades em Taubaté, em % - abril de 2014.....	31
Gráfico 2 - Remuneração dos Ocupados conforme setor de atividade em Taubaté em abril de 2014, em reais	32
Gráfico 3 - Resultado das eleições realizadas em Taubaté-SP entre 1988-2012 para o cargo de prefeito	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo

CECAP - Companhia Estadual de Casas Populares

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

ONG - Organização não Governamental

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PHS - Partido Humanista da Solidariedade

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPS - Partido Popular Socialista

Prouni - Programa Universidade para todos

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSD - Partido Social Democrático

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT - Partido dos Trabalhadores

PTR - Partido Trabalhista Renovador

PV - Partido Verde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
Escolha do Caso	22
Metodologia	25
CAPÍTULO I – A cidade de Taubaté e os conjuntos habitacionais da Cecap	30
1 Taubaté –SP	30
2 A Cecap e as moradias populares	37
3 A trajetória do Trabalho de Campo	49
CAPÍTULO II – Melhora de vida e simpatia lulista numa periferia de Taubaté	53
1 A conquista da moradia popular e o início da melhoria de vida	53
2 A região da Cecap – entre melhoras e piores	64
3 Novas melhorias	77
4 De onde advém as mudanças? As percepções dos moradores da Cecap	83
5 Visão do Governo do PT	86
6 Bolsa Família como ação afirmativa	89
7 A simpatia com a figura de Lula	93
8 Cecap e lulismo?	95
9 Conclusão	100
CAPÍTULO III – Tempo passado e tempo presente na decisão do voto	102
1 Como o governo é avaliado? A tensão entre duas formas de voto retrospectivo	102
2 O voto no continuísmo	104
3 O voto na mudança	107
4 Perda do emprego e voto na oposição	108
5 Os casos de Corrupção e o governo	111
6 Intuição e avaliação governamental	117
7 Voto na oposição – Como é feita a decisão	118
8 PSDB e as Moradias Populares	121
9 Eleição de 2014 e voto	123
10 Conclusão	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
BIBLIOGRAFIA	133
APÊNDICE A - Breve biografia dos entrevistados	138

1 INTRODUÇÃO

A representação e a formação da autoridade política nas democracias dependem diretamente do processo eleitoral, e este, por sua vez, gira ao redor do comportamento político dos votantes (FIGUEIREDO, 1991; FREIRE, 2001). Como assevera Figueiredo (1991), em época de eleições, o indivíduo tem diante de si várias escolhas a serem feitas, a começar pela decisão de comparecer ou não às urnas – mesmo em casos onde o voto é obrigatório, como no Brasil – e, se opta por ir votar, sua segunda deliberação consiste na definição dos candidatos e/ou partidos de sua preferência ou ainda em anular ou votar em branco. Em razão dessa centralidade no funcionamento das instituições representativas, formou-se na Ciência Política uma relevante linha de pesquisa que busca compreender as motivações que estão por trás do voto.

No interior desse debate, consolidaram-se três grandes correntes teóricas sobre o comportamento eleitoral: (1) a teoria sociológica, (2) a teoria psicossociológica e (3) a teoria da escolha racional¹. A grande controvérsia entre essas escolas é a determinação do conjunto de variáveis que funcionariam como as principais motivações do eleitor no momento do voto. Como afirma José A. Guilhon Albuquerque:

A construção de uma tipologia do eleitorado tem por objeto definir tipos de comportamento eleitoral. Ela consiste na definição de um conjunto de variáveis capazes de identificar tipos diferentes de eleitores com comportamentos eleitorais distintos, de modo que, com base nessa tipologia, seja possível prever o voto futuro desses grupos. (ALBUQUERQUE, 1992, p. 53)

De forma sucinta, pode-se afirmar que o trabalho *The people's Choice*, encabeçado por Paul Lazarsfeld, deu as bases para o modelo sociológico do comportamento eleitoral.² Essa explicação parte de uma abordagem macro institucional que privilegia o exame do contexto social dos grupos e indivíduos. De acordo com a perspectiva teórica e metodológica dessa escola, somente é possível compreender a ação política do indivíduo se tivermos em vista o grupo ao qual ele pertence, porque as suas preferências, ações e decisões são delineadas nas e pelas interações sociais que ocorrem nesse contexto grupal. De acordo com Castro:

A idéia é de que os fatores histórico-estruturais e culturais globais conformam as características sociais, econômicas e políticas de uma sociedade, gerando

¹ Revisões profundas sobre as três escolas teóricas do comportamento eleitoral foram feitas por Castro (1992), Figueiredo (1991) e Freire (2001).

² Outros sociólogos também foram de grande importância para o desenvolvimento dessa teoria (cf. Castro: 1994), como Seymour Martin Lipset, sociólogo norte-americano nascido em 1922. Uma das suas mais importantes obras, *Political Man*, de 1967, contribuiu de forma significativa para a consolidação dos estudos sociológicos do voto. Sobre a escola sociológica, ver: Key (1966), Lipset and Rokkan (1967), Lipset (1967) e Lazarsfeld *et al* (1965).

determinadas clivagens sociais que se expressam através de partidos específicos, com os quais setores do eleitorado se identificam. (CASTRO, 1992, p. 12).

É preciso ressaltar que a natureza dessas relações sociais não pode ser apreciada isoladamente, dado que sua forma é um reflexo das condições sociais e econômicas da sociedade. Em razão disso, é preciso identificar a situação socioeconômica, cultural e de classe do eleitor.

Dessa maneira, segundo o modelo sociológico, o modo como são tomadas as decisões sobre em quem e que partido votar dependerá do posicionamento no sistema de clivagens, assim como do processo de socialização e de mobilização política. Por isso, segundo Figueiredo (1991, p. 43), para “compreender o voto de um jovem ou de um idoso é necessário conhecer seu contexto social e político: onde esses eleitores vivem e como vivem nesse contexto”. Sendo assim, o ato do indivíduo não pode ser estudado por si só, de forma autônoma e isolada, pois a ação está em conformidade com o contexto social no qual esse ator político está inserido, e daí a necessidade de uma perspectiva que englobe diversos aspectos ou variáveis do ambiente social.

Já o modelo de explicação psicossociológica foi desenvolvido nas décadas de 1950 e 1960 por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Michigan. A principal obra de referência dessa escola, considerada fundadora dessa perspectiva, foi publicada por Angus Campbell, Philip Converse, Warren Miller e Donald Stokes, com o título *American Voter*, em 1960.

Para os adeptos desse modelo, o problema da escola sociológica é que a abordagem não consegue contemplar as características dinâmicas que explicam as oscilações e as mudanças no sentido do voto entre indivíduos do mesmo grupo ou da mesma classe social. Ou seja, o que poderia explicar que indivíduos de classes diferentes apresentem o mesmo comportamento eleitoral e, contrariamente, indivíduos da mesma classe apresentem comportamento eleitoral dessemelhante? As variáveis sociológicas poderiam até explicar comportamentos semelhantes entre indivíduos da mesma classe ou do mesmo grupo, assim como comportamentos desiguais entre indivíduos de classe ou grupo diferentes, mas não as discrepâncias empiricamente encontradas e indicadas na questão acima. Obviamente, segundo essa escola, variáveis de outra natureza deveriam ser mobilizadas para explicar tais comportamentos eleitorais.

[...] os contextos estruturais em que o indivíduo se insere e as interações que se dão dentro do grupo de que faz parte explicam, em partes, seu comportamento como eleitor. Entretanto, tratam de mostrar que a influência de fatores sociais seria mais remota, não daria conta de flutuações de curto prazo das decisões do voto. (CASTRO, 1994: p.33)

Por isso, a escola de Michigan buscou combinar a abordagem sociológica com a abordagem psicológica, dando destaque para as motivações mais básicas dos indivíduos, retrocedendo à sua infância e ao grupo primário responsável por sua socialização inicial e a formação de sua personalidade central, de certo modo, imutável: a família (FIGUEIREDO, 1991).

Ainda partindo da premissa de que as opiniões e avaliações dos indivíduos são construídas a partir do seu ambiente social imediato e primário, e de que esse processo ocorre a partir das interações e socializações que vão sendo travadas ao longo da vida, mas condicionadas ainda na infância, a explicação psicológica centraria o seu foco de investigações nos valores adquiridos no seio familiar, valores que passariam a fazer parte indelével da personalidade individual. Tais valores arraigados, estáveis e motivadores comporiam o “sistema atitudinal” do indivíduo, de modo que, com base nele, seriam formadas as identidades partidárias e tomadas as decisões sobre as questões políticas mais amplas.

Segundo essa formulação, o que estaria por trás da identidade partidária seriam os valores afetivos que o eleitor constrói ao longo da formação, principalmente por meio do contato com a família. Isso quer dizer que o ato de votar não é racional no sentido estrito, mas sim um ato afetivo e, em grande medida, irracional, pois é orientado por motivações mais primárias e irrefletidas – por um sentimento condicionado.

Por fim, a teoria da escolha racional (*Rational Choice Theory*), aplicada ao comportamento político teve como precursor o clássico trabalho de Anthony Downs – *Uma Teoria Econômica da Democracia*³ – publicado em 1957. Na obra, o autor postula que o indivíduo toma as decisões com base em escolhas racionais do tipo instrumental, visando sempre à maximização do interesse pessoal restrito e egoísta, e não por meio de emoções ou elementos psicológicos afetivos ou até altruístas que implicam na renúncia do autointeresse.

O modelo transplantou a lógica utilizada pela análise econômica – preocupada em explicar o comportamento do consumidor – para o estudo das decisões políticas e do comportamento eleitoral. É, portanto, bastante clara a analogia que essa escola faz entre o mercado e a política, uma vez que a premissa da racionalidade instrumental é a mesma da Economia e, deslocada para o campo de estudo do comportamento político, estabelece que o indivíduo, no momento eleitoral, terá o mesmo comportamento que tem enquanto consumidor. De maneira mais direta: os eleitores seriam consumidores que buscariam os

³ Entre as suas obras, destacam-se *Inside Bureaucracy* (1967), *An Economic Theory of Democracy* (1957) e *Stuck in Traffic* (1992).

produtos (os candidatos, políticas) que lhes trariam os melhores benefícios (bens seletivos) (FIGUEIREDO, 1991).

O eleitor no momento de fazer a escolha eleitoral age sempre de forma racional (instrumental), buscando sempre a forma mais otimizada possível. Se o caso, então, é explicar por que um indivíduo decide comparecer às eleições e, se o faz, por que vota num candidato/partido e não em outro, o foco da análise deve se concentrar nas premissas da racionalidade voltadas à maximização do autointeresse individual.

Visto dessa maneira, o indivíduo somente irá votar quando o ganho final for maior do que o custo de executar a ação⁴. Caso decida votar, esse indivíduo escolherá o candidato que possui as propostas que mais o beneficiará⁵. O cálculo que ele faz é comparativo, pois deve avaliar todas as alternativas que tem diante de si, inclusive a alternativa de manter no cargo um candidato/partido que busca a reeleição.

Para esta teoria, do mesmo modo que os eleitores, os partidos políticos e candidatos também agem tendo em vista o interesse próprio. O objetivo principal é vencer as eleições e consequentemente chegar ao poder. Mas, para isso, é preciso angariar quantidade suficiente de votos. As ações desses agentes, portanto, devem sempre ter em vista a conquista do maior apoio possível por parte dos eleitores.

Pode-se inferir que, enquanto o partido da situação pretende conquistar a reeleição, os partidos de oposição visam chegar ao poder. O eleitor, diante deste quadro, deve fazer a opção eleitoral. Em relação ao partido do governo, a teoria da escolha racional sinaliza que uma das possibilidades que o sujeito tem para fazer esta avaliação é olhar retrospectivamente como foi o mandato. De acordo com Fiorina (1981), este é um mecanismo barato que o eleitor tem a disposição para decidir quem apoiará, uma vez que ele não precisaria possuir uma gama de informações e somente necessitaria olhar para trás e avaliar se o governo foi bom ou ruim.

⁴ Esta parte do cálculo eleitoral que cada indivíduo supostamente faz, ou seja, se deve ou não comparecer à votação, é um dos elementos dessa teoria que mais receberam críticas, pois tal decisão contém um problema lógico intrínseco, conhecido como o “paradoxo do voto”. Resumidamente, se todos os indivíduos, de fato, fossem racionais conforme postula a teoria, ninguém compareceria às urnas, pois o peso individual do voto é praticamente nulo em comparação com o montante total de votos que serão computados. Portanto, o custo de buscar informações, sair de casa e votar é muito maior do que os benefícios trazidos pelo comparecimento eleitoral, o que significa que seria mais racional não votar. Esse paradoxo é amplamente discutido por Figueiredo (1991) que, inclusive, apresenta algumas sugestões para tentar resolvê-lo.

⁵ Cabe salientar, no entanto, que a busca do maior rendimento por parte do eleitor não diz respeito apenas aos valores materiais, haja vista que ele pode votar em um candidato que proporcione determinadas políticas públicas ou certos projetos que não irão beneficiá-lo diretamente e plenamente. Nesse caso, os eleitores tentam maximizar seus valores.

Contudo, o eleitor não pode fazer este mesmo tipo de diagnóstico para a oposição que nunca esteve no poder. A única possibilidade existente é a de avaliá-la com base em expectativas. Portanto, pode-se indicar que a decisão é feita misturando-se elementos retrospectivos e prospectivos: analisa-se a performance do governo com base na atuação passada e a compara com o que ele acredita que seria a administração da oposição.

O eleitor, ao avaliar retrospectivamente o governo, decide se o mantém ou não no cargo em função dos ganhos que obteve com suas políticas passadas. Caso acredite que a atuação do governo foi ruim e que outro partido teria desempenho melhor, o eleitor punirá a atual administração destinando o voto a algum partido do conjunto de partidos desafiantes. Mas, se ao contrário, ele julga que o mandato foi bom e que não compensaria apoiar a oposição, tendo em vistas os ganhos conquistados, ele premia o governo com o voto.

As análises sobre o comportamento eleitoral (teoria sociológica, teoria psicossociológica e teoria da escolha racional), como verificado acima, sugerem motivação distintas para a ação política. Além disso, a interpretação de como vota o eleitor se torna uma tarefa ainda mais difícil, visto a grande quantidade de fatores que, muitas vezes, estão inter-relacionados e que ainda podem ter pesos diferentes sobre o sufrágio. Entre essas variáveis, a condição socioeconômica se reafirma como importante preditora do voto do brasileiro⁶. Pesquisas constataam que houve mudança no padrão de distribuição do voto a partir da eleição de 2006, quando os eleitores de baixa renda, que até então não aderiam à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (Lula), passaram a optar massivamente pelo candidato do Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 2006, a votação de Lula, apesar de ter se mantida numericamente próxima ao da corrida presidencial anterior – o que poderia sugerir equivocadamente estabilidade das preferências –, teve, na realidade, um crescimento significativo entre as camadas mais pobres e um decréscimo entre as mais altas. Se em 2002, não se pode dizer que o voto tenha tido um padrão nítido no que se refere à estratificação social, no pleito seguinte, esse fator passa a ter relevância na hora de explicar o voto. Os eleitores que possuíam maiores rendas depositaram o voto nos candidatos da oposição, enquanto os pertencentes às camadas mais baixas aproximam-se de Lula (BALBACHEVSKY e HOLZHACKER, p. 2007; SINGER, p. 2012).

⁶ Sobre voto e renda, ver: BALBACHEVSKY, E., HOLZHACKER, D (2007); BRESSER-PEREIRA, L.C. (2006); LIMONGI, F.; MESQUITA, L. (2008); HUNTER, W.; POWER (2007); SINGER (2012); ZUCCO (2008).

Diversas explicações foram feitas com o intuito de compreender a alteração na composição dos votos e os fatores que estavam por trás da decisão eleitoral das classes médias e da população mais pobre. De acordo com Elizabeth Balbachevsky e Denilde Holzhacker (2007), em 2006, se por um lado os eleitores incluíram em seu cálculo eleitoral o desempenho do governo como fator importante para sua escolha, por outro, a dimensão ideológica perdeu força. Consequentemente, pode-se afirmar que os eleitores não agiram de forma ideológica, como podia ser esperado, mas sim com base em avaliações que computam os ganhos e perdas.

A explicação para o bom desempenho de Lula entre os mais pobres, segundo as autoras, está nas medidas de transferência de renda executadas durante o primeiro mandato, o que beneficiou principalmente esse grupo. Deste modo, o comportamento destes eleitores, a partir de 2006, deve ser visto sob o prisma da racionalidade.

Timothy Power e Wendy Hunter (2007) corroboram com essa argumentação e afirmam que a política econômica do primeiro mandato, assim como os programas sociais, sobretudo o Bolsa Família, explica a adesão eleitoral dos mais pobres a Lula. Em contrapartida a esta preferência, os que detinham maior renda, apoiaram o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o seu candidato Geraldo Alckmin.

No estudo intitulado *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*, André Singer (2012) propõe que para além da explicação econômica do voto, a adesão a Lula tem componente ideológico. De acordo com o cientista político, a partir de 2006 teria havido um realinhamento eleitoral, no qual o subproletariado⁷ que nunca tinha votado em Lula passa a se aproximar dele, tornando-se o seu principal suporte eleitoral. Por outro turno, a classe média tradicional teria deixado de depositar seu voto neste candidato, passando a preferir o candidato à presidência da oposição, por conta dos escândalos de corrupção que eclodiram em seu primeiro mandato.

Mas, como destacado por Singer (2009) e Gustavo Venturi (2008), a partir de dados de 2006 da Perseu Abramo, o eleitorado de menor escolaridade⁸ tende a votar ideologicamente à direita. Em 2006, 44% das pessoas que frequentaram até a quarta série do ensino fundamental tinham preferência pela direita, enquanto a adesão pela esquerda era de apenas 16%. Diante desses números, como explicar que um candidato de esquerda tenha tido tanta adesão da camada de baixa renda, na qual muitos se identificam com a direita?

⁷ De acordo com Singer, o subproletariado é a fração dos trabalhadores que buscam um lugar no mundo do trabalho, mas não encontram ou não encontram com remunerações e em condições de proteção trabalhista normais para a reprodução da força de trabalho proletária. São pessoas que muitas vezes não tem acesso aos direitos de seguridade social e trabalhista assegurada pela CLT (carteira de trabalho assinada).

⁸ O fator escolaridade pode ser pensado de forma associada ao fator renda.

Na obra *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*, Singer (2002) afirma que o eleitorado brasileiro, de modo geral, deseja mudanças igualitárias independentemente do seu posicionamento ideológico: “Aqui, não é a igualdade em si, porém o modo de atingir a igualdade que divide o eleitorado entre esquerda e direita” (SINGER, 2002, p. 20). Enquanto a direita está associada a mudanças feitas mediante o reforço da autoridade do Estado, sem que haja rompimento com a ordem, a esquerda, por sua vez, está relacionada à contestação da autoridade repressiva do Estado, empreendida pelos movimentos sociais que visam à igualdade. Em última instância, a distinção feita pelos eleitores está na autoridade dada ao Estado na construção de medidas igualitárias.

Desta forma, a explicação para este deslocamento do eleitorado em 2006 está no fenômeno do lulismo, que foi a execução de um projeto político de redistribuição de renda voltado para o setor mais pobre e combate à desigualdade *sem que houvesse rompimento com a ordem estabelecida*. Sendo assim, este projeto permitiu que emergisse uma nova configuração ideológica, em que Lula passa a representar uma nova opção que mistura elementos tanto de esquerda quanto de direita. Como afirma Singer:

[...] em 2006 pode significar que *entrou em cena uma força nova*, constituída por Lula a frente de uma fração de classe antes caudatária dos partidos da ordem e que, mais do que um efeito geral de desideologização e despolitização, indicava a emergência de *outra* orientação ideológica, que antes não estava posta no tabuleiro. Parece-nos que o lulismo, ao executar o programa de *combate a desigualdade dentro da ordem*, confeccionou nova via ideológica, com a união de bandeiras que não pareciam combinar. (SINGER, 2009, p. 96)

Tendo em vista esta mudança no quadro eleitoral, a presente dissertação pretendeu colaborar com o debate acerca dos fatores que estão por trás do voto dos mais pobres. A partir de um estudo de caso, busca-se verificar o alcance que a teoria do lulismo, desenvolvida por André Singer, possui. Portanto, se é verdade que as camadas mais baixas estão optando pelo PT, por quais motivos houve esta aproximação? Ela se manteve na eleição presidencial de 2014? Quais são as opiniões e expectativas que estão associadas ao voto?

Foram estas questões mais gerais que serviram de fio condutor para a realização desta pesquisa. Com o intuito de investigar em profundidade o modo como pessoas de baixa renda tomaram a sua decisão na eleição presidencial de 2014, tendo em vista a formulação sobre o lulismo, realizamos um estudo de caso com os moradores de quatro conjuntos habitacionais (conhecidos como Cecap - Companhia Estadual de Casas Populares) localizados em região periférica da cidade de Taubaté-SP. Trata-se de uma análise que buscou verificar as estruturas cognitivas que estes eleitores possuem e como eles as empregam na hora de escolher quem será o próximo presidente do Brasil.

A pesquisa optou por metodologia que permitisse avaliar em profundidade os processos que levaram à escolha eleitoral. Para tanto, realizamos (1) entrevistas com questionários semiestruturados com doze moradores dos conjuntos habitacionais; (2) trabalho etnográfico na região, de 2013 até o início de 2015, tendo maior frequência durante o período eleitoral de 2014; (3) coleta de documentos referentes à história dos conjuntos habitacionais pesquisados e (4) levantamento e sistematização dos resultados eleitorais para presidente em 2006, 2010 e 2014 nas urnas próximas ao local de estudo.

O caráter qualitativo e micro da pesquisa, apesar de não ser usual na Ciência Política, possibilitou um olhar minucioso sobre a vida e o cotidiano dos moradores, enriquecendo a análise, já que trouxe novos elementos para pensar como eles formulam as ideias políticas e, conseqüentemente, como são feitas as decisões eleitorais. Além disso, o tipo de abordagem adotada deu maiores parâmetros para analisar, mais especificamente, se existe relação entre os eleitores da Cecap e o lulismo, e o(s) motivo(s) de vários moradores, como verificado ao longo da pesquisa, terem deixado de apoiar o PT nas eleições de 2014.

Diferentemente do esperado, as entrevistas e o trabalho de campo revelaram que a maioria dos moradores votou em candidatos da oposição na eleição de 2014. Alguns afirmaram que no passado votaram no PT para presidente, mas que na eleição em foco decidiram tomar nova atitude.

Corroborando o que foi verificado em campo, o resultado das urnas próximas à Cecap também indicou que na eleição de 2014 muitos eleitores da região deixaram de votar na candidata do PT.⁹ A votação do PT não se manteve na mesma proporção da eleição de 2010, conforme se pode ver na Tabela 1.

Tabela 1 - Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados em 2010 e 2014 em três locais de votação próximos à Cecap em Taubaté-SP (em números absolutos e %)

Locais de votação	Eleição de 2010					Eleição de 2014				
	Dilma PT	Serra PSDB	Marina PV	Branco/Nulos	Total	Dilma PT	Aécio PSDB	Marina PSB	Branco/Nulos	Total
E.E. Miguel Pistilli	30	36	26	7	3462	19	34	33	10	2967
Marta Miranda Del Rey	30	35	26	9	599	18	29	36	12	1086
Guido José Miné	30	36	26	8	416	16	33	35	11	1230
TOTAL	30	36	26	7	4477	18	33	34	11	5283

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté-SP.

⁹ A presente pesquisa é um estudo de caso que busca analisar o comportamento eleitoral de moradores de quatro conjuntos habitacionais e, portanto, não pretende analisar a votação destas três urnas eleitorais. Os dados são utilizados para que o leitor tenha uma noção do contexto eleitoral da região, onde está inserido a Cecap.

O resultado eleitoral de 2014 em locais de votação que estão próximos aos conjuntos da Cecap mostra que a candidata do PT teve um decréscimo significativo de votos, quando comparado com a eleição de 2010 em que alcançou a marca dos 30%. Se em 2010, Dilma conquistou a segunda colocação, nessa eleição a sua posição caiu para o terceiro lugar, ficando atrás de Marina e Aécio Neves.

Quando nos fixamos apenas na votação do segundo turno, em que a disputa fica restrita aos dois partidos mais votados nacionalmente, é possível perceber nitidamente como a quantidade de votos que Dilma recebeu em 2010 diminuiu em 2014 nessas urnas. Esses dados são interessantes, pois nessa situação, o eleitor tem diante de si apenas três possibilidades: ele pode votar no partido governista, na oposição ou se eximir e não votar em nenhuma das duas possibilidades.

Tabela 2 - Resultado da eleição presidencial (2º turno) de 2010 e 2014 nos locais de votação próximos à Cecap – (em votos válidos e %)

Cecap – 2º turno	PT	PSDB
Votação em 2010	45	55
Votação em 2014	30	70

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté-SP.

De uma eleição para a outra, a votação do PSDB que era de 55% cresce e chega a 70%, enquanto Dilma decresce de 45% para 30%. Visto por outro ângulo, a diferença de votos entre PT e PSDB, que era de apenas 10 pontos, passa a ter em 2014 uma margem bem mais ampla, com diferença de 40 pontos percentuais. Essa queda na votação do PT, de cerca de 40% no primeiro turno e de 34% no segundo, demonstra que muitos moradores resolveram deixar de depositar o voto na candidata que representa o governo e optaram pela oposição.

Tendo em vista a votação obtida pelo PT de uma eleição para a outra, o caso da Cecap é significativo, pois nos permite refletir sobre os pressupostos existentes na teoria do lulismo e avaliá-los dentro de um contexto que é atípico para o modelo. Como já assinalado, Singer propõe que em 2006 o país passou por realinhamento eleitoral, no qual os eleitores de baixa renda se aproximam em peso de Lula. Tomando esta teoria como verdadeira, por se tratar de uma região considerada de baixa renda, era esperado que a votação de Dilma na Cecap tivesse impacto maior, mas o que se percebe é que o número de eleitores que optaram pelo Partido dos Trabalhadores tendeu a diminuir em 2014. Pode-se admitir, portanto, que a região é um caso relevante, pois traz elementos para se pensar a interpretação realizada por Singer.

Diante do quadro delineado e das informações que surgiram nas entrevistas e no trabalho de campo, suscitou-se questões mais específicas: (1) como se dava a relação entre o lulismo e estas camadas da periferia; (2) como os eleitores decidiram em que candidato votar para presidente em 2014 e (3) os motivos de alguns eleitores não terem repetido o voto no PT. Estas são as questões mais particulares que o trabalho busca solucionar com a pretensão de verificar se a teoria do lulismo é válida dentro da região da Cecap.

A dissertação está organizada da seguinte maneira (apresentaremos ainda, nesta seção, os critérios utilizados para a escolha do local estudado e os procedimentos metodológicos utilizados ao longo do trabalho):

No primeiro capítulo, buscamos oferecer um panorama geral sobre a pesquisa e o local estudado. Abordaremos questões relacionadas à cidade de Taubaté e sua tendência a optar por candidatos do PSDB nas eleições presidenciais e ainda faremos uma discussão sobre as características geográficas e sociais da Cecap. Finalmente, relataremos o início do trabalho de campo.

No segundo capítulo, iniciamos a análise das visões políticas e sociais dos moradores da Cecap. Nesta parte do texto, visamos compreender a organização mental das perspectivas sócio-políticas desses moradores, destacando principalmente os aspectos relacionados ao lulismo. Para tanto, iremos abordar os pontos que dizem respeito à conquista da casa própria, às melhorias de vida ocorridas a partir do governo Lula, as percepções que os moradores têm das políticas executadas nos 12 anos em que o PT esteve à frente da presidência.

No capítulo 3, a discussão volta-se para a eleição presidencial de 2014 em particular. Nesta seção, examinaremos como os moradores da Cecap se posicionaram eleitoralmente e o porquê da baixa votação em Dilma, ou seja, os motivos de alguns eleitores terem deixado de optar pela candidata na eleição de 2014. Para tanto, serão analisadas as falas captadas durante o período eleitoral e os principais argumentos que os influenciaram no momento do voto.

Escolha do Caso

Optou-se por delimitar a investigação espacialmente, pois assim teríamos maiores subsídios para compreender o contexto social em que os eleitores estão inseridos e como este aspecto poderia vir a influenciar as visões de mundo dos moradores.

A periferia apresenta estilos de vida, de lazer e de relações sociais próprios, e ainda, no que diz respeito ao interesse deste trabalho, muitas das opiniões políticas são formadas a partir do cotidiano e das experiências vividas no dia-a-dia.

De acordo com Eunice Ribeiro Durham (2004, p.382) a periferia é “formada pelos bairros mais distantes, mais pobres, menos servidos por transporte e serviços públicos”. Em 2007, Anderson Luiz Martins Prado (2007) realizou um levantamento socioeconômico de diferentes áreas em Taubaté e constatou que apesar da desigualdade de renda da cidade ser muito inferior à existente no Brasil, a segregação territorial segue o mesmo modelo brasileiro, em que os ricos se localizam nas melhores partes, enquanto os mais pobres estão nas áreas periféricas.

Segundo a pesquisa, as pessoas com as melhores faixas de renda moram, em sua maioria, nas partes centrais do município. Contudo, há casos em que os que estão no topo da pirâmide optam por morar em locais um pouco mais afastados do centro (principalmente em condomínios fechados). Estes lugares são caracterizados por terem fácil acesso às regiões mais centrais e por possuírem boa infraestrutura, diferente dos lugares periféricos onde os pobres moram – que são distantes, sem eixo de ligação com o centro e sem grandes equipamentos urbanos.

De acordo com a classificação realizada por esse geógrafo, a Cecap pode ser caracterizada como periferia, já que a região está situada na extremidade da zona Oeste, afastada da parte central da cidade, onde a infraestrutura é escassa e não supre as necessidades da população (como será apresentado nos próximos capítulos). Além disso, a região está entre aquelas que têm um dos menores índices de renda da cidade.

Com base nos dados do Núcleo de Pesquisas Econômico-Sociais (Nupes/Unitau), a pesquisa realizada por Prado (2007) dividiu a cidade em cinco diferentes regiões, de acordo com a renda média dos seus moradores. A partir da análise do mapa abaixo, vimos que a Cecap estava inserida na região mais pobre, classificada como “E”, em que a renda gira em torno de 1,35 salários mínimos per capita¹⁰.

¹⁰ No entanto, com o início das pesquisas etnográficas, verificou-se que, apesar de ser considerado um lugar periférico, os salários dos moradores não tinham um padrão nítido, alguns tinham salários muito baixos (menor que um salário mínimo), enquanto outros chegavam a ter até 3,5 salários mínimos. O que significa dizer que na região há tanto pessoas que podem ser consideradas como pertencentes às classes mais baixas, como pessoas que estão em processo de ascensão social. A distinção de condições materiais e sociais dos moradores será trabalhada adiante.

Fonte: Adaptado de PRADO, 2007.

Figura 1 - Distribuição da população sobre o espaço urbano de Taubaté, conforme a renda.

Para além do aspecto periférico, a Cecap foi escolhida devido às características políticas. Conforme exposto, a votação do PT teve certo decréscimo da eleição de 2010 para a de 2014. Como a pesquisa pretende avaliar o alcance da teoria do lulismo, esse dado traz elementos interessantes para pensarmos como os eleitores fizeram a sua decisão na última eleição e o porquê de muitos terem optado em 2014 pela oposição.

Outra motivação deve ser destacada para a escolha do local de estudo: os conjuntos habitacionais da Cecap estarem localizados em cidade do interior. Como se sabe, as pesquisas que são feitas sobre comportamento eleitoral se detiveram, preponderantemente, em nível nacional ou nas principais capitais do país, o que acaba por perder o dinamismo político próprio das cidades interioranas. A compreensão do voto de modo geral deve passar também pela apreensão das localidades do interior, pois somente assim teremos subsídios para entender a dinâmica eleitoral do país como um todo. Estudo realizado em município do interior de São Paulo é oportunidade de examinar o universo político de eleitores não metropolitanos.

Metodologia

Com a finalidade de compreender a trajetória de vida, as problematizações e percepções de mundo, assim como as escolhas eleitorais e opiniões sobre política dos moradores dos conjuntos habitacionais da Cecap, o presente estudo optou pela análise qualitativa, do tipo estudo de caso. Este tipo de investigação foi escolhido, pois se julga que seja mais vantajoso quando se tem como objetivo o exame detalhado e amplo das motivações que estão por trás do comportamento desses eleitores.

De acordo com Robert Yin (2009), a escolha de uma técnica de pesquisa depende de três elementos: quando (1) as indagações são do tipo “como?” e “por quê?”, com (2) temas em que o nível de controle é baixo e com (3) um enfoque em algum fenômeno contemporâneo; o uso do estudo de caso¹¹ é a metodologia mais apropriada.

Com base na abordagem e no problema proposto, assim como no quadro teórico que serviu como ponto de partida para esta investigação, optou-se pela realização de um estudo de caso. Há diversas definições do que seria este estudo, mas para o propósito desta pesquisa, compreendemos que este tipo de estudo deve ser entendido como uma metodologia que faz análise de um único caso, com o intuito de produzir explicações e interpretações densas de um fenômeno. Este tipo de abordagem, apesar de se centrar na compreensão de casos específicos, vai além de uma simples observação singular, uma vez que tem como propósito fazer conexões profundas com a teoria para produção do conhecimento.

Com a finalidade de construir uma análise densa, a pesquisa realizou entrevistas semiestruturadas com 12 moradores e cada uma teve mais de uma hora de duração. A escolha dos informantes seguiu alguns critérios: era preciso ser morador da Cecap, votar na cidade de Taubaté, não estar filiado a partido político e ter mais de 18 anos. Alguns dos residentes foram submetidos a mais de uma entrevista ou foram requisitados para tirar dúvidas específicas. Todas as respostas foram registradas, mediante anotações e uso de gravador.

O estabelecimento do contato inicial foi feito seguindo duas estratégias distintas. Alguns foram selecionados por meio da aproximação: abordava-se as pessoas que estavam nas ruas da região e as questionava se poderiam participar da pesquisa. Em todas as conversas, havia um momento inicial que consistia em uma apresentação, com o intuito de explicar o objetivo da investigação e a importância da colaboração dos moradores. O

¹¹ Sobre estudo de caso, ver YIN (2009); BENNETT (2004); VAN WYNSBERGHE & KHAN (2007) e GERRING (2004).

prosseguimento do contato dependia principalmente de dois fatores: primeiro, o interlocutor tinha que estar dentro dos requisitos propostos, e segundo, buscava-se perceber se ele estava à vontade e aberto a compartilhar informações.

A segunda estratégia consistia em solicitar a algum informante inicial, como conhecidos e pessoas que já tivessem sido entrevistadas, que indicasse alguém que morasse na Cecap e que pudesse ajudar na pesquisa. No início da pesquisa, esse método foi bastante utilizado, uma vez que a inserção na região não tinha ainda se estabelecido com intensidade. Depois que o trabalho de campo se solidificou, a primeira alternativa passou a ser mais proveitosa, devido a sua dinâmica rápida e direta. No final, grande parte dos entrevistados foi obtida desse modo.

Entre os 12 entrevistados, a proporção de mulheres e homens foi idêntica. A idade variou bastante, a pessoa mais nova tinha 23 anos e a mais velha tinha 75. Em relação à escolaridade, havia quem tivesse feito somente o ensino primário e também havia os que já tinham concluído o ensino superior. Porém, grande parte tinha o ensino médio completo. A maioria das pessoas que tinha algum tipo de renda mensal recebia em torno de 1 a 2 salários mínimos¹². Entre os entrevistados, havia ainda os casos de pessoas que estavam ou ficaram desempregadas e que, portanto, não tinham salário. A renda familiar per capita não extrapolava o valor de dois salários mínimos. As entrevistas geralmente ocorriam na casa do morador ou em praças próximas aos locais de moradia.

Nome	Idade	Bairro	Escolaridade	Ocupação durante o período de pesquisa
Alex	28 anos	Cecap I	Ensino médio completo	Montador
Camila	37 anos	Cecap IV	Superior completo	Desempregada
Carlos	63 anos	Cecap II	Ensino superior incompleto	Aposentado
Edson	28 anos	Cecap III	Ensino médio completo	Eletricista
Juliana	24 anos	Cecap III	Ensino médio completo	Promotora de vendas - desempregada
Laís	65 anos	Cecap III	Ensino médio completo	Desempregada - aposentada
Nelson	53 anos	Cecap III	Terminando o ensino médio	Manobrista – desempregado, mas faz “bicos”
Rogério	37 anos	Cecap III	Ensino médio completo	Fiscal de Loja

¹² O valor do salário mínimo nacional em 2014 era de R\$724,00.

Rosângela	75 anos	Cecap I	Fundamental incompleto	Aposentada
Selma	23 anos	Cecap III	Ensino superior completo	Auxiliar administrativa - desempregada
Terezinha	71 anos	Cecap I	Ensino médio completo	Aposentada
Wilson	24 anos	Cecap IV	Cursando o ensino superior	Estudante

Quadro 1- Lista de entrevistados

O trabalho também optou pela etnografia. O uso deste método de trabalho característico da antropologia teve como finalidade captar aspectos da dinâmica da região que, como propõe José Guilherme Cantor Magnani (2002), poderiam passar despercebidos se enquadrado somente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números. Isso porque se acredita que o contato direto com o universo dos pesquisados abre caminhos para a compreensão da realidade social.

A pesquisa de campo teve início em setembro de 2013 e se estendeu até o mês de fevereiro de 2015, abrangendo assim o período eleitoral de 2014. A frequência das idas variou bastante, contudo, ao longo das eleições até o começo do ano seguinte elas foram bem mais constantes, sendo por vezes semanais e, em outras, quinzenais. Durante estes meses de observação, foram mais de 30 imersões.

Não havia horários e dias predefinidos de visitas à Cecap. O campo era o que estabelecia a duração de cada permanência e já estava internalizado que não havia horário para acabar. Houve situações em que, por falta de sorte – seja devido aos fatores climáticos, seja por ausência de interlocutores dispostos a ajudar –, a incursão durou no máximo duas horas. Mas por outro lado, houve vezes em que o campo se mostrava muito produtivo e que as trocas de informação fluíam facilmente, e, nestes casos, o retorno ao lar se dava somente por conta do cansaço que advinha de um dia inteiro de caminhada.

Buscou-se também intercambiar o máximo possível os dias das idas, isso porque logo no início da pesquisa, percebeu-se que, a depender do dia, o campo produzia dados diferentes. Durante a semana, conseguíamos ter uma visão mais apropriada da rotina diária dos bairros, já durante o final de semana, como o clima de descontração tomava conta do local, perdíamos esse aspecto. Portanto, se a visita tinha o objetivo de analisar a região, tendo em vista essa dinâmica, era preciso ir de segunda à sexta, mas, se o intuito era principalmente conversar com alguns moradores, o sábado à tarde e o domingo eram os melhores dias. Isso porque as pessoas estavam mais tranquilas quanto aos afazeres e acabavam colaborando mais

intensamente com a pesquisa. No meio da semana, por exemplo, por várias vezes ocorreu de estarmos no meio de um diálogo e ele ter que ser encerrado por conta dos compromissos dos interlocutores.

O intuito principal do campo foi o de compreender melhor o local onde os entrevistados viviam, qual era a rotina dos bairros, os hábitos dos moradores e as possíveis particularidades existentes nesses conjuntos habitacionais. Este tipo de investigação trouxe muitos subsídios, uma vez que permitiu captar e entender com mais profundidade os aspectos que dizem respeito às visões políticas. Tendo em vista esses objetivos, uma das técnicas empregadas foi a da observação. Quando se estava em campo, buscava-se apreender as diferenças existentes entre casas e prédios, as mudanças ocorridas nas habitações populares ao longo dos anos, a movimentação de transeuntes, os modelos dos carros existentes nas garagens etc.

Além disso, buscamos conhecer alguns espaços de interação existente no entorno dos conjuntos: frequentamos algumas quadras de esporte, conversamos com comerciantes de bares e lojas, fomos até um brechó beneficente em prol da Cecap, visitamos a igreja católica Santo Agostinho e conhecemos uma escola estadual frequentada pelos moradores dos conjuntos, e ainda entrevistamos o coordenador desta instituição de ensino.

Além das observações, o trabalho também realizou conversações ocasionais com diversos moradores, algumas com durações mais longas e outras bem rápidas, com cerca de 10 minutos. No campo, por várias vezes, caminhei sem rumo predefinido, o único intuito era analisar o ambiente e buscar conhecê-lo mais profundamente. Nessas ocasiões, procurava fazer contato com diversos moradores, nem que fosse para conseguir informações específicas.

Assim como na entrevista, após me aproximar, o meu primeiro ato era me apresentar e explicar rapidamente o que eu estava fazendo por ali. Em alguns casos, ocorria certo receio, estimulado pelo medo que eu fosse repórter ou alguém ligada à polícia; além disso, havia certa inibição diante do gravador. Mas, após alguns esclarecimentos, logo fluía o diálogo e eles demonstravam ter algo para compartilhar.

Esses diálogos, diferentemente das entrevistas, não possuíam uma estruturação fixa, mas sempre tinham como foco trazer algum elemento novo que fosse do interesse. Essa abordagem possibilitou conhecer mais intensamente os habitantes da Cecap e incluir questões que antes não estavam contidas no formulário de perguntas utilizado nas entrevistas. Por exemplo, as indagações referentes à moradia popular só foram adicionadas posteriormente. Como será possível verificar ao longo dos capítulos, vários depoimentos advieram dessas conversas feitas durante o campo.

A grande maioria das pessoas com quem falei ao longo desses meses de campo foi bem receptiva e se mostrava interessada em ajudar com algum tipo de informação. Para a minha surpresa, muito mais de uma vez, no final, quando estava para me despedir, eles me passavam os seus endereços ou apontavam as suas residências e convidavam-me para ir tomar um café outro dia, além de se disponibilizarem em auxiliar com que pudessem. Por raras exceções, as pessoas foram sempre muito prestativas.

Deve-se ressaltar que, como o enfoque deste trabalho é qualitativo e trabalha com um número pequeno, não são empregadas porcentagens (e este também não é o objetivo) para estimar os votos, as condições financeiras e o nível educacional dos moradores interpelados. Mas, apesar do trabalho estar circunscrito a um ambiente específico, espera-se que os resultados obtidos dialoguem com pesquisas da mesma área, mas que utilizam outros métodos, como o estatístico, pois acreditamos que somente assim a produção do conhecimento estará mais completa.

CAPÍTULO I – A cidade de Taubaté e os conjuntos habitacionais da Cecap

1 Taubaté-SP

Como já se disse, este estudo propõe-se a pensar o comportamento eleitoral e as variáveis utilizadas no momento do voto em uma região periférica de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. A cidade escolhida foi Taubaté-SP¹³ e, em particular, a região periférica conhecida como Cecap.

Taubaté é um município essencialmente urbano. Conforme os dados de 2010 do Censo demográfico, o número de habitantes chega a 278 686, sendo o 23º município mais populoso do estado de São Paulo, segundo a estimativa de julho de 2011 do IBGE, com uma taxa de urbanização em 2010 de 97,84% de acordo com o perfil projetado pelo Atlas Brasil.

Em relação a sua economia, as indústrias têm grande importância na cidade, apresentando na sua lista multinacionais como: LG Eletronics, Alston, Ford do Brasil S.A, Daruma Telecomunicações do Brasil, Volkswagen e Corozita, além de empresas menores que surgiram com objetivo de prestarem serviços a essas de grande porte (Steelcoat, S.M. Sistemas, Modulares, Gestamp, SAS Automotive, Sesé entre outras). A atividade comercial e educacional também tem amplo espaço no município. Hoje há dois shoppings centers, hipermercados, uma universidade de autarquia municipal e outras faculdades.

De acordo com a Pesquisa de Ocupação, Renda e Escolaridade (PORE) realizada pelo Núcleo de Pesquisa Econômico-Sociais (NUPES), o setor que mais emprega na cidade é o de serviços (37,8% da população ocupada), procedido da atividade industrial com 30,07%. Isso significa dizer que quase um terço da população ocupada do município trabalha na área da indústria. Veja o Gráfico 1.

¹³ Taubaté está localizada no Vale do Paraíba, às margens da Rodovia Presidente Dutra, a 120 km da cidade de São Paulo e a 240 km do Rio de Janeiro.

Fonte: NUPES/UNITAU, abril de 2014.

Gráfico 1 - Ocupação por Setor de atividades em Taubaté, em % - abril de 2014

Além disso, como o professor da UNITAU e economista Edson Trajano (2014) ressaltou na Gazeta de Taubaté, a indústria é um dos segmentos que paga os melhores salários em Taubaté. Essa afirmação é corroborada pelos dados do PORE de abril de 2014 (Gráfico 2). De acordo com a pesquisa, quem trabalha na indústria tem as melhores remunerações (cerca de 3,2 salários mínimos - em abril de 2014).

Fonte: NUPES/UNITAU, abril de 2014.

Gráfico 2 - Remuneração dos Ocupados conforme setor de atividade em Taubaté em abril de 2014, em reais

Apesar do seu forte aspecto industrial e do seu tamanho, Taubaté é vista como uma cidade que possui agudas marcas de conservadorismo, o que se reflete não só nas suas relações sociais, mas também na política. Segundo o historiador da Universidade de Taubaté, Fábio Ricci¹⁴, esta característica deve-se ao modo que se estruturou a formação do município.

Seguindo a linha de raciocínio traçada por Letícia Maria Pinto da Costa (2007), diferentemente de outros locais, como o Oeste paulista, com o fim do regime escravocrata, Taubaté, que ainda se dedicava à produção de café, resistiu à entrada de imigrantes para trabalharem em suas lavouras. Por isso, posteriormente, a mão-de-obra para as atividades industriais teve que ser absorvida das cidades rurais próximas, como São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Redenção da Serra, Caçapava e Tremembé.

Sendo assim, segundo Ricci, Taubaté, ao contrário de outras cidades que no momento de sua industrialização tiveram focos de migrações de todas as partes do país, recebeu imigrantes de locais vizinhos que tinham as características culturais bem semelhantes às suas. A dinâmica do município, por conseguinte, ficou restrita aos mesmos elementos, o que acarretou um desenvolvimento industrial em moldes conservadores.

¹⁴ Entrevista concedida no dia 2 de fevereiro de 2012.

Na mesma direção, Silvio Costa (2005) ressalta que o processo de industrialização na cidade pode ser considerado lento em relação aos outros locais do país, porque a industrialização impulsionada pelo fim da era cafeeira não provocou um impacto no mundo rural em direção ao urbano-industrial. Na realidade, foi ao contrário, o aspecto rural, os seus costumes e os modos de vida foram incorporados à cidade.

Ricci afirma que com este tipo de modernização houve uma continuidade do poder de certos grupos na política devido à força econômica desempenhada por eles ou por quem os apoiava. É possível verificar que na cidade de Taubaté alguns nomes e siglas partidárias se mantêm no comando da política por longos períodos de tempo, sem que haja mudanças drásticas.

Neste diapasão, como lembra Costa (2007), podemos mencionar o caso marcante da família Guisard que conquistou o comando da cidade por cinco mandatos, iniciando com o mandato de Félix Guisard em 1926¹⁵. Além deste exemplo, outro que chama a atenção é a persistência do PSDB à frente do executivo municipal.

Desde a volta ao pluripartidarismo, o governo do PSDB se manteve por cerca de 19 anos com o cargo de prefeito da cidade. Se por um lado há o predomínio dessa sigla, por outro, os partidos tidos mais à esquerda têm um fraco desempenho. Os gráficos abaixo demonstram a performance dos partidos que competiram desde 1988¹⁶:

¹⁵ Félix Guisard foi prefeito da cidade entre os anos de 1926 e 1930. O seu irmão, Jaurés Guisard, manteve este posto durante um pouco mais de um mês no ano de 1947 e depois nos mandatos de 1956 a 1959, e de 1964 a 1969. Já entre os anos de 1952 e 1955, Felix Guisard Filho esteve à frente do executivo municipal.

¹⁶ Optou-se por coletar os dados a partir da eleição de 1988 devido a uma questão metodológica: a primeira eleição municipal (1982), após a volta do multipartidarismo, permitia que cada partido lançasse para prefeito a candidatura de mais um nome.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do TSE e do Seade.

Gráfico 3 - Resultado das eleições realizadas em Taubaté-SP entre 1988-2012 para o cargo de prefeito

Nas últimas sete eleições, quatorze partidos, em algum momento, já tentaram chegar à prefeitura municipal de Taubaté. As siglas que mais participaram dessas eleições entre 1988 e 2012 foram o PSDB, com seis candidaturas, seguido pelo PT e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), com quatro candidaturas cada um. Os dados das eleições para prefeito indicam que há uma alta rotatividade de partidos que se dispõem a lançar candidatos, alguns neste período concorreram em apenas uma ocasião, como o PTR (Partido Trabalhista Renovador), o PPS (Partido Popular Socialista), o PHS (Partido Humanista da Solidariedade), PSD (Partido Social Democrático) e o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), sendo que os outros, com exceção do PDT (Partido Democrático Trabalhista) que teve três candidaturas, lançaram nomes para prefeito apenas duas vezes.

A partir de 1992, o PSDB passa a ser a grande força no cenário local, vencendo cinco das seis eleições do período, com exceção do pleito de 2008 em que o partido fica em terceiro lugar, atrás do PMDB que elegeu Roberto Peixoto e do PV (Partido Verde), com Padre Afonso.

O PT, por sua vez, teve candidato nas três primeiras eleições deste período, contudo, com um desempenho que não ultrapassa a casa dos 10%; somente em 2012, quando o partido

volta a ter um candidato próprio, depois de três eleições, é que o seu número cresce de modo significativo, chegando à marca dos 25%.

Já o PMDB, nas quatro eleições que teve alguém concorrendo ao cargo de prefeito, manteve uma média de votos razoável, ficando em segundo lugar em duas ocasiões (eleição de 1988 e 2004) e chegando ao poder em 2008. Somente em 1996 que teve um desempenho fraco, com a penúltima posição.

Ao contrário do que se possa imaginar, essa dinâmica não fica restrita às eleições para o executivo municipal. Ao analisarmos a votação das últimas eleições para presidente da República na cidade de Taubaté, percebe-se também a manutenção comportamental, em que os candidatos do PSDB obtiveram preferência do eleitorado ¹⁷, com exceção da eleição de 2002, quando Lula (PT) obteve a maioria dos votos.¹⁸ Em 2014, por exemplo, Aécio Neves (PSDB) obteve 45,54% dos votos e Dilma (PT) ficou com 17,76%, atrás ainda de Marina Silva (PSB) que teve 31,98%. No segundo turno, o partido em questão conquistou 74,33% dos votos válidos. Comparado com a votação obtida no Brasil, no estado de São Paulo e na própria capital, a porcentagem é sempre superior.

¹⁷ De acordo com os dados disponíveis no site do TSE, em 1994, Fernando Henrique (PSDB) obteve 49,035% e Lula (PT) 27,669%. Na eleição seguinte, FHC (PSDB) torna a ter a maioria dos votos com 58,026% e o candidato do PT, Lula, teve 32,337%. Já em 2002, houve uma exceção e Lula (PT) alcança 54,356% dos votos e José Serra 24,021%. Em 2006, o PSDB volta a ter a maior votação, Geraldo Alckmin conseguiu 57,46%, enquanto Lula (PT) ficou com 33,40%. Na eleição de 2010, a candidata Dilma (PT) chegou à marca de 27,98% e José Serra obteve 42,31%.

¹⁸ De acordo com a análise feita por Jairo Nicolau e Vitor Peixoto (2007), a votação de Lula em 2002 foi maior nas grandes cidades (aumenta constantemente a partir de 50 mil habitantes) do que nas pequenas. Além disso, eles verificaram que existiu um padrão de associação entre os indicadores sociais (Taxa de analfabetismo % - 15 anos ou mais –; percentual de pobres; renda *per capita*; esperança de vida ao nascer) e a votação de Lula: quanto melhor era a situação social do município, maior tendeu ser a sua votação.

Tabela 3- Resultado da eleição presidencial de 2014 (Votos válidos em %)

Candidatos	1º Turno				2º Turno			
	Brasil	São Paulo (Estado)	São Paulo (Capital)	Taubaté	Brasil	São Paulo (Estado)	São Paulo (Capital)	Taubaté
Dilma (PT)	41,59	25,82	26,08	17,76	51,64	35,69	36,19	25,67
Aécio (PSDB)	33,55	44,22	43,68	45,54	48,36	64,31	63,81	74,33
Marina (PSB)	21,32	25,09	23,94	31,98				
Luciana Genro (PSOL)	1,55	2,41	3,33	2,26				
Everaldo (PSC)	0,75	0,62	0,59	0,75				
Eduardo Jorge (PV)	0,61	1,03	1,35	0,99				
Levy Fidelix (PRTB)	0,43	0,59	0,79	0,52				
José Maria (PSTU)	0,09	0,08	0,09	0,09				
Eymael (PSDC)	0,06	0,06	0,07	0,04				
Mauro Iasi (PCB)	0,05	0,05	0,06	0,05				
Rui Costa Pimenta (PCO)	0,01	0,02	0,02	0,02				

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do TSE e do Seade.

Portanto, percebe-se que historicamente o PSDB tem grande força eleitoral na cidade, tanto nas eleições para o executivo municipal quanto para presidente. A Cecap, como parte integrante da cidade, parece seguir essa mesma predisposição para votar nos candidatos do PSDB.¹⁹

¹⁹ Estudos e dados que abordem a conjuntura política de Taubaté são bastante escassos e não encontramos nenhuma investigação que tentasse delinear os motivos para a força eleitoral do PSDB na cidade de Taubaté-SP. Esta pesquisa, apesar de saber da relevância desta problemática, não tem a pretensão de fazer tal análise, uma vez que o nosso foco é específico e constitui um estudo de caso dos conjuntos habitacionais da Cecap.

Ao fazermos o levantamento dos resultados eleitorais em locais de votação próximos à Cecap²⁰, percebemos que ali o partido também conquista altas taxas de apoio²¹. Em 2006, por exemplo, o PSDB conquistou metade do eleitorado.

Tabela 4- Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2006 em um local de votação próximo à Cecap em Taubaté-SP (em números absolutos)

Locais de votação	Lula (PT)	Alckmin (PSDB)	Heloísa Helena (PSOL)	Branços/Nulos	Total
E.E Miguel Pistilli	1047	1451	182	207	2924
%	36%	50%	6%	7%	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté-SP.

Em 2010, conforme já pode ser observado na tabela 1, com a entrada de Marina Silva, a taxa de votos do PSDB caiu, mas mesmo assim conquistou a maioria dos votos. O candidato José Serra (PSDB) angariou 36% dos votos, a candidata Dilma Rousseff (PT) ficou em segundo lugar (30%), seguida por Marina Silva (PV), que obteve 26%.

Tendo em vista a tese do lulismo desenvolvida por André Singer, por ser um local considerado de baixa renda, era esperado que a candidata do PT tivesse a maioria dos votos e, em contrapartida, o PSDB tivesse uma porcentagem menor devido ao realinhamento ocorrido em 2006. Com o início da pesquisa e apreciação dos resultados eleitorais, percebeu-se que na realidade a mesma predisposição geral que existe na cidade, também acontece nas urnas próximas à Cecap.

2 A Cecap e as moradias populares

A Cecap está situada em uma parte afastada da área central da cidade. O tempo de trajeto entre estes dois lugares, de carro, é de cerca de 20 minutos, com uma distância aproximada de 12 km. No mapa abaixo, é possível visualizar a sua localização: tendo como referência a Praça Dom Epaminondas, que fica no centro do município e é considerada um dos primeiros marcos taubateanos, nota-se que o local de estudo desta pesquisa se encontra na extremidade oeste da cidade, bem próximo ao distrito de Quiririm.

²⁰ O levantamento foi feito com base no resultado das votações por seção. Os dados foram disponibilizados pelo Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté-SP.

²¹ Destaco mais uma vez que a presente pesquisa é um estudo de caso que busca analisar o comportamento eleitoral de moradores de quatro conjuntos habitacionais e, portanto, não pretende analisar a votação destas urnas eleitorais. Os dados são utilizados para que o leitor tenha uma noção do contexto eleitoral da região.

Fonte: GOOGLE MAPS, 2015.

Figura 2 - Mapa de Taubaté, com a localização da Cecap

A região em questão é formada por quatros conjuntos habitacionais e cada um constitui um bairro diferente. Todos esses bairros levam o mesmo nome, o que os distingue são os números no final do título, que foram dados de acordo com a cronologia de seu estabelecimento: assim, há a Cecap I, Cecap II, Cecap III e a Cecap IV.

Logo, internamente, o local não é homogêneo. As quatro Cecaps, apesar de serem constituídas por moradias populares e estarem quase que interligadas, separadas muitas vezes apenas por uma rua ou por uma praça, têm aspectos bem diversos umas das outras, sendo possível as diferenciar a olho nu. Como será mostrado, as principais distinções referem-se ao tipo de edificação que foi erguido, a disposição dos empreendimentos no espaço e o período da construção, uma vez que quanto mais antigo o bairro, mais acentuado é o número de mudanças estruturais que foram feitas pelos moradores nos imóveis.

Os bairros mais antigos são formados por casas (a Cecap I é formada por sobrados e a Cecap II por casas térreas), enquanto os mais novos têm unidades verticais em sua composição (a Cecap III foi desenvolvida unicamente por prédios e a Cecap IV por casas e apartamentos). O número de moradias, assim como a sua organização, não segue uma padronização específica. O bairro que tem o maior número de residências é a Cecap III, com 1.024 apartamentos, apesar de não ter a maior área de terreno.

Fonte: Elaboração própria a partir da imagem do Google Earth.

Figura 3 - Mapa das Moradias Populares da Cecap

Quando nos localizamos em certas partes da região, conseguimos perceber nitidamente o encontro dos bairros, como pode ser notado na foto a seguir, em que mostra as residências da Cecap II e III. As três primeiras Cecaps estão bem mais próximas: o segundo residencial formado encontra-se entre o bairro mais antigo e os prédios da Cecap III, enquanto a última Cecap é separada das outras por um terreno.

Figura 4 - Casas da Cecap II à frente e Prédios da Cecap III atrás

As moradias populares na região tiveram o seu início na década de 70, quando a Caixa Econômica Federal deu início ao projeto de construção de casas da Companhia Estadual de Casas Populares (CECAP).

Em 1977, o Residencial Parque Monteiro Lobato, hoje bem mais conhecido como Cecap I, passou a ser construído. A proposta original, como exibida na planta do bairro (Figura 4), não foi consolidada: as quadras T, U, V, W, X, Y e Z, que estão centradas do lado direito da Rua 3 (próximas ao cemitério existente); a quadra S que está situada paralelamente a Rua C e a quadra H que fica próxima a Rua 1 não foram construídas. Foram erguidos somente 571 sobrados, que atendeu cerca de 2.700 moradores. O espaço remanescente tornou-se posteriormente parte da Cecap II.

As casas da Cecap I estão organizadas em círculos, com as suas fachadas voltadas para uma pequena praça central, ficando, deste modo, as residências dispostas umas em frente das outras. Como pode ser verificado na planta do projeto, os imóveis ficaram isolados e o seu acesso pode ser feito apenas por pequenas vielas que interligam as quadras. Portanto, diferente de um padrão urbano mais comum, este bairro não é formado por quarteirões que são recortados por ruas, mas está estruturado em torno de 16 quadras.

De acordo com Antônio Willamys Fernandes da Silva (2005), essa disposição restritiva teve como intuito estabelecer um espaço de convívio semelhante à de uma pequena comunidade, de modo que estimulasse a interação e o contato dos vizinhos. Devido a sua configuração estrutural, a Cecap I foi apelidada pela equipe técnica do projeto como “Forte Apache” em alusão as construções dos índios dos Estados Unidos.

Segundo Sandra Mara Aggio (1992), quando o empreendimento foi implantado não foram entregues alguns dos equipamentos propostos no projeto (centro comercial, centro esportivo e centro comunal), gerando um déficit de recursos para a população. Hoje, entretanto, os espaços de serviços aumentaram, na área que fica acima das construções da Cecap I, adjacente à Avenida Carlos Pedroso da Silveira, existem uma quadra coberta, três campinhos de futebol, alguns quiosques, um playground, além da escola estadual Miguel Pistilli (inaugurada apenas em 1990) e do 4º distrito policial.

Fonte: CDHU de Taubaté

Figura 5 - Planta das moradias da Cecap I

Décadas mais tarde, em 1994, por meio da parceria entre prefeitura e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), um segundo bairro foi construído com o intuito de sanar o déficit habitacional na cidade. No Residencial Guido Miné ou Cecap II foram entregues 500 casas às famílias que tivessem baixa renda comprovada (ADIB, 2001; BUENO, 2006; MARCONDES, 2003; MELO, 1998). Com esse projeto, o governo tinha a previsão de atender 2.500 habitantes.

Dois tipos de moradias foram levantados no local: um nomeado TG 13 A e outro 07-88. A área construída do primeiro é de 33,39 m² e o imóvel está equipado com cozinha, sala, dormitório e banheiro, além de uma pequena área de serviço na parte de trás do terreno. Esse modelo foi implantado em 284 unidades. As outras 216 casas tinham uma área de 35,72m² e o que principalmente as diferenciava das outras habitações era o modo como os cômodos estavam distribuídos e o acréscimo de uma copa. Nesse tipo de habitação, por exemplo, a área de serviço ficou posicionada na parte lateral da residência.

Os 500 imóveis foram dispostos em vinte e um quarteirões. As áreas de lazer, como pode ser percebido na planta do bairro, foram projetadas para que ficassem entrelaçadas a alguns desses quarteirões, de modo que determinadas residências acabaram voltadas para um tipo de praça. Hoje, nestes locais encontram-se quadras e alguns equipamentos de *playground* para crianças, mas a maior parte é constituída por um espaço verde, com árvores, plantas e bancos de concreto.

No projeto também estava incluso áreas para escolas e comércio. Contudo, em alguns desses locais foram construídos outros tipos de equipamentos, diferente do proposto inicialmente. Por exemplo, há lugares que eram para ser destinados à iniciativa privada, mas que veio a se tornar um campo de futebol.

Hoje, apesar da Cecap II não ter a mesma antiguidade da Cecap I, estes dois bairros são onde se encontram as moradias com as melhores infraestruturas. Muitas das casas, principalmente da primeira Cecap, não estão mais padronizadas e já sofreram muitas modificações e reformas, apesar de ainda ser possível encontrar residências que mantêm a mesma estrutura inicial.

Já a Cecap III é constituída por prédios populares produzidos também pela prefeitura de Taubaté e pela CDHU, onde, de acordo com o site da Secretaria de Habitação do governo do estado de São Paulo, foram atendidas famílias que tinham renda de 1 a 10 salários mínimos.

O bairro, que foi implementado em 1998, é constituído de 1024 apartamentos, divididos em 64 blocos, sendo que cada um tem 16 apartamentos (ADIB, 2001; BUENO, 2006; MARCONDES, 2003; MELO, 1998). A população prevista para o bairro era de 5.120 habitantes, com uma média de cinco pessoas por imóvel.

As unidades entregues são do tipo V.G.2.2.B: 51,61 m² de área construída e formada por dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma pequena área de serviços.

Além dos espaços destinados à habitação, o projeto também incluiu um sistema de lazer, que se situa ao lado dos prédios. Contudo, hoje neste local há apenas uma quadra deteriorada, um pequeno lixão, uma construção onde são feitas reciclagens, além de terrenos vazios, que aparentemente não têm qualquer serventia.

Por fim, o último bairro implantado é composto por 630 unidades, sendo 198 casas térreas e 432 apartamentos. A inauguração das casas ocorreu em outubro de 2005 e dos prédios se deu apenas três anos depois, no final de 2008. Cada residência – tanto casas quanto apartamentos – tem em média 45 m² de área construída e são constituídos de dois dormitórios, sala, cozinha, banheiro e área de serviços.

Como pode ser percebido na planta do projeto, os apartamentos estão dispostos em 27 blocos, reunidos em duas quadras e as casas estão organizadas em quatro quarteirões, sendo que cada um tem cerca de 50 moradias. Apesar de o projeto ter incluído áreas para quadras de esporte, por meio do trabalho de campo foi possível observar que não foi posto em prática e hoje esses espaços se encontram vazios.

Fonte: CDHU de Taubaté.

Figura 8 - Planta das moradias da Cecap IV

3 A trajetória do Trabalho de Campo

A entrada em um novo mundo de pesquisa não é uma tarefa simples. Apesar de já ter estado na região da Cecap e ter frequentado alguns de seus espaços em certas ocasiões, o conhecimento que tinha do local era restrito à de um estrangeiro que reconhece apenas superficialmente e sem qualquer afincos os principais pontos do território. A estratégia utilizada para viabilizar a pesquisa foi entrar, inicialmente, em contato com moradores da Cecap que eu conhecesse e que pudessem me auxiliar nos primeiros passos.

No dia nove de setembro de 2013, realizei as minhas primeiras entrevistas. As irmãs Juliana e Selma²² foram bem abertas e acolhedoras e se dispuseram a abrir a porta de sua casa para me expor um pouco sobre as suas vidas no bairro que moram desde a infância. Além das valiosas informações que ajudaram e orientaram as minhas investigações, elas me proporcionaram uma possível rede de informantes na região. Assim, iniciava-se um leque de questões que foram se desenrolando ao longo da pesquisa.

Depois deste primeiro encontro, iniciei as minhas caminhadas pelos bairros da Cecap. Apesar de já ter realizado as duas entrevistas anteriores na Cecap, ainda não tinha adentrado de fato na região. No dia 25 de setembro tinha outra entrevista marcada em um dos apartamentos dos prédios da CDHU, e naquele momento aconteceu uma das minhas observações iniciais: o bairro que até então achava que conhecia foi logo tomado por uma nova visão, a do estranhamento. Havia anos que não entrava naqueles prédios (quando o fiz ainda era criança) e nessa oportunidade tive a impressão que aquele lugar tinha sido esquecido no tempo, uma vez que o aspecto de pintura antiga e maus cuidados saltavam aos olhos.

Como estava fora da minha zona de conforto, a apreensão tomou conta de mim em vários momentos. Nada fazia parte do meu cotidiano e por mais que tentasse me desvencilhar, estava absorvida por uma visão alienígena. A imagem largamente difundida de uma periferia cercada de homogeneidade e violência era uma constante durante as primeiras caminhadas, o que acarretava a impressão de que a qualquer momento eu sofreria algum dano.

Na maioria das vezes que circulei pelos bairros, fui acompanhada por meu irmão Matheus. Geralmente chegávamos de carro, o estacionávamos em um bairro bem próximo e seguíamos a pé a trajetória por entre os quatro bairros da Cecap. Além do receio, também

²² Para manter a privacidade e para que os entrevistados não ficassem reticentes para contar detalhes de sua vida, comprometi-me a manter a confidencialidade de suas identidades, por isso os nomes próprios citados aqui são fictícios.

logo no começo percebi que não tinha conhecimento dos espaços existentes na região. Sabia que ao todo eram quatro conjuntos habitacionais e que cada um formava um bairro distinto, mas, para a minha surpresa, conhecer as plantas dos locais não foi o suficiente para não se perder. Quando iniciei as idas, não conseguia distinguir onde começava e terminava cada bairro e o mais difícil era se localizar, principalmente entre as praças da Cecap I. Por várias vezes tive que andar com o mapa nas mãos, com a finalidade de entender o caminho que devia tomar. Houve até mesmo uma ocasião em que não conseguíamos achar o local onde havíamos estacionado o carro. Ficamos caminhando durante mais de uma hora até encontrá-lo. Desta maneira, iniciou-se o trabalho de campo: com muitos obstáculos a serem superados.

Como já ressaltado, não tínhamos dia específico para fazermos as visitas e com isso percebemos que durante os finais de semana o bairro ganha um aspecto totalmente diferente. As ruas ficam bem mais movimentadas: há crianças empinando pipa, grupos de adolescentes paquerando e vários moradores sentados nas praças ou em frente de casa conversando e observando o movimento. Os espaços de atividades coletivas estão sempre ocupados. Os pais levam os filhos para brincar nos parquinhos, os adultos fazem competições de futebol nos campinhos e os bares e lanchonetes sempre têm grupos de clientes se relacionando.

O lazer destes moradores muitas vezes fica restrito ao espaço físico do bairro. Quando questionei Rogério, um dos meus entrevistados, sobre as formas de lazer, ele se conteve um pouco, parou e pensou, de maneira a não saber o que responder. Então tive que auxiliá-lo e continuei: “Você joga bola com os seus filhos? Vai ao parquinho da praça? Quando quer se divertir, o que faz?”, e ele soltou:

Isso não tem muito, porque nesta parte do bairro não tem nada de lazer. Tem que procurar em outras partes, mas a gente não tem muito tempo, por causa do trabalho, só vou quando dá. Raramente vou ao cinema... Muito raramente. Aí a gente fica por aqui mesmo. (informação verbal)²³

Apesar dos ambientes de lazer serem poucos ou não terem infraestrutura adequada, os moradores, por não terem possibilidade de se locomover ou de arcar com os custos, acabam usufruindo dos equipamentos existentes na região.

Já durante a semana, o bairro fica bem mais vazio, o momento de maior movimento se dá durante a saída dos alunos das escolas, quando as ruas ficam cheias de jovens andando em grupos com destino a seus lares. Alguns moradores trabalham em pequenas fábricas que ficam próximas à Cecap, mas com exceção destes trabalhadores, a maioria das pessoas com que tive contato trabalha fora da região e só retorna para suas moradias no final do dia, quando o expediente termina. De acordo com os próprios moradores, apesar de abrigar muita

²³ Informação fornecida por Rogério, 37 anos - fiscal de loja no supermercado Carrefour.

gente, a região não oferece muitos empregos e como não há opções por perto, eles precisam se deslocar para outros locais da cidade:

Olha, todo mundo que mora aqui trabalha em lugares mais longe, porque aqui mesmo não tem opções e quando chega supermercado, por exemplo, eles procuram para fora também, quase não vejo gente do bairro trabalhando no bairro. Então, dentro aqui do bairro, quando tem emprego, trabalha gente de fora e gente daqui procura fora, porque não tem opção. (informação verbal)²⁴

Em todas as idas, com exceção do dia de minha primeira entrevista, cheguei durante o período diurno ou vespertino. A minha atenção com o horário foi robustecida depois que alguns moradores me aconselharam a não andar, principalmente sozinha, à noite pela região devido à segurança.

É verdade que nunca fiquei até tarde da noite na região, às vezes que fiz algumas caminhadas noturnas foi porque cheguei ao bairro no período da manhã e continuei por lá até depois do pôr do Sol. À noite é possível notar que muitos elementos que não se revelam a luz do dia passam a ser desvendados. As ruas começam a ficar bem mais vazias, alguns comércios fecham as suas portas, enquanto outros, destinados principalmente à alimentação (carrinhos de lanches, pastelarias, espetinhos e outros) se abrem. Neste período, o movimento é principalmente de jovens que andam geralmente em grupos. Mas, como destaca Gabriel Feltran: “A aura da violência e o medo de circular pelo bairro, sobretudo é um fenômeno prioritariamente noturno, cresce muito depois que o Sol se põe”. (FELTRAN, 2011, p. 41) e, para um pesquisador de fora, esta questão é um dos grandes desafios a ser enfrentado.

No período inicial do trabalho de campo, quando tudo é novo, o pesquisador precisa se aventurar até compreender os códigos existentes entre os moradores. Certa vez, conduzida pela curiosidade, fui me embrenhar por entre umas árvores que tem ao lado dos prédios da CDHU para tentar conversar com alguns rapazes que ali estavam. Contudo, logo percebi que não era bem-vinda. Lá havia cerca de seis jovens sentados em bancos improvisados e quando notaram a minha presença começaram a se movimentar. Tive que deixar rapidamente o local. Com a etnografia, passamos a entender a dinâmica da região e quais são os locais permitidos e aqueles que devem ser evitados. Após o acontecimento, descobri que ali se localiza um dos pontos de droga e que os próprios moradores evitam circular por aquela parte.

O receio de andar por certos espaços persistiu durante os primeiros meses, mas com o passar do tempo, o lugar já não era mais um território totalmente alheio e estranho. A visão forasteira, então, já não fazia parte dos empreendimentos: os rostos e os lugares já se tornaram

²⁴ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

conhecidos e não traziam mais a sensação de medo, pelo contrário, suscitavam certa familiaridade.

É verdade que houve momentos em que o temor veio à tona novamente. No dia dois de outubro de 2014, por exemplo, mais de um ano após a minha primeira incursão a campo, presenciei um grupo de garotos atirando um coquetel molotov em um ônibus circular que passava pela principal rua da região. Apesar da tentativa, os adolescentes não conseguiram incendiar o transporte. Logo após o episódio, a região ficou cheia de policiais e muitos moradores comentavam o ocorrido²⁵. Naquele momento fiquei aterrorizada, e a verdade é que, se eu não estivesse acompanhada por dois moradores, teria fugido do local.

As caminhadas pelos bairros tornaram-se momentos bastante produtivos. A constância do campo permitiu que eu reconhecesse e fosse reconhecida. Ao longo do meu percurso, por diversas vezes encontrava acidentalmente algumas pessoas que já tinham se tornado conhecidas e que já me cumprimentavam e paravam para conversar voluntariamente, sem serem interpeladas. Os caminhos também se tornaram penetráveis, não tinham mais aspectos de labirintos sem saída. Com o tempo, passei a circular com mais afinidade pelos espaços e passei a me situar mais facilmente. Após alguns meses de inserção, já era possível caracterizar as moradias de cada conjunto e as suas especificidades.

²⁵ A ação dos adolescentes foi noticiada no jornal Gazeta de Taubaté. Ver: MENDES, M. Clima de Terror! **Gazeta de Taubaté**, Taubaté-SP. 461 ed. 3 de out. de 2014, p. 08-09.

CAPÍTULO II – Melhora de vida e simpatia lulista numa periferia de Taubaté

Neste capítulo, iniciaremos a análise das concepções políticas dos habitantes da região da Cecap, a qual será concluída no capítulo seguinte com a apreciação dos dados coletados exclusivamente durante o período eleitoral de 2014. O intuito é compreender a organização mental das perspectivas sócio-políticas desses moradores, destacando principalmente os aspectos relacionados ao lulismo. Tais aspectos são importantes para a compreensão do comportamento eleitoral dos pesquisados, ajudando a elucidar fatores que estão por trás do voto.

A partir da etnografia e das entrevistas realizadas, percebeu-se que existe dentro da Cecap um ambiente simpático, embora não ideologicamente elaborado, aos governos do PT no plano federal, uma vez que grande parte dos entrevistados diz ter sido beneficiada e/ou aprova alguma de suas políticas. Porém, em 2014, essa simpatia não se refletiu, na maioria dos casos, em apoio eleitoral ao partido, ocorrendo uma queda na votação se comparado com a eleição presidencial de 2010. A análise a seguir busca oferecer os primeiros indícios para que se compreenda o motivo que levou o PT a perder parte desses votos de uma eleição para a outra, ainda que a simpatia geral pelo partido, em partes, tenha permanecido.

1 A conquista da moradia popular e o início da melhoria de vida

As entrevistas com os moradores da Cecap, cujas primeiras unidades habitacionais foram inauguradas no final da década de 1970 e as últimas em 2008, revelaram que a aquisição da moradia popular é vista como o primeiro degrau para a ascensão social, reforçada pela possibilidade de repará-la e reformá-la de acordo com as necessidades e aspirações de cada um. A mudança para a casa própria modificou completamente o padrão de vida dessas pessoas. Antes de irem para a região, a maioria vivia em casas alugadas, com algum parente ou ainda em residências precárias, como será exposto adiante.

Os que se englobam no primeiro caso, deixaram de despendar uma grande quantia da renda no pagamento da locação e passaram a investir o dinheiro economizado em alimentação, higiene, lazer, educação, saúde e/ou em benfeitorias na nova residência. É verdade que eles ainda precisam arcar com o financiamento, posto que os imóveis não são

doados, entretanto, como as prestações têm valores baixos²⁶ em comparação aos alugueis, o orçamento não fica totalmente comprometido com essa despesa como ocorria anteriormente. Ademais, muitos dos que estavam nessa condição sustentam que dificilmente teriam tido a chance de comprar um domicílio, uma vez que não possuíam recursos suficientes.

Já os que não tinham gastos com habitação, pois moravam de favor ou em locais insalubres, ao se tornarem proprietários, acabaram adquirindo certa independência e um padrão de conforto antes não desfrutado. Até mesmo aqueles que diziam não gostar da região e desse sistema de moradia, por não ter se adaptado à rotina dessa periferia, admitiam que a obtenção da casa foi um “sonho realizado”, pois permitiu que eles vislumbrassem um futuro mais estável. Pode-se acrescentar a isso, o fato do domicílio assegurar uma maior segurança familiar, pois a pessoa não tem mais a preocupação de não ter onde abrigar a sua família caso ocorra algum imprevisto financeiro ou caso seja despejado do lar pelo parente ou pelo proprietário da residência, quando a mesma for alugada.

Nelson tem 53 anos e, 18 anos antes da pesquisa, havia sido um dos selecionados pela CDHU para receber um dos apartamentos da Cecap III. Atualmente, como está sem emprego, ele procura fazer alguns “bicos” como pintor com a finalidade de obter alguma renda. Em um dos encontros que tive com Nelson, por exemplo, ele estava ajudando na pintura da igreja católica Santo Agostinho que fica entre a Cecap I e a Cecap II.

Em sua casa, moravam a sua mulher, seus quatro filhos (sendo que um estava residindo lá provisoriamente, pois brigou com a esposa) e uma neta. O apartamento da família possui uma sala, dois quartos, um banheiro e uma cozinha que está ligada a uma pequena área de serviços. Antes da mudança para a CDHU, eles viviam em uma construção que ficava nos fundos da residência da sogra, no bairro Jaboticabeiras²⁷. Ele garante que a casa foi “um presente de Deus”, pois dificilmente teria tido condições financeiras de comprá-la.

Olha menina, a verdade é a seguinte: aquela casa lá foi um presente de Deus para a gente. Um presente de Deus mesmo, o modo que eu ganhei a casa. (informação verbal)²⁸

Segundo o seu relato, se não tivesse sido beneficiado, ele teria que continuar a depender da mãe da sua esposa ou teria que arcar com gastos de um aluguel que não caberia em seu orçamento. Apesar de ele ter consciência desse fato e de como essa aquisição transformou a sua vida, Nelson via com certo receio o dia-a-dia do bairro. Em sua fala, ele advertia a todo o momento que não gostava do local e que sentia vontade de voltar a habitar

²⁶ O valor da prestação varia de caso para caso, dependendo da renda familiar. Segundo o site da CDHU, o comprometimento máximo é de 30% da renda da família.

²⁷ Jaboticabeiras é um bairro de classe média que fica próximo ao Centro da cidade de Taubaté.

²⁸ Informação fornecida por Nelson, 53 anos - faz bicos.

próximo à região central da cidade, pois julgava haver muitas pessoas de má índole ao seu redor. Sobre esse fato, Nelson expõe:

Eu acho assim, tem muita concentração de pobre, muito olho gordo. Atrapalhou a gente. Não sei explicar para você o que acontece, muita coisa negativa no ar.

[...]

Se eu falar que eu gosto, eu vou mentir. Eu não gosto daqui. Mas é o lugar que eu tenho para morar, então não posso reclamar. Entende? Se eu tiver uma chance, eu vou embora. (informação verbal)²⁹

Nelson, mesmo não gostando da Cecap, disse que atualmente não pode se mudar, pois sabe que ter a residência própria impacta positivamente nos gastos financeiros.

Os habitantes da Cecap já possuem a chave da casa (mesmo que financiada); o próximo passo é conseguir adequar a moradia tendo em vista a disponibilidade financeira. Como eles receberam a habitação pronta, com toda a estrutura básica já edificada, todos os investimentos que são feitos no imóvel têm como intuito o avanço do que já existia. Esse processo de modificação não é restrito à Cecap, mas também foi identificado por outras pesquisas que avaliaram outros conjuntos habitacionais (ANDRADE e LEITÃO, 2006; ANTUNES, 2007; CASTELLS, 1987; MONTEIRO, 2000). De acordo com esses estudos, assim que as casas e apartamentos foram entregues, o padrão inicial das edificações foi logo alterado pelos residentes, sendo que alguns transformaram totalmente a construção e outros fizeram apenas pequenas variações.

Deve-se observar que a entrada nesse tipo de sistema de moradia difere esses habitantes daqueles de periferia que iniciam a sua ascensão primeiramente com a compra do terreno e avançam com a construção parcelada da casa, embora ambos tenham um projeto gradual de melhoria do imóvel, como verifica Durham (2004) com base em resultados etnográficos realizados nas periferias das cidades de São Paulo, Marília, Rio Claro e São José dos Campos. Enquanto os primeiros já têm a posse do domicílio, os segundos ainda precisam ultrapassar esse patamar, o que os coloca em uma situação mais desfavorável.

Outro exemplo de como a posse da casa fez diferença é Dona Rosângela. Durante grande parte da sua vida, Rosângela morou em habitações alugadas na cidade de São Paulo. Em 2000, com a ajuda financeira de um dos seus cinco filhos, conseguiu mudar-se para a Cecap I. A entrevistada comprou a casa de um antigo morador e assumiu o restante da dívida com a CDHU. Ela, que inicialmente foi faxineira de casas de família durante o dia e à noite limpava o banco Itaú, tornou-se depois costureira, conseguindo realizar o sonho de ter uma moradia somente aos 60 anos.

²⁹ Ibidem.

Realizei o sonho da minha vida de ter uma casa, que eu não pensava que não ia conseguir em São Paulo e criei os meus filhos bem, graças a Deus.

[...]

Eu gosto da tranquilidade, do ar daqui. Eu morei a vida inteira em São Paulo. Trabalhei, casei, noivei, namorei, criei todos os meus filhos lá em São Paulo. Depois com 60 anos comprei a minha casa na Cecap. [...] A minha filha já morava aqui [Cecap II]. O meu genro foi transferido da Ford de São Bernardo para Ford de Taubaté. Aí a gente já conhecia o bairro, já conhecia aqui. Como eu não tinha casa em São Paulo, aí vim para cá. Lá eu morei a vida inteira de aluguel, não consegui comprar casa lá. [...] Essa é a única casa que tive na vida e que vou ter, ela é até morrer. (informação verbal)³⁰

Para Rosangela, dar esse passo foi essencial. Representou uma transformação drástica em sua história e uma possibilidade de ter uma velhice mais tranquila, já que não precisaria mais arcar com os gastos do aluguel. A sua fala a seguir é bastante elucidativa, pois evidencia como ter a residência própria proporciona uma melhor qualidade de vida e uma maior estabilidade, já que o seu ordenado pode ser direcionado para outros gastos:

Melhorou! Porque eu tenho casa própria, então o que eu ganho dá para eu comer e beber, como eu falo. Tendo a minha casa e não pagando aluguel, o que eu ganho dá para pagar água e luz. Graças a Deus não gasto muito com remédio. Então para eu viver está mais sossegado. (informação verbal)³¹

Hoje, aos 75 anos, Rosangela reside sozinha, recebe um salário mínimo por mês de pensão³² e ainda ganha um dinheiro extra com a venda dos artesanatos (panos de prato e roupas de bebê) que ela produz. O imóvel onde reside possui três quartos, uma sala, uma cozinha, uma lavanderia e dois banheiros, dos quais um foi construído pela própria moradora.

Ela narrou que desde que chegou à região, seu lar passou por reparos (pintura, revestimento, conserto da parte elétrica, troca de utensílios, como pias, janelas e portas) e ainda foi mobiliado, mas como ela enfatizou, não foi algo conquistado repentinamente:

Hoje a minha casa é arrumada, a minha casa é reformada. Eu tenho dentro de casa tudo que uma casa precisa de utilidade doméstica. Consegui um conforto razoável. Com dois salários mínimos para quem não paga aluguel, acho que está de bom tamanho.

[...]

Quando eu comprei, eu já comecei a reformar [...]. Fiquei anos reformando aos poucos. Assim, trabalhando e reformando aos pouquinhos [...]. Não é que passou por muitas reformas, eu fui começando aos poucos. Primeiro eu comecei lá em cima, fiz esta laje aqui, depois abri a porta lá na frente. Depois eu aumentei a cozinha [...]. Devagarzinho. Eu fiquei muitos anos arrumando. Em cada pouco, fazia um pouco. (informação verbal)³³

³⁰ Informação fornecida por Dona Rosangela, 75 anos - pensionista.

³¹ Ibidem.

³² Na primeira entrevista que realizei com Rosangela, ela informou que a pensão que recebe desde que o seu marido morreu era de dois salários mínimos, mas na segunda vez que conversamos, ela mudou a sua fala e disse que era de apenas um salário mínimo. Acredita-se que com o tempo Rosangela tenha ficado mais à vontade para contar o valor da sua renda.

³³ Informação fornecida por Dona Rosangela, 75 anos - pensionista.

O melhoramento, segundo os entrevistados, acontece de forma constante. Os moradores expõem que eles não receberam as suas moradias como elas se encontram hoje e que precisaram de tempo e investimento para que conseguissem fazer as mudanças que achavam imprescindíveis. É perceptível que a reforma dos lares demandou um esforço duradouro, já que as alterações foram feitas por etapas tendo sempre em vista os recursos financeiros de cada momento.

Terezinha, aposentada, tem 71 anos e conta que antes de ir viver em um dos sobrados da Cecap I, morava em Santo André com o seu marido e filha, em uma casa alugada que tinha apenas dois cômodos. Ela e o seu marido compraram o imóvel de um mutuário (proprietário do imóvel que assinou o contrato com a CDHU) e refinanciaram o valor e as prestações do sobrado com a CDHU. Questionei se a sua vida tinha passado por progressos e ela disse que sim, então interroguei quais e a sua resposta foi a seguinte:

Primeiramente a mudança para cá [Cecap]. Não foi tanto em termos de governo. A gente não tinha casa própria, aí a gente veio para cá, para ter uma casa. Eu vim. Cheguei aqui, chorei muito, achei tudo muito esquisito e parado. Mas graças a Deus deu tudo certo. (informação verbal)³⁴

A ida para a Cecap se deu quando o marido foi transferido para a Volkswagen de Taubaté. Como Terezinha expressa, a primeira mudança sentida foi a aquisição de uma habitação, tendo alcançado essa aspiração, o casal “devagar e sempre” conseguiu realizar o objetivo secundário de reformar a casa. O primeiro reparo feito foi a construção de um muro para que eles tivessem certa privacidade. Sobre o seu percurso, ela exprime:

Mudou para nós por causa disso: a gente tem uma casa própria, já conseguimos fazer duas reformas, está muito boa a casa, no ponto que a gente queria. A gente morava em dois cômodos em Santo André e ainda era caro. Não tinha condições nenhuma de ter uma casa, só vivia nas imobiliárias olhando, mas não conseguia. (informação verbal)³⁵

Terezinha está há quase 34 anos na região e terminou de quitar a prestação da casa há cerca de 10 anos. Ela conta que gosta bastante do seu bairro e que não se mudaria nem que ganhasse na loteria, pois foi ali que ela construiu a sua história e criou a sua filha. Hoje ela vive somente com o marido – uma vez que a descendente já casou – em uma casa que tem dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma lavanderia.

Além de Terezinha, Nelson e Rosangela, como foi destacado, Selma e Rogério também pontuaram que a obtenção da casa própria inaugurou o processo de melhoria de vida. Selma tem 23 anos e era auxiliar administrativa na empresa Panco, que fabrica produtos alimentícios, como pães, bolachas, biscoitos, bolos etc. Hoje ela está desempregada. Ela viveu

³⁴ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

³⁵ Ibidem.

grande parte da sua vida na região da Cecap, e conta que a ida para a CDHU foi significativa. Em 1998, ela, que morava com a sua família em uma construção que ficava debaixo de uma caixa d'água, mudou-se para um dos apartamentos da Cecap III após a mãe ter sido sorteada pelo programa da CDHU. Na nova residência, a família começou a usufruir de dois quartos, uma cozinha, um banheiro, uma sala e uma área de serviços. Essa foi a primeira grande alteração em sua vida: no apartamento, eles puderam ter um nível maior de conforto e higiene.

Rogério, 37 anos, trabalha como fiscal de loja no supermercado Carrefour há cerca de três anos e recebe um pouco mais que um salário mínimo e meio por mês. Apesar de estar registrado dessa maneira, no dia-a-dia o seu serviço consiste em fazer a segurança do local, vigiando a entrada e saída dos consumidores. Ele conta que conquistou o sonho de ter uma moradia própria há cerca de quatro anos, quando comprou o apartamento da Cecap III de um mutuário. O lar é composto de dois quartos, um banheiro, uma sala, uma cozinha e uma área de serviços.

Antes de ir para a região, ele tinha morado de aluguel em outras partes da cidade de Taubaté. Conforme manifesta, desde que se mudou, a sua situação financeira melhorou e conseguiu arrumar o seu apartamento, comprar móveis e eletrodomésticos. O entrevistado atualmente reside com a sua mulher, que está desempregada, em um dos prédios (tem dois filhos do primeiro casamento, que vivem com a mãe e sempre o visitam).

Mudou sim, melhorou em vista ao que era uns anos atrás, a situação financeira mudou bastante. (informação verbal)³⁶

Deve-se salientar, entretanto, que as moradias da Cecap entregues antes são bem melhores estruturadas das que as que foram construídas depois. Malgrado estarmos fazendo uma comparação entre casas e prédios padronizados, dado que as Cecaps mais novas são constituídas, sobretudo, por prédios (há algumas casas na Cecap IV); é possível ver certa discrepância na qualidade e na manutenção dos imóveis. Enquanto encontramos na Cecap I e II algumas habitações grandes e com aparência mais sofisticada, os prédios situados na Cecap III e IV já estão bem desgastados e sem pintura, e as casas, de modo geral, não têm a mesma aparência das preexistentes. Algumas casas antigas sofreram tantos reajustes que, às vezes, nem notamos que elas faziam parte de um conjunto habitacional em que todas as residências eram padronizadas.

³⁶ Informação fornecida por Rogério, 37 anos - fiscal de loja no supermercado Carrefour.

Figura 9 - Casas da Cecap I

Figura 10 - Casa da Cecap IV com pequenas modificações, como muros e portão

Um aspecto que precisa ser pontuado é que apartamento tem uma característica bem distinta da casa: os moradores do primeiro não conseguem modificar com facilidade a fachada do prédio, uma vez que eles precisariam fazer um esforço em conjunto com toda a vizinhança, o que é penoso, pois não são todos que têm esta prioridade e/ou verba para contribuir com uma reforma. Como será visto adiante, em alguns blocos é possível ver certas mudanças em prol de uma maior segurança (colocaram portões, fizeram muros e instalaram câmeras), mas não encontrei nenhum que tivesse tido alterações exteriores, feitas pelos residentes, que visassem o aspecto estético. No começo de 2015, alguns prédios tiveram a sua frente pintada pela prefeitura, mas, com exceção destes, todos ainda tinham a estrutura e as cores iniciais.

Por outro lado, é verdade que grande parte dos apartamentos que visitei tinha algum tipo de melhoria interna, uma vez que, quando eles foram entregues, as pias e tanques eram dos modelos mais simples, não havia azulejos e o chão era em cimento de cor avermelhada. Os moradores com o tempo foram modificando os seus lares, alguns deram uma pintura nova, colocaram cortinas ou boxes nos banheiros, trocaram as torneiras, instalaram luminárias, trocaram as portas e ainda investiram em pisos e azulejos.

Figura 11 - Prédios da Cecap III

Figura 12 - Prédios da Cecap IV

Já os que residem nas casas puderam reparar e fazer as modificações das suas fachadas mais prontamente. A facilidade está na possibilidade de reformar a sua residência e não precisar do apoio e da permissão dos vizinhos, mas deve-se destacar que não foi um processo rápido e com custos baixos.

Durante uma das minhas idas à região, conversei brevemente com Magali, uma moradora da Cecap III, que está à procura de um emprego. Ela reside em um dos apartamentos, com o seu marido e filho, há menos de um ano. Durante o nosso diálogo, ela falou um pouco sobre a região e como está sendo a sua adaptação. De acordo com o seu relato, ela ainda está se acostumando com o local e com o sistema de moradias. Em sua fala, ela explica exatamente essa diferença entre os prédios e as casas:

A manutenção de uma casa individual é uma coisa. Um grupo inteiro tendo que se juntar para poder fazer algo, aí fica muito difícil. O governo não pensou em como seria esta parte de infraestrutura dos prédios. Eles só pensam em jogar um monte de gente em um lugar e pronto. (informação verbal)³⁷

³⁷ Informação fornecida por Magali, 36 anos - desempregada.

Em adição a este tipo de facilidade – que existe das casas em comparação aos prédios – pode-se acrescentar que essas duas Cecaps são mais antigas e, portanto, os moradores tiveram mais tempo para investirem no embelezamento das suas moradias.

Figura 13 - Casas da Cecap II

Na parte onde estão as casas populares, não conseguimos encontrar uma moradia que não tenha sofrido qualquer tipo de mudança. Há casos, por exemplo, de pessoas que compraram duas casas (uma do lado da outra) e as uniram em uma única construção, mudando totalmente a planta das moradias, e, ainda, algumas residências que tiveram parte da construção transformada em comércio. Essas transformações não ficam restritas às Cecap I e II; as casas da Cecap IV, apesar de serem bem mais recentes (cerca de dez anos) também já passaram por várias modificações. Os moradores logo que se mudaram para o local já começaram a fazer reformas nas edificações. Hoje, após alguns anos da sua construção – apesar do bairro não ter o mesmo aspecto das casas dos bairros mais antigos –, já é possível encontrar casas totalmente reconstruídas.

Figura 14 - Antiga Residência da Cecap II que veio a se tornar um comércio

Luiza tem 48 anos e trabalha como manicure. Ela mora em uma das casas da Cecap II há cerca de 20 anos. De acordo com a informante, ela foi a segunda pessoa a chegar nessas moradias populares. Ela tem três filhos, mas apenas o mais novo, de 23 anos, reside ainda com ela e o marido. Da mesma forma que Terezinha, a primeira prioridade da família foi construir um muro em volta da residência.

A casa quando foi entregue tinha um dormitório, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma área de serviços. Com o tempo, ela foi fazendo as alterações que compreendia ser necessárias, como a construção de dois novos quartos, a aplicação de piso frio e revestimentos. Sobre o início da moradia em comparação a hoje, ela diz:

Quando a gente mudou aqui não tinha nem muro. Era tudo aberto. A gente que fez. As casas eram só as paredes e o telhado. Não tinha reboque, não tinha nada. A gente que fez. A gente que pagou o pato [...]. Até quando eu mudei o meu [filho] mais novo usava fralda e toda hora fugia e tinha que ficar buscando, nossa senhora. Aí o meu marido falou: “vamos fazer o muro primeiro, depois a gente mexe no quarto”. Hoje na minha casa eu reformei, aumentei, tem piso frio, tem três quartos. (informação verbal)³⁸

³⁸ Informação fornecida por Luiza, 48 anos - manicure.

Luiza conclui afirmando que a reforma da casa é um desejo, pois é o lugar onde se vive:

É o que eu falo, a própria pessoa faz o lugar. A gente cuida do lugar onde a gente vive. (informação verbal)³⁹

Hoje na Cecap, o espaço das moradias já foi apropriado pelos moradores e a uniformidade original não está mais presente. Essas transformações não se restringiram apenas às suas próprias moradias, mas também envolveram os espaços coletivos. Como os conjuntos habitacionais foram entregues seguindo uma tipologia fixa, muitas vezes não se adaptavam aos hábitos domésticos dos novos proprietários e eles precisavam adequá-la às suas necessidades, utilizando, para isso, as áreas livres que existem entre as moradias. Por exemplo, no projeto inicial não foi incluído um estacionamento e, diante dessa situação, os moradores construíram garagens individuais para os carros e também fizeram “puxados” para guardar as bicicletas. Ali também foram instalados varais para estender as roupas lavadas, já que o espaço da lavanderia interna era muito pequeno.

De modo geral, pode-se afirmar que a aquisição da casa por meio do sistema de moradias populares representou para esses moradores o início de um processo de ascensão social e ainda garantiu uma melhor qualidade de vida, posto que eles puderam desfrutar de uma maior estabilidade e uma vida mais decente e confortável. Essa melhora é sentida até mesmo entre aquelas pessoas que afirmaram ter uma renda familiar mais baixa, pois, como Rosangela concluiu, “com a posse da casa fica bem mais fácil dar conta do resto da situação” (informação verbal)⁴⁰.

2 A região da Cecap – entre melhoras e pioras

Para que se compreendam as mudanças ocorridas, é preciso também analisar o local onde esses moradores vivem. Não somente a vida individual dos moradores da Cecap sofreu mudanças, como a região onde moram também passou por transformações desde o surgimento do primeiro conjunto habitacional.

As moradias da Cecap foram construídas em uma área distante da parte central da cidade de Taubaté, e no seu início, de acordo com os entrevistados, o local não contava com

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Informação fornecida por Informação fornecida por Dona Rosangela, 75 anos - pensionista.

serviços como os de luz, água, iluminação e asfalto, o que acarretava uma situação bem precária.

De acordo com Salvador S. Melo (1998), quando as habitações foram construídas na região, os equipamentos disponíveis no seu entorno eram extremamente escassos. Se houve o empenho de sanar o déficit habitacional na cidade, não se implantou uma infraestrutura que atendesse às necessidades educacionais, de saúde, de lazer, de transporte, entre outras da população. Os moradores mais antigos contam que a carência não era apenas de serviços públicos, mas também de serviços privados. Como a região era formada apenas por casas populares e não havia espaço destinado ao comércio, os novos moradores tinham que fazer as compras em outras partes da cidade. Terezinha, como foi assinalado, mora há 34 anos na região da Cecap, razão pela qual expõe:

Quando a gente chegou aqui não tinha nada. Não tinha padaria, não tinha nada e nada. Não tinha nem luz nas ruas. Aqui era um bambuzal da altura das árvores que estão aqui. Quase todas as casas hoje estão reformadas. Era quintal de terra nas casas, não tinha escola aqui na frente, não tinha delegacia. Eram muito precárias as coisas, sem nada. Com o passar do tempo foi melhorando. Entre tapas e beijos vieram algumas melhoras. Hoje tem farmácia, tem supermercado, tem bandido, tem prostituição, mas tem muita gente legal. (informação verbal)⁴¹

Terezinha ainda narra que na época de sua mudança para a Cecap I, devido à falta de mercearia e padaria, um casal de vizinhos resolveu vender pão e leite na porta de casa. Durante muito tempo, esse serviço foi uma das únicas opções dos moradores.

Luiza, mesmo tendo chegado à região cerca de 14 anos depois de Terezinha, faz um relato semelhante.

Aqui não tinha nada. Só tinha casa. Não tinha rua, não tinha muro nas casas, não tinha asfalto. No começo, nós ficamos uma semana sem luz, esquentando água e tomando banho de bacia. [...] Era tudo muito deserto e bem precário. Tínhamos que ir até a pista para pegar ônibus, pois as crianças iam estudar lá no Estadão⁴². (informação verbal)⁴³

Com o decorrer do tempo e com o aumento da população do local, os moradores ressaltam que os serviços públicos e privados passaram a ser ampliados e as melhorias foram chegando à região. Os serviços básicos, como iluminação, água, esgoto, luz e asfalto já estão presentes na Cecap. O comércio, embora não seja desenvolvido e com muitas opções, também prosperou. Em alguns casos, os próprios moradores, percebendo a necessidade de serviços particulares, tiveram a iniciativa de abrir algum negócio na região. Hodiernamente, muitas

⁴¹ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

⁴² Estadão é a forma como a escola estadual Monteiro Lobato é conhecida na cidade. Ela está localizada no Residencial Jardim Maria Augusta, a cerca de 9 km da região da Cecap.

⁴³ Informação fornecida por Luiza, 48 anos - manicure.

casas populares tiveram a sua fachada totalmente modificada, transformando a sua parte da frente em algum tipo de comércio e abrigando a família nos cômodos restantes.

Camila tem 37 anos, está desempregada (o seu último emprego foi como enfermeira do hospital São Lucas) e vive há cerca de cinco anos na Cecap IV. Quando foi sorteada pela CDHU, a entrevistada, que morava em um imóvel alugado, foi viver com o seu marido, que é motorista de uma empresa de ônibus e o cachorro, que ela trata como um membro da família, em um dos apartamentos do conjunto habitacional. Ela conta como, há alguns anos, uma das casas populares próxima ao seu lar se tornou uma padaria:

Esta padaria era uma casa de um policial. Ele vendeu, não sei para onde ele foi morar. Aí a família que comprou montou uma padaria. Era uma portinha só e eles vendiam poucas coisas, agora esta parte da frente está toda estruturada. (informação verbal)⁴⁴

Também é comum encontrar alguns comércios, como de lanches e sucos, que foram erguidos dentro das áreas de convivências dos prédios.

Figura 15 - Comércio localizado dentro da área de convivência da Cecap III

⁴⁴ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

Entretanto, é preciso salientar que a infraestrutura, os equipamentos públicos e os comércios não estão distribuídos de forma igual entre os quatro bairros da Cecap e, nem mesmo, têm a mesma qualidade.

Nota-se que os locais mais próximos das Cecaps III e IV estão bem depredados e não têm qualquer tipo de manutenção. O chão das quadras está rachado e com gramas por entre os vãos e, se não fosse pelas barras que formam os gols, não haveria nenhuma referência de que ali seria um campinho de futebol. Essa era exatamente umas das reclamações mais frequentes dos moradores, os quais afirmaram não haver nenhuma alternativa de lazer nas redondezas, principalmente para as crianças.

Figura 16- Quadra de futebol que fica do lado dos prédios da CDHU

Já mais próximo aos outros dois bairros da Cecap I e II, pode-se observar uma melhora nessa situação. Há uma quadra coberta e outro campinho de grama que estão bem cuidados, onde acontecem alguns campeonatos, principalmente durante os finais de semana.

Figura 17 - Quadra de futebol que fica próxima à Cecap I e II

Fernanda, 46 anos, que eu conheci rapidamente durante uma visita que fazia a uma das minhas entrevistadas (Dona Laís), contou que era moradora de um dos prédios e hoje vive em uma das casas da Cecap I. Ao longo da conversa que tivemos, ela ressaltou exatamente essa diferença:

As quadras são bem mal cuidadas. Tudo largado! Os brinquedos estão todos quebrados e os quiosques estão esquecidos. Nunca foi reformado, são tudo do tempo da inauguração dos predinhos. Engraçado, aqui nunca reformaram, em frente à minha casa nova reformaram o parquinho todinho. Você precisa ver que coisa mais linda! (informação verbal)⁴⁵

Da mesma forma, mesmo com um comércio incipiente na região, os principais pontos estão localizados em uma avenida próxima à Cecap I, lá se pode encontrar uma loja de sapatos, outras de roupas, casa lotérica e um supermercado. Já nas outras Cecaps as lojas são menores, em sua maioria “barzinhos”, mercearias, quitandas e açougues, onde se ofertam produtos mais básicos. Diante disso, quando os moradores da Cecap II, III e IV pretendem fazer as suas compras, eles precisam se deslocar até outras regiões, em que exista um centro comercial mais desenvolvido ou ir até as lojas da Cecap I.

⁴⁵ Informação fornecida por Fernanda, 46 anos - Dona de Casa.

Figura 18 - Rua Waldemar Boneli, onde estão localizados os principais comércios da Cecap

Camila, ao falar sobre os serviços existentes no bairro da Cecap IV, levanta exatamente o fato de não haver muitos prestadores próximos ao seu apartamento:

Falta um pouquinho só de comércio. Porque o Macro⁴⁶ já é um atacadista, aí não temos um supermercado para fazer compra. Aí tem na Cecap I, mas acaba ficando um pouco contramão, fica mais fácil para quem tem carro. (informação verbal)⁴⁷

Contudo, apesar das transformações da região na última década, ainda existem muitos problemas, o que faz a população ter muitas reclamações. De acordo com eles, falta manutenção e uma melhoria nas condições dos serviços públicos, além de uma maior segurança:

A escola daqui é uma bosta. Nossa senhora da Aparecida! Eu não aprendi nada no ensino médio. Eu estudei o primeiro colegial em uma escola e o segundo e o terceiro ano em outra. Se juntasse as duas não faria uma. No ensino fundamental foi um pouco melhor. (informação verbal)⁴⁸

O Pronto-Socorro está fechado há três meses para reforma. São três meses! Já esta quadra aqui: já fizemos abaixo assinado, já fizemos um monte de coisa para ver se eles fazem tipo um campinho para as crianças brincarem e jogarem bola. Arrumar bonitinho e colocar portão, cadeado e ficar alguém com a chave. Ficaria cuidado.

⁴⁶ A empresa atacadista “Macro” fica em uma estrada próxima à Cecap IV.

⁴⁷ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

⁴⁸ Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas.

Tem um campinho no meio do brejo. Por que aquilo lá? Ficam “os malas” lá fumando. (informação verbal)⁴⁹

O fechamento do pronto atendimento para a reforma foi uma reclamação constante nas falas de vários entrevistados. Todos se mostravam preocupados com a falta do serviço, pois caso o atendimento não voltasse, eles teriam que começar a se deslocar para outras regiões quando precisassem de assistência médica. Havia até mesmo rumores sobre quando seria o provável restabelecimento das atividades. Fernanda, por exemplo, disse que conhece uma enfermeira que comentou que o pronto atendimento não voltaria a abrir mais. Já Magali disse que eles fecharam por conta da vigilância sanitária e que logo estariam trabalhando normalmente. Mas o certo é que a prefeitura não havia dado uma previsão de retorno e os moradores estavam todos confusos com as informações que foram repassadas.

Além dos serviços públicos e privados, nas entrevistas, ao se falar sobre o bairro e sobre quem vive ali, inevitavelmente a questão das drogas e da violência é levantada. São dois assuntos quase indissociáveis. Mesmo que o foco da conversa não fosse este, o tema apareceria em algum momento. Por isso, ao tentarmos refletir sobre a vida e contexto destes moradores na região da Cecap, não se pode deixar de lado a perspectiva do crime, que de forma direta ou indireta, faz-se presente em seus cotidianos.

Também passa viatura de polícia aqui uma vez na vida e outra na morte. A gente está precisando de viatura de rota escolar, porque também não tem. Hoje mesmo fui levar o meu filho no Guido Miné, que é a escolinha aqui perto, e assim tem briga todo dia de criança maior com menorzinha. O povo já vai lá esperar na porta da escola para brigar, crianças que nem são da escola. Hoje mesmo a gente estava questionando a necessidade de uma ronda escolar, que não tem. Nenhuma escola aqui da Cecap tem. Raramente vê uma viatura passando. (informação verbal)⁵⁰

As falas sobre o medo não eram todas no mesmo sentido. Havia os moradores que se sentiam mais receosos com a violência no bairro e evitavam certos locais em alguns horários, e havia aqueles que diziam serem (re)conhecidos na região, o que fazia com que eles não tivessem esse tipo de problema. Geralmente, as pessoas que moram há menos tempo e nas Cecaps III e IV são as que se sentem mais intimidadas.

Magali, citada acima, declarou que não consegue andar tranquila pelos bairros, principalmente à noite quando tem que voltar logo para casa e sempre acompanhada. Ela acrescentou que não permite que seu filho de onze anos vá à escola sozinho ou até mesmo vá ao mercadinho próximo a sua residência.

Eu não ando aqui tranquila. À noite principalmente, eu tento voltar logo para casa e sempre acompanhada. Não tem condições! Tem lugares que a gente não pode andar: o fundão da Cecap é mais perigoso. Geralmente os blocos que são mais fundos, a

⁴⁹ Informação fornecida por Dona Nadir, 65 anos - aposentada.

⁵⁰ Informação fornecida por Magali, 36 anos - desempregada.

gente já sabe que tem grupos de drogas, a gente já sabe que está tendo ataques. Anda acontecendo até de dia, antes era somente na calada da noite. Agora é durante o dia. Você escuta um barulhozinho, pode contar que é tiro. (informação verbal)⁵¹

Rogério, como já mencionado, habita a Cecap III há quatro anos e tem uma linha de raciocínio bem parecida. Ele acredita que para quem mora no bairro há lugares que são seguros, mas existem outros que devem ser evitados por qualquer pessoa. Ele também busca tomar uma maior atenção à noite e somente anda em locais próximos ao seu prédio.

Já dona Laís, que está há setes anos na região, afirmou, ao contrário de Rogério e Magali, que o único problema que a impedia de circular pelos bairros era a sua dor na perna, a questão da insegurança não era um dificultador. De acordo com ela, o fato de ter muitos drogados no bairro não era um empecilho, pois ela, apesar de não ser favorável a este tipo de prática, não se “metia” com eles e, portanto, eles não a importunavam.

Juliana, 24 anos, que vive desde criança no bairro, diz que está acostumada com a situação, apesar de reconhecer que existe um grande problema de insegurança. Como ela mesma expõe, para quem vive há bastante tempo na região, esse aspecto já é normal, diferentemente do que acontece com quem não conhece a Cecap:

O negócio aqui está muito feio, nossa, a segurança está horrível. Muita gente tem medo de andar na rua. A gente que mora e cresceu aqui se acostuma com a situação. Para mim é normal, mas todo mundo que eu trago aqui para ir à casa da minha mãe ou em qualquer lugar já vem com receio. Meu namorado mesmo! Eu vim outro dia com a moto dele para cá: “Pelo amor de Deus, não vai largar a minha moto em qualquer lugar, passa o alarme, guarda”. Morre de medo de roubarem as coisas dele aqui. [...] A gente se acostuma até com coisa ruim. (informação verbal)⁵²

Terezinha, como já assinalado, reside na Cecap I quase desde o início do projeto de moradias. Ela contou que se sente muito segura no seu bairro, mas que, com a chegada dos prédios (Cecap III e IV), a situação da segurança se tornou um problema mais perceptível, pois a sensação de perigo passou a estar mais presente no seu dia a dia, embora nem ela e nem ninguém da sua família tenham sofrido qualquer tipo de violência.

Aqui ainda é muito seguro, mas depois da Cecap III teve alguns problemas. Lá tem muita gente boa, mas rola muita droga. Nós nunca tivemos problemas de segurança, nós nunca fomos abordados por bandidos. Eu tenho uma filha única e ela foi criada aqui [...] e não tivemos problemas. A gente sabe que tem problemas na Cecap III e IV, mas tem pessoas íntegras também. [...]. Aqui eu sinto um pouco de segurança ainda, porque a gente viaja e deixa o carro aqui. Os vizinhos tomam conta da casa. Tem confiança. (informação verbal)⁵³

Para Dona Rosângela, a segurança também piorou com a construção dos prédios, uma vez que ela teve que passar a tomar novas medidas de proteção, contudo, ela afirma que gosta

⁵¹ Ibidem.

⁵² Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas da Panco.

⁵³ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

da Cecap I por ser um bairro muito tranquilo, em que pode contar com os vizinhos em caso de necessidade. Ela diz:

A gente dormia com janela aberta e portão aberto, a gente ficava até tarde com tudo aberto, não tinha perigo algum. Era mais seguro. Agora não, até de dia a gente está fechando o portão. (informação verbal)⁵⁴

Já em outro trecho afirma o seguinte:

Para nós, a nossa praça é a melhor que existe, nós adoramos. Cada um na sua casa, mas nos damos bem. Quando viemos para cá, a primeira coisa que a vizinhança falou foi: “Se precisar de alguma coisa, é só chamar”. Então, acho que isso é o mais importante, a gente ter vizinhança boa, que em uma hora de necessidade pode contar. A gente se dá com todo mundo aqui, a gente só não se dá com os de lá, que são mais longe que são de uma igreja evangélica que não se misturam muito. (informação verbal)⁵⁵

Diante dessa conjectura, ante a falta de uma ação mais efetiva dos governos em prol da região, muitos moradores se organizaram na expectativa de sanar a falta de alguns serviços. Visando uma maior segurança, em alguns prédios os moradores se uniram para instalar artefatos, como câmeras de vigilância, portões e garagens⁵⁶ com o intuito de inibir os casos de assaltos e violência. Da mesma forma, é possível encontrar casas com cercas elétricas e totalmente fechadas.

⁵⁴ Informação fornecida por Dona Rosagela, 75 anos - pensionista.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Os moradores esclareciam que as instalações das câmeras e dos portões foram feitas a partir da verba arrecadada entre os vizinhos, mas as garagens cada morador construiu a sua (sendo que alguns optaram por não fazer: ou por não ter carro ou por não sentir a necessidade de ter uma), apesar da permissão para a sua implementação ter partido de uma deliberação em conjunto.

Figura 19 - Bloco com portões e garagens construídas pelos próprios moradores

Dona Laís, que é síndica de um dos prédios da Cecap III, contou que estavam ocorrendo muitos furtos dentro do seu prédio: roupas sumiam do varal⁵⁷, bicicletas eram subtraídas e estavam até mesmo retirando gasolina das motos. Por esses acontecimentos, em setembro de 2013, ela e os vizinhos decidiram colocar câmeras no prédio. De acordo com ela, os ilícitos acabaram.

Além desse tipo de ação, por meio desta pesquisa, constatou-se a existência de duas praças (uma próxima à Cecap I e a outra perto da Cecap II) e de uma quadra (ao lado dos prédios da Cecap III) revitalizadas também por iniciativa dos próprios moradores. Sobre a praça, Luiza relata o seguinte:

Nós cuidamos da praça. As árvores foram podadas por nós. Aí, a gente pagou um moço para vir tirar as folhas. A gente que varre aqui. Eu amarrei uns baldes nas árvores para ficar como lixeira. [...]. Na época de chuva o mato ficava alto, as crianças iam brincar, não dava para enxergar. Um absurdo! Daí eu conversei com os vizinhos e compramos uma máquina para limpar o nosso pedaço. Aqui tem uns lugarzinhos organizados, eles fazem até jardins. Mas se a gente não cuidar, fica esquecido, a prefeitura não faz nada. (informação verbal)⁵⁸

⁵⁷ Como o espaço do apartamento é muito pequeno, muitos moradores, como já ressaltado, construíram varais (para secar as suas roupas lavadas) no pátio dos prédios, local onde qualquer morador tem acesso.

⁵⁸ Informação fornecida por Luiza, 48 anos - manicure.

Figura 20- Praça próxima à Cecap I (mantida pelos moradores)

No que se refere à quadra, Renan, 26 anos, morador da Cecap III há nove anos, afirma que há alguns anos foi construído uma pista de skate no bairro, porém imprestável para a prática do esporte. Conheci Renan em um dia que estava circulando por entre as quadras do bairro, com a finalidade de examinar os meios de lazer existentes na região. Ele e mais um grupo de skatistas estavam praticando o esporte em uma quadra de futebol, quando resolvi tentar conversar com um deles.

Renan vive com a sua mulher e a sua filha recém-nascida, e trabalha como operador de máquina CNC na Thyssenkrupp Autômata, que fica próxima à região. Nessa empresa, segundo o informante, eles produzem peças para a Embraer. No seu tempo livre, ele aproveita para andar de skate com os amigos. Ele contou que a pista de skate que havia no local foi mal planejada e construída com material inadequado, o que ocasionou a sua deterioração em menos de um ano de uso. Diante desse cenário, os skatistas do bairro se juntaram e passaram a ocupar o espaço de uma quadra de futebol coberta. Sobre isso, ele diz:

Esta quadra estava abandonada, somente às vezes vinha alguém jogar bola aqui. Daí eu tinha um corrimão, trouxe para cá e o pessoal começou a andar de skate aqui. Aí o pessoal que jogava bola tirou as traves e levou para outro lugar. E esta quadra ficou praticamente nossa. Não temos ela no papel, mas a gente já correu atrás umas

duas ou três vezes de fazer um ofício para que fosse oficializado, mas ficaram de dar uma resposta e não deram nada. A gente que cuida da quadra. A gente compra tudo aqui, este corrimão mesmo chegou hoje. A gente que colocou os obstáculos. A quadra está aberta para quem quiser usar. [...] vem até gente de outras cidades para andar aqui. (informação verbal)⁵⁹

Figura 21 - Pista de Skate Abandonada

⁵⁹ Informação fornecida por Renan, 26 anos - operador de CNC.

Figura 22 - Quadra mantida pelos moradores

Como pode ser observado, as opiniões sobre a região são diversas. Contudo, ainda que a Cecap tenha muitos problemas que precisam ser resolvidos – como a baixa qualidade de alguns serviços públicos – e mesmo com a diferenciação entre os bairros nos serviços e na infraestrutura, a maioria dos entrevistados, ao ponderar os pontos positivos e negativos, afirmava que a região, assim como as condições de vida individual, progrediu bastante desde que se mudaram para a região.

Sobre a melhora nos serviços existentes hoje no bairro, foram selecionadas três falas. Dona Laís, Terezinha e Selma dizem o seguinte:

O ônibus passa aqui na Cecap a cada hora. Mas se você parar ali, em meia hora passa três vans e um ônibus. Hospital tem um aqui na frente, escola tem umas quatro aqui em volta. No meu bairro não tenho o que reclamar. Ainda estão construindo alguma coisa ali do SAMU se não me engano. Tem delegacia, tem um campo de futebol, tem supermercado, tem farmácia e tem padaria. Tem tudo por aqui. É um bairro desfavorecido e mal visto é, mas sinceramente tem bairros por aí que você não acha uma farmácia na esquina quando precisa. Você tem um senhor de uma casa lá, com um bem aquisitivo muito grande, mas não tem uma farmácia por perto e ele precisa andar e andar para achar algo. (informação verbal)⁶⁰

⁶⁰ Informação fornecida por Dona Laís, 65 anos - aposentada.

Agora tem mais estrutura, tem mais escola, mais saúde e mais tudo. Com o crescimento da população, isso também veio. (informação verbal)⁶¹

Melhorou os serviços, isso deu uma melhorada. Eles colocaram um pronto atendimento aqui na Cecap I. Isso melhorou para todo mundo, o pessoal até vem de longe para usar, o que acaba faltando para a gente. Mas melhorou sim! Escola tem para todo mundo, tranquilo também. Criançada não fica sem escola. Creche que acho que tem apenas uma. Mas escola tem umas três ou quatro próximas. [...] Eu estudei aqui e não tive o que reclamar. (informação verbal)⁶²

3 Novas melhorias

É verdade que os moradores constataam que a aquisição da casa própria foi um divisor de águas em suas vidas e que, a partir daquele momento, houve o início do processo de melhoria tanto das suas vidas individuais quanto da região onde vivem, mas a despeito do momento dessa conquista, essas mesmas pessoas foram consonantes em afirmar que especificamente na última década a vida passou por novas transformações e que as condições financeiras deram um salto. O que as entrevistas revelaram é que essas pessoas também possuem uma percepção de melhora, que se deu quando Lula tomou posse do cargo de presidente.

Na última década, o Brasil passou por transformações econômicas, levando milhares de pessoas a vislumbrarem a possibilidade de ascender socialmente. O crescimento da taxa de empregos, o aumento no salário mínimo e a maior oferta de créditos permitiram que esses brasileiros ingressassem no mundo do consumo e conseguissem adquirir produtos que antes estavam fora do seu alcance. Muitos dos moradores da Cecap, como muitos relatos demonstraram, não ficaram imunes a essas transformações. Durante a pesquisa de campo, foi perceptível entre os entrevistados a fala de que a vida deles e dos brasileiros mudou bastante nos últimos anos. Todos fizeram menção, inclusive, que percebem uma diferença nas suas condições financeiras quando comparadas ao passado, pois eles notam que hodiernamente podem consumir o que antes não podiam.

A trajetória de Selma é bastante elucidativa. Ela que viveu grande parte da sua vida na região da Cecap, também demonstra como as mudanças nos últimos anos foram expressivas. Durante muitos anos, a sua mãe teve que sustentar as quatro filhas e a avó (que faleceu quando Selma ainda era criança) com um salário de empregada doméstica. De acordo com Selma, a vida tomou um novo rumo quando ela e a irmã começaram a trabalhar. Selma e

⁶¹ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

⁶² Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Juliana conseguiram o seu primeiro emprego na adolescência, quando aquela tinha 16 anos (em 2007) e esta 14 anos (em 2004 – mas só foi registrada quando tinha 16 anos, em 2006). Na época da primeira entrevista (final de 2013), Selma, como já mencionado, era auxiliar administrativa da Panco e ganhava um salário de R\$1.500 e Juliana era promotora de vendas dessa mesma empresa, com um ordenado parecido⁶³.

O aumento de vagas de empregos durante o governo Lula impactou diretamente na vida da família de Selma, pois a entrada das duas irmãs no mercado de trabalho significou um salto expressivo na renda familiar. A partir desse momento, elas puderam ajudar nas despesas da casa, o que garantiu uma situação financeira mais estável e permitiu que a família pudesse usufruir de uma melhor qualidade de vida. Sobre esse aspecto, ela conta:

Quando eu dependia da minha mãe, por exemplo, era uma mãe para sustentar quatro filhas então, tinha uma super redução de gastos lá. Quando comecei a trabalhar, eu comecei a comprar as minhas coisas, tipo, eu ia ao supermercado e eu trazia as coisas para a minha mãe. Além do que ela precisava, eu trazia o que eu queria, coisa que ela não podia me dar. Daí em diante, eu comecei a fazer isso e conforme eu fui crescendo e melhorando no serviço, eu consigo ajudar a minha mãe. (informação verbal)⁶⁴

Quando Selma narra o seu passado, a sua fala traz sempre a questão da dificuldade financeira e da falta de recursos para alimentação, saúde e higiene adequada, o que se modifica quando ela passa a relatar a vida presente. Neste momento, Selma sempre pontua fatos aquisitivos como ter conseguido comprar uma nova mobília para casa (cama, geladeira, televisão, máquina de lavar roupa e computador), de ter conquistado a sua moto⁶⁵, além de ter ajudado na melhoria da sua casa:

A gente reformou o banheiro, reformou o quarto e comprou os móveis do quarto também, sem a ajuda da minha mãe, só eu e a minha irmã. (informação verbal)⁶⁶

O avanço financeiro ainda possibilitou que as irmãs conseguissem, após alguns anos de formadas no segundo grau, pagar em 2011 o curso de tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos na Universidade de Taubaté, com duração de dois anos.

Após conversarmos sobre essas mudanças, perguntei à Selma qual classe econômica ela achava que pertencia e ela respondeu que acreditava que era “classe C”, mas que alguns anos atrás, antes de começar a trabalhar, estava em um patamar inferior:

⁶³ Quando conversei pela última vez com Selma (um pouco depois das eleições de 2014) ela contou que ela e a irmã estavam desempregadas.

⁶⁴ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

⁶⁵ Posteriormente, a moto foi vendida, já que, com a descoberta de sua gravidez, Selma precisou reorganizar as finanças domésticas.

⁶⁶ Informação verbal fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Anos atrás eu acho que era inferior a C. Tem? (Risos) Classe D, né? Acho que sim. Porque era um salário mínimo para cinco pessoas. Como sobrevive, né? Entendeu? (informação verbal)⁶⁷

Seguindo esse mesmo padrão, Wilson, que tem 24 anos, também declarou que tem uma qualidade de vida melhor em comparação à quando morava em Natividade da Serra⁶⁸. Wilson, que nasceu nessa cidade, saiu de lá para se alistar na Legião Estrangeira e morar na França. Após um ano residindo em outro país, ele foi deportado por causa do exame antidoping, já que estava fazendo uso de drogas. Quando retornou, a sua única opção era morar com a sua mãe em um dos apartamentos da Cecap IV, onde está há cerca de quatro anos. A família vive com a pensão de um salário mínimo que a mãe recebe devido a um problema na coluna, mais o dinheiro que Wilson guardou durante a sua ida à França. Ele relata que, comparado com a vida que tinha em Natividade da Serra, a sua condição financeira, apesar de viver hoje com uma renda inferior, está mais estável:

Economicamente também melhorou. Quando eu morava em Natividade, eu trabalhei em uma fábrica e morava sozinho, aliás, saí da casa do meu pai porque eu queria um pouco de independência, mas não tinha uma bicicleta. Eu ganhava bem, mas não tinha uma bicicleta. Eu não sei aonde ia o meu dinheiro, só sei que não sobrava dinheiro. Hoje, com quase 1000 reais, estou conseguindo pagar a moto, faltam quatro parcelas para terminar. Foi feito em 48 vezes, entendeu? Quando chega o final de semana tenho dinheiro para gastar. Não passo fome. Tenho roupa, sempre que posso eu compro uma roupa. O básico eu tenho! Eu consegui a moto, comecei a faculdade⁶⁹ e comprei um celular quase mais caro que a moto [risos]. Eu venho aos poucos [por meio do estudo] tentando melhorar, tentando ficar mais confortável. (informação verbal)⁷⁰

Dona Laís, moradora da Cecap III, também relata melhoras substantivas em suas condições financeiras. Quando o seu marido conseguiu a aposentadoria de um salário mínimo, há três anos, a vida começou a mudar. O marido, que já não tinha mais condições de trabalhar, devido a problemas de saúde, pode parar de fazer bicos. Com a adição da renda da aposentadoria, Dona Laís pode dispensar a ajuda financeira que recebia de terceiros, como amigos e vizinhos⁷¹. O primeiro grande impacto se deu com a possibilidade de ter uma alimentação com um pouco mais de variedade. É o que se verifica em sua fala:

Há uns três anos a vida estava bem caída. [...]. Agora eu estou bem, bem! Pela dificuldade que a gente tinha, nossa! Agora posso falar: “eu quero comprar um pão com mortadela” e ir lá comprar e comer. Antes, não podia nem comer um pão com ovo. Tinha que parar e pensar. Não tinha posses. Não foi fácil a vida que nós passamos. Não foi mesmo. (informação verbal)⁷²

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Natividade da Serra está localizada no estado de São Paulo, a cerca de 60km de Taubaté.

⁶⁹ Wilson faz faculdade de administração na Anhanguera e é beneficiário do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

⁷⁰ Informação fornecida por Wilson, 24 anos - estudante.

⁷¹ Dona Laís complementa a sua renda por meio da venda de sabão caseiro que faz com óleo de cozinha usado.

⁷² Informação fornecida por Dona Laís, 65 anos - aposentada.

De acordo com Dona Laís, apesar de sua remuneração não ser significativa, a possibilidade de ter uma renda fixa todo mês fez bastante diferença. Como ela salienta, agora é possível pagar as contas, já que a despesa da casa é baixa e não têm gastos com medicamentos, moradia e nem com transporte⁷³. Com o tempo, ela conseguiu guardar um dinheiro para reformar um dos quartos, parte da sala e ainda comprar alguns eletrodomésticos, como televisão, geladeira e um computador que utiliza todos os dias para bater papo pelo *Facebook* e jogar online.

Na visita que fiz à entrevistada, no início de 2015, descobri que ela, em meados de 2014, também tinha conseguido se aposentar e passou a receber um salário mínimo. O incremento da renda familiar permitiu que realizasse novas melhorias, como pintura no outro quarto da casa. Ela ainda afirmou que já estava com planos de arrumar o banheiro e comprar um sofá novo. Além disso, ela que sempre recorreu aos serviços públicos, como o Sistema Único de Saúde (SUS), pôde contratar o convênio do São Benedito⁷⁴ no valor de trinta e seis reais mensais (para o casal) que, além de arcar com todos os gastos funerários, dá o direito de usar duas vezes por mês uma ambulância para levá-la às consultas médicas.

Edson, 28 anos, morador dos prédios da Cecap III, assim como vários outros entrevistados já citados, também afirmou que nos últimos anos a sua vida estava bem melhor. Há dez anos o entrevistado saiu do Piauí em busca de emprego no estado de São Paulo. De acordo com ele, quando ele e a sua mulher deixaram a cidade de Parnaíba, eles não tinham nada e conseguiram nesse tempo construir as suas vidas.

Já faz quase dez anos que moro aqui em Taubaté. Eu vim para cá sem nada, hoje já tenho moto, tenho um terreno e já tenho o meu apartamento. (informação verbal)⁷⁵

Quando chegaram, eles viviam em uma casa alugada na Chácara Flórida⁷⁶ e há três anos se mudaram para um dos apartamentos da CDHU. Nesse tempo, eles também conseguiram comprar uma moto e um terreno, onde pretendem construir uma casa para morarem futuramente. Atualmente, o entrevistado reside com a sua mulher, uma atendente de padaria, e um filho de cinco anos.

Além disso, ele ainda salienta que houve acréscimo em seus rendimentos, já que conseguiu um emprego como eletricista na empresa Inpro-electric⁷⁷ que fica próxima à região:

⁷³ Os remédios que Dona Laís e o seu marido necessitam são obtidos de graça na unidade básica de saúde e a passagem de ônibus não é cobrada por eles serem considerados idosos.

⁷⁴ São Benedito é uma funerária localizada na cidade de Taubaté, que disponibiliza planos de assistência Familiar.

⁷⁵ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricista.

⁷⁶ Chácara Flórida é um bairro de Taubaté que fica a cerca de 2 km da Cecap.

⁷⁷ Inpro-electric é uma empresa que presta serviços de eletrotécnica para as indústrias automobilísticas, como Volkswagen.

A minha questão financeira melhorou bastante. Antes eu ganhava pouco, hoje eu já ganho um pouco melhor. Eu estudei também um pouquinho, fiz alguns cursos melhorou bastante para mim. (informação verbal)⁷⁸

Além desses entrevistados, Dona Terezinha também tem um discurso parecido. Ela contou que atuou durante alguns anos como professora, mas logo deixou a profissão e nunca mais voltou a trabalhar. De acordo com ela, a mudança na lei de aposentadoria no governo Lula⁷⁹ possibilitou que ela tentasse se aposentar. Há quatro anos, Terezinha está aposentada com um salário mínimo, que segundo ela, ajuda muito nas despesas da casa.

Eu lecionava, eu dava aula. Mas não me aposentei por tempo de serviço, porque precisava de 25 anos de serviço. Então, [na época] eu joguei tudo para o alto e vim embora, nunca trabalhei aqui [Taubaté]. Eu achei as coisas muito difíceis e tinha que estudar mais naquele tempo... e eu fiquei grávida e deixei. Aí depois com a lei que foi do tempo do Lula, o pessoal com 60 ou 75 anos e com 15 anos de contribuição poderia se aposentar. Eu precisei contribuir só com mais seis meses! Foi um processo muito difícil [...]. Passei três anos nessa luta, mas eu tinha direito e nem fui ao advogado. Eu tinha direito. Consegui! (informação verbal)⁸⁰

Dona Rosangela, de igual forma, afirma que nos últimos anos as condições financeiras melhoraram. Depois de ter comprado a casa na Cecap I (em 2000), ela teve que continuar a trabalhar em São Paulo⁸¹ por mais nove anos, com o intuito de terminar de quitar a casa e fazer uma pequena reforma. Nessa época, ela já estava trabalhando como costureira particular, como ela própria descreve, para “madames”. Como a situação estava boa, o número de pessoas querendo os seus serviços aumentou bastante e ela começou a poder escolher quem seriam as suas clientes. Ela conta que, a partir de 2007, a sua situação econômica melhorou bastante, chegando a ganhar, em certos dias, cerca de cem reais. Atualmente, como não precisa mais pagar as prestações da casa, ela parou de trabalhar e vive apenas com a pensão e o dinheiro do artesanato, o que para ela significa uma maior qualidade de vida.

Atualmente, de acordo com os entrevistados, consegue-se comprar mais, não somente alimentos básicos, mas também bens de consumo (incluindo os supérfluos, como o celular do momento, caso de Wilson), o que muitos pensavam que seria impossível um dia conquistar. Quando questionava o que havia mudado, a maioria dos entrevistados se referia aos bens adquiridos nestes últimos anos. Nesta lista, os itens mais citados e lembrados eram: a compra da moto, de celulares, eletrodomésticos e móveis novos para a casa.

⁷⁸ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricista.

⁷⁹ Aparentemente, a Lei que Terezinha se refere é a Lei 8.213/91, que passou a vigorar, na verdade, em um momento anterior ao governo Lula. De acordo com essa lei, donas de casa a partir dos 60 anos podem se aposentar, caso tenham contribuído durante 15 anos com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Como Terezinha só conseguiu o benefício durante o mandato do PT, ela atribui esta conquista a este partido.

⁸⁰ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

⁸¹ Dona Rosangela morava em Taubaté e trabalhava em São Paulo.

A visão desses moradores vai ao encontro com as constatações feitas por economistas, de que o formato da pirâmide social brasileira começa a passar por transformações a partir do primeiro governo Lula, ganhando um maior volume entre aqueles que fazem parte da faixa de rendimento nomeada como “classe C”. Como foi verificado por esta pesquisa, os entrevistados assinalam que o padrão de vida sofreu mudanças significativas a partir da primeira década dos anos 2000.

Segundo o estudo realizado em 2012 pela FGV, sob a coordenação de Marcelo Neri, cerca de 39,6 milhões de brasileiros deixaram a faixa de renda D e E, e entraram para a classe C entre os anos de 2003 e 2011 ⁸².

A título de comparação, Neri (2008) indica que em 2004, 42.85% da população brasileira fazia parte da classe C, em 2008 este número atinge mais que a metade (51.89%), totalizando assim um aumento de 18.72% em quatro anos ⁸³.

De acordo com o economista, a Classe C pode ser considerada como a classe média brasileira. Para ele: “A classe C aufere em média a renda média da sociedade, ou seja, é a classe média no sentido estatístico. A classe C é a imagem mais próxima da média da sociedade brasileira” (2010, p. 29). No entanto, não existe uma definição consensual do que seja a classe média e nem sequer entre os pesquisadores do tema há um acordo de quais são os melhores critérios para classificá-la. Os componentes e metodologias utilizados para caracterizá-la variam conforme os objetivos que cada pesquisa possui. Alguns estudos, por exemplo, ao fazer a definição de classe contemplam a questão da ocupação profissional e o padrão de vida, como os realizados pelo economista Waldir Quadros (2008). Para este pesquisador, a classe média refere-se, na verdade, às Classes A e B, enquanto a Classe C deve ser qualificada como classe média baixa brasileira.

Esta mudança ocorrida no perfil socioeconômico brasileiro, segundo Amaury de Souza e Bolívar Lamounier (2010), foi possível devido à conjunção de alguns fatores como o aumento do emprego e da renda em condições de inflação baixa e crédito alto, o que

⁸² Deve-se ter claro que isso não significa dizer que todos os habitantes da Cecap, que sentiram uma melhora de vida, foram impulsionados para o que Neri classifica como “classe C”, uma vez que houve diferentes níveis de melhorias entre os entrevistados. Mas podemos afirmar que eles não ficaram imunes às mudanças que foram registradas na estrutura social brasileira e que também conseguiram, de alguma forma, melhorar as suas vidas, ainda que não exponencialmente.

⁸³ A divisão destas classes é feita com base nos valores do ano de 2008. A partir da renda domiciliar total e dos valores de renda *per capita* do trabalho, Neri (2008) definiu que as pessoas pertencentes à classe C têm rendimentos entre R\$1.064 até R\$4.561 reais mensais e R\$214 a R\$923, respectivamente. A definição feita por Marcelo Neri (2008) das outras classes (A e B, D, E) também se baseia nestes dois tipos de renda. Os pertencentes à Classe E têm a renda domiciliar mensal de até R\$768,00 e a renda *per capita* de até R\$135,00. Já os da Classe D, essas rendas variam entre R\$768,00 até R\$1064,00 e R\$135,00 até 214,00, respectivamente. Por fim, a elite brasileira que corresponde às classes A e B tem a renda domiciliar superior a R\$4591,00 e *per capita* maior do que R\$923,00.

propiciou uma significativa melhora entre os que estão na base pirâmide. Contudo, Quadros (2008) ressalta que os elementos que favoreceram as classes D e E não foram suficientes para expandir as classes A e B, que se mantiveram praticamente estagnadas nos seus estratos sociais. Na visão de Quadros (2008), para que houvesse melhoria às classes mais elevadas seria preciso impulsionar os serviços mais qualificados, que atendem à indústria e que são ligados à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico.

Apesar das ressalvas feitas, os dados levantados por Neri (2008) são importantes, pois demonstram que houve uma modificação na pirâmide social do Brasil, com a emergência de 22% dos brasileiros para o que ele classifica como sendo “classe C”.

4 De onde advém as mudanças? As percepções dos moradores da Cecap

De acordo com os entrevistados, se as condições estão melhores, deve-se principalmente ao triunfo próprio, granjeado por meio do trabalho e dos estudos. Interessante notar que a associação mais forte entre os habitantes é de que a vida está satisfatória porque a pessoa se dispôs a enfrentar os obstáculos e “seguir em frente”.

Observa-se, por conseguinte, que o discurso proferido é de que qualquer pessoa consegue o que precisa se “correr atrás e abraçar as chances que aparecem”, e neste instante ocorrem muitas vezes as comparações: “Eu estou bem, pois trabalhei, mas tem muita gente que não quer saber de nada”.

Quando questionei Selma sobre o motivo de ela ter conseguido fazer faculdade somente em 2011 e não anteriormente, ela me disse que a sua situação financeira estava melhor, que estava ganhando mais e que podia pagar o curso, ou seja, a questão é conectada com as condições materiais/pessoais. A sua fala demonstra como esta questão é concebida:

Eu encontrei formas de estudar sem precisar pagar e de fazer outros cursos sem precisar gastar dinheiro, até porque eu não tinha. Aí eu consegui melhorar o currículo, para melhorar no serviço e para conseguir mais dinheiro. Quem geralmente mora no bairro não tem estudo, porque é um bairro de classe inferior, sem muitas opções de crescimento. Eu consegui um trabalho através de uma instituição filantrópica e depois por eles consegui ser efetivada no serviço e então consegui pagar a minha faculdade sozinha. Mas não pelo governo ou por nada, mas porque eu fui atrás e procurei. Não tive a ajuda de ninguém. (informação verbal)⁸⁴

Os entrevistados também avaliam que muitas mudanças no bairro foram conquistadas porque muitos moradores se dispuseram a lutar por condições melhores, seja pela iniciativa que eles próprios criaram, como foram os casos relatados por Dona Laís (que em conjunto

⁸⁴ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

com seus vizinhos instalaram câmeras nos prédios), por Luiza (que auxiliou a revitalização da praça) e por Renan (que ajudou na readequação da quadra), seja pela mobilização dos moradores que reivindicaram ao Estado alguma melhoria no bairro⁸⁵. Camila, por exemplo, conta que a Cecap IV passou a ter uma linha de ônibus depois que os moradores se reuniram e entraram com um pedido na prefeitura.

Magali, em sua fala, traz outro caso de mobilização. De acordo com ela, o pronto atendimento somente entrou em reforma porque uma amiga fez o pedido. Ela complementa a sua fala dizendo que a ação dos moradores é mais eficiente que a dos próprios políticos:

Na verdade, inclusive foi uma amiga da gente que pediu a reforma. Aqui os moradores fazem mais coisas pela população que o próprio político, porque o pessoal que não tem rabo preso com nada é que faz pelo povão. Agora político tem rabo preso com todo mundo e eles não vão fazer nada. Então, assim, as pessoas mais bem benfeitoras são do bairro e não os próprios políticos. (informação verbal)⁸⁶

Terezinha também relata algo semelhante, ela conta que a escola estadual próxima à sua casa só foi construída após um morador do bairro se mobilizar para que isso acontecesse:

A gente tinha uma pessoa muito influente no bairro. Ele batalhava demais, ele ia até São Paulo falar com os políticos. Era o César Lastore! Ele não era político. Esta escola aqui foi através dele e uma comissão que tinha a Dona Ana também envolvida, que também era muito forte na comunidade. Eles iam a São Paulo sempre. Muita gente achava que esta escola seria um sonho, até achavam que iriam furar ali só para conseguir petróleo. Muita gente criticava, mas está aí a escola. Ele arrumou muita coisa, ajudou muito. (informação verbal)⁸⁷

Embora os entrevistados apreciem as mudanças dessa maneira, em um segundo momento eles manifestam que as condições (emprego, salário, estudo etc.) propiciadas pelo governo contribuem para que esta empreitada seja mais acessível, já que admitem que a política de certo modo influencia o cotidiano das pessoas. Por conseguinte, ter vontade e se mobilizar são os ingredientes principais para alcançar o sonho de uma vida melhor, mas suplementarmente também depende do contexto social e político do momento.

Durante uma das minhas caminhadas pela região, conheci José, que mora com a sua mulher e filho em uma das casas da Cecap II. Como ele propõe, a partir de uma metáfora, o governo não deve apenas alimentar, mas pode propiciar condições, como a vara, o peixe e o lago para que as pessoas consigam cumprir as suas metas:

A gente sempre fica meio confuso para falar de política, porque é complicado demais. Opinião formada? Só se o cara for alienado. Se o cara não vê a realidade e

⁸⁵ Deve-se ainda destacar que, apesar da Cecap abrigar um número grande de habitantes, durante a etnografia não tomei conhecimento da existência de movimentos sociais, como associações de bairro e Organizações não governamentais (ONGs) que fossem atuantes na região. O único tipo de atuação existente, como citado no texto, é de moradores que individualmente ou com o auxílio de outros moradores se mobilizam em prol de uma causa específica, mas não formam uma organização permanente.

⁸⁶ Informação fornecida por Magali, 36 anos - desempregada.

⁸⁷ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

estiver enxergando, o cara vai se alienar, vai ser como eu era. Querendo ou não eles fizeram, eles fazem [o governo], como o Bolsa Família e estudo. [...] não pode ficar alimentando sem dar o peixe, o lago e a vara. Tem que dar a vara e ensinar o caminho do lago para ele ir lá pescar. Eu venho de periferia e sei como é [...]. É a única solução, então, você tem que ter meta na vida, objetivos e correr atrás. (informação verbal)⁸⁸

“Correr atrás das oportunidades” é fundamental, como pode ser notado na fala de José, e esse é o diferencial das pessoas que batalham, dos muitos que não conseguiram ascender e chegar a um patamar estável. Mas quando o governo cumpre o seu papel e garante uma situação favorável, atendendo, assim, as reivindicações populares, torna-se mais exequível a empreitada.

Quando questionei Edson sobre o motivo da sua melhora de vida, ele foi enfático e disse que se devia a sinergia das suas ações, uma vez que ele estudou e granjeou as oportunidades. Desse modo, em sua visão, o fator fundamental para a obtenção do êxito foi a mobilização própria. Contudo, logo após, eu perguntei se ele acreditava que a sua situação financeira poderia aumentar e ele respondeu da seguinte maneira:

É possível, mas não depende apenas de mim. A gente está em busca disso, mas depende de como as coisas no país estão. (informação verbal)⁸⁹

Assim, para os moradores da Cecap, a ação do governo é importante, pois oferece perspectivas mais promissoras para aqueles que querem “correr atrás” de melhores condições. As duas falas seguintes de Juliana evidenciam bem esta visão:

Eu vi de tudo aqui no bairro. Se eu não tivesse uma base mesmo para o que eu queria na minha vida, eu teria entrado para o mesmo caminho: a maioria das minhas amigas parou pelo ensino médio, acho que 90%. Algumas não terminaram, acho que a maioria não terminou o ensino médio. Hoje elas têm no mínimo dois filhos, não fizeram faculdade, não têm um emprego bom e moram de aluguel nos prédios. Nossa, elas não querem nada com nada. [...] Elas engravidaram com 16 ou 17 anos. [...]
A política interfere na nossa vida, né? Eles que fazem tudo para a gente. Para tudo a gente depende das decisões do governo, então influencia no nosso padrão de vida. (informação verbal)⁹⁰

Portanto, respondendo à pergunta do tópico, na visão dos interlocutores, para que uma pessoa consiga elevar-se socialmente é primordial que ela estude, faça cursos técnicos, esforce-se para ter um bom emprego, seja um bom funcionário e busque sempre as oportunidades mais promissoras. Mas por outro, acessoriamente, para que obtenha uma ascensão sustentável, é oportuno que o governo propicie uma conjuntura na qual ela tenha maiores chances.

⁸⁸ Informação fornecida por José, 38 anos - projetista 3D.

⁸⁹ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricista.

⁹⁰ Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas da Panco.

Percebe-se, desse modo, que eles entendem que sem a vontade do indivíduo o processo de melhoria nunca será concretizado. Se o sujeito se empenha para crescer economicamente, mesmo quando não há um ambiente favorável, esta meta pode ser concretizada, apesar dos possíveis percalços. Mas, se ele não se dedica, não importa as condições do país, ele ficará no mesmo patamar para sempre.

5 Visão do Governo do PT

Há, entre os moradores, a percepção de que as suas condições sociais, de modo geral, progrediram nos últimos tempos. A ascensão, de acordo com as suas visões, somente foi possível porque eles se empenharam para que isso ocorresse. Posto isso, eles acreditam que o governo do PT possibilitou essas melhorias?

Os habitantes da Cecap percebem que a melhoria nas suas condições de vida não foi um processo individual e único, mas foi algo que aconteceu também com muitos outros brasileiros. Muitos relatam que o país, de modo geral, passou por transformações positivas com a entrada de Lula no governo, o que permitiu que milhares de pessoas conseguissem ter uma perspectiva de vida melhor. A experiência das mudanças pela qual passou a sociedade brasileira na última década foi vista como uma possibilidade para que eles próprios, por meio do esforço, tivessem mais chances de progredir.

Nesse sentido, a maioria dos entrevistados afirma que o governo do PT nestes últimos 12 anos foi um fator importante para que os mais pobres alcançassem uma situação financeira melhor. Todavia, a visão que eles construíram da relação entre melhoria de vida e ação do governo é bastante genérica. Eles identificam os principais projetos encabeçados pelo partido, como Bolsa Família, Programa Universidade para todos (Prouni) e Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), mas eles não têm conhecimento aprofundado sobre as medidas que foram implementadas e que permitiram que a situação deles melhorasse. Há, na verdade, a concepção abrangente de que com “a entrada de Lula na presidência a vida dos mais pobres melhorou”.

Portanto, nas entrevistas, nota-se que a maioria dos moradores assevera que houve uma modificação na situação econômica e que o governo federal deu oportunidades para que isso ocorresse, mas esta associação é vaga, pois grande parte não sabe pontuar especificamente o porquê. Quando questionados sobre quais tinham sido estas ações governamentais, os interlocutores asseguravam que passou haver, para os que buscam,

maiores oportunidades de estudos, de emprego e de salários mais atrativos, mas eles não sabem verbalizar as políticas que levaram a estas melhorias. Sendo assim, mesmo que eles não consigam identificá-las, não se pode negar que exista entre eles uma compreensão de que o governo teve um papel importante para que a situação social dos mais pobres desse um salto.

Deve-se ressaltar que a maioria das pessoas tem esta noção genérica, no entanto, para alguns entrevistados essa associação é um pouco mais nítida, pois eles têm uma maior clareza de como foram beneficiados pelo lulismo. No outro extremo, há casos em que a ação do governo e melhoria são ainda mais vagos. Selma e Juliana são exemplos de entrevistados que sentiram fortemente o impacto das políticas do período, já que foram favorecidas diretamente com a expansão de empregos, o que modificou as suas trajetórias. Wilson, por outro lado, não tem emprego, vive de um dinheiro que ganhou trabalhando fora do Brasil, e, apesar de estar com um poder de compra maior e poder financiar a moto, o único programa do governo que ele associa nitidamente a sua vida é o FIES (que ele admite ter sido positivo).

De modo geral, nas entrevistas, há depoimentos que demonstram que eles percebem a importância do governo nesse processo, mas, como já ressaltado, são na maioria das vezes amplos. Aparentemente, esta visão foi reforçada por um discurso largamente difundido de que a situação do país estava propícia para que os mais pobres subissem de patamar. Abaixo selecionamos algumas falas que demonstram esta noção.

Quando conversei com Rogério sobre a sua condição de vida, após ele ter levantado um quadro de melhora, assim como muitos outros informantes fizeram, ele terminou a fala concluindo o seguinte:

Com o governo Lula, a vida das pessoas melhorou, elas têm mais bens materiais hoje em dia. (informação verbal)⁹¹

Da mesma forma, Terezinha atribui a melhoria na vida das pessoas ao governo Dilma e Lula, mas sem deixar de ressaltar a importância do trabalho:

Acho que em termos gerais melhorou bastante, porque o pessoal da classe D tem muito mais poder aquisitivo agora. Houve uma melhoria nestes governos, acho que é mérito de Lula e Dilma. [...]. Eu acho que ele [Lula] teve uma boa participação na melhoria de vida dos brasileiros. Eu acho isso, pronto.

[...]

Quanto ao poder aquisitivo, de modo geral, das pessoas, isso melhorou bastante. Infelizmente, eu lamento o comodismo que houve de certa faixa de idade, que não quer nada. [...]. As pessoas precisam trabalhar. Estava quase parando o setor imobiliário em Taubaté, porque não tinha profissionais como mestres de obras e pedreiro para as obras. (informação verbal)⁹²

⁹¹ Informação fornecida por Rogério, 37 anos - fiscal de loja no supermercado Carrefour.

⁹² Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

A fala de José demonstra bem a união entre a visão do mérito e do papel do governo. Para José, houve uma melhora na educação durante o governo do PT, o que permitiu aos mais pobres terem mais oportunidades de crescimento econômico e conseguirem melhores condições de vida. Apesar de José ter sido mais específico, assinalando o ensino como um ponto de avanço, ele também não sabe definir ao certo quais foram as ações que levaram a este melhoramento.

O Brasil está caminhando para melhor, vamos ver o que acontece. [...]. Em algumas coisas assim em relação a estudo, estudo técnico e para alguma parte da população pobre melhorou. [...]. Se você educar... Eu tenho um filho de quatro anos, esse filho eu educo da melhor forma possível: é o certo e o errado, ele respeita para ser respeitado e se não for deste modo, ele vai pagar mais para frente. Eu quero que ele veja a vida como ela é: não é fantasia. Se ele não estudar, não vai ter serviço bom e se ele não tiver serviço bom, ele não vai ter renda. (informação verbal)⁹³

Dona Rosângela, igualmente aduz que o governo da Presidente Dilma melhorou a educação. De acordo com ela, hoje todos que querem estudar têm essa oportunidade:

Na questão do ensino, a Dilma abriu muitos campos para os pobres. [...] Estudo está bom, hoje em dia não estuda quem não quer. Eu aplaudo ela. Eu tenho um monte de neto moço e escola para eles têm, não estuda quem não quer! Em matéria de estudo a Dilma está em primeiro lugar. (informação verbal)⁹⁴

Nelson também destaca melhorias em relação ao ensino, pois hoje, de acordo com ele, há mais oportunidades. Ele contou que as suas duas filhas só conseguiram iniciar a faculdade, pois puderam financiar as mensalidades pelo FIES. Hoje uma delas está fazendo técnico em enfermagem na Anhanguera e a outra pedagogia pela mesma instituição. Sobre o FIES, ele argumenta:

É legal, é bom [o FIES], se o governo manter é bom. Quantas pessoas aí fazendo a faculdade, a minha filha mesmo. Ela tem 30 anos e não teve a oportunidade de fazer a faculdade antes, a gente não tinha condição de pagar. É para ver se abre portas, ela foi fazer uma entrevista agora do Sabatino⁹⁵. (informação verbal)⁹⁶

Selma que afirmou em um primeiro momento ter conseguido melhorar de vida por conta própria, como destacado acima, em outra parte da entrevista, manifestou que as oportunidades de serviço e estudo propiciadas durante o governo Lula também foram importantes. Quando questionei o que ela achava da situação do país a partir do governo Lula, a sua resposta foi a seguinte:

Eu acho que melhorou. Pelo o que vejo e escuto dos mais velhos acho que melhorou. As oportunidades estão melhores, a questão de serviço também está mais fácil. O conhecimento melhorou para todo mundo, sabe? As pessoas estão tendo mais possibilidades para estudar. (informação verbal)⁹⁷

⁹³ Informação fornecida por José, 38 anos - projetista 3D.

⁹⁴ Informação fornecida por Dona Rosângela, 75 anos - pensionista.

⁹⁵ Sabatino é uma escola particular localizada na cidade de Taubaté.

⁹⁶ Informação fornecida por Nelson, 53 anos - faz bicos.

⁹⁷ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Como os outros entrevistados, Juliana também tem a percepção de que a sua condição presente está melhor do que no passado. Perguntei sobre o motivo e ela respondeu que as pessoas hoje, comparado à última década, têm uma situação financeira melhor, já que o valor do salário mínimo aumentou:

Em questão de salário, antes o salário era muito menor. Um salário mínimo era o que? Na época, pelo o que a minha mãe me fala era uns 200 ou 300 reais, daí... Hoje em dia não dá para nada. Mesmo as coisas sendo mais caras hoje, ainda assim, tendo em vista uns 10 anos atrás, o salário está bem melhor. (informação verbal)⁹⁸

Portanto, o que se percebe é que eles notam que o governo teve um papel importante para que os brasileiros melhorassem de vida, mas eles não sabem manifestar os motivos e quais foram exatamente as políticas do período que impactaram em suas vidas.

6 Bolsa Família como ação afirmativa

A maioria dos entrevistados enxerga o programa Bolsa Família de maneira positiva. Como acreditam que o governo deve garantir condições favoráveis para que os indivíduos consigam ascender socialmente, eles acabam tendo um posicionamento a favor desse tipo de projeto.

Todos entrevistados, sem exceção, tinham conhecimento e algo a dizer sobre o Bolsa Família. Esses moradores acreditam que os programas realizados pelo PT não foram simplesmente assistencialistas, mas, na realidade, possibilitaram que as classes mais baixas tivessem meios de lutarem por melhores perspectivas. Mesmo sem se afeiçoarem ao termo, suas assertivas traduzem o conceito de ações afirmativas⁹⁹.

Falam com base na experiência própria, dizem que muitas pessoas não tiveram oportunidades de estudo, de conseguir um emprego e, ainda, há os casos dos que se dedicam e buscam ter uma melhora, mas que apenas com o salário do trabalho não conseguem ter uma boa qualidade de vida.

Os programas ajudam muita gente! “Ah, a pessoa vai ficar vagabunda, não vai querer trabalhar, porque vai receber dinheiro”. Não é, tem muita gente que precisa

⁹⁸ Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas.

⁹⁹ De acordo com Joaquim Benedito Barbosa Gomes (2001, p. 06-07), ações afirmativas “consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam a combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação, mas também a discriminação de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade. De cunho pedagógico e não raramente impregnadas de um caráter de exemplaridade, têm como meta, também, o engendramento de transformações culturais e sociais relevantes, inculcando nos atores sociais a utilidade e a necessidade da observância dos princípios do pluralismo e da diversidade nas mais diversas esferas do convívio humano.”

deste dinheiro, pois só o salário não dá e precisa de outro auxílio. (informação verbal)¹⁰⁰

Algumas pessoas são contra. Eu particularmente não sou contra. É um meio de ajudar o pessoal de lá [nordeste], o pessoal de lá não tem emprego, a maioria depende do governo e precisa dessa ajuda. E também tem o pessoal daqui que não teve oportunidade de estudo e emprego e que precisa de ajuda. (informação verbal)¹⁰¹

A aparente contradição entre as pessoas afirmarem que o sucesso é uma conquista própria e algumas destas mesmas pessoas serem favoráveis ao programa Bolsa Família é possibilitada devido à percepção que eles têm do papel do governo. A maioria deles não questiona a causa e o objetivo do programa, mas ao darmos um passo a mais nessa questão, as ressalvas começam a aparecer no discurso proferido pelos entrevistados.

Nesse momento, a questão da meritocracia volta a tomar destaque, uma vez que os entrevistados concordam que é um projeto social importante e que deve ser mantido, mas que, por outro lado, é preciso haver um rigor para que somente os que necessitam e não têm meios de conseguir ascender individualmente sejam beneficiados. O que se verifica nas falas dos entrevistados, como será mostrado adiante, é um apoio ao conteúdo do projeto, mas uma insatisfação diante das pessoas, vistas como “aproveitadoras”, que se beneficiam do auxílio para deixar de trabalhar e correr atrás de condições melhores.

Rogério, Juliana, Rosangela e Selma, por exemplo, avaliam que este tipo de auxílio deve continuar, mas que há problemas que devem ser solucionados. Para Rogério e Juliana, muitos dos beneficiários não fazem um bom proveito do auxílio financeiro:

É bom, mas tem muita mulher folgada que fica usando o dinheiro do Bolsa Família para gasto próprio e quer que as crianças se lasquem. Elas não estão nem aí. Tem muita gente que faz isso. A criança vive ranheta correndo pela rua enquanto a mãe está fazendo a unha. (informação verbal)¹⁰²

O problema é que uma parte acaba se encostando para ficar sem fazer nada. (informação verbal)¹⁰³

Além desse argumento, os entrevistados também ressaltavam que falta uma melhor seleção dos beneficiários, assim como uma maior fiscalização dos que estão recebendo. No trecho a seguir, Edson, além de constatar o problema da falta de fiscalização, acrescenta que é preciso ser feito uma melhor distribuição da verba do programa, pois muitas pessoas que não precisam recebem, enquanto outras que realmente necessitam de uma ajuda não conseguem ser beneficiadas. No final, ele propõe uma possível solução:

¹⁰⁰ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

¹⁰¹ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricista.

¹⁰² Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas da Panco.

¹⁰³ Informação fornecida por Rogério, 37 anos - fiscal de loja no supermercado Carrefour.

Mas muitas pessoas aproveitam da situação dos outros e vai recebendo sem precisar. Se fizesse uma fiscalização disso aí, você veria coisa errada. Tem que ajudar o pessoal. [...]. Tem que manter, mas precisa fiscalizar mais, pois tem pessoas recebendo sem precisar. Tem pessoa, assim que recebe algum tipo de programa... por exemplo, eles recebem a cada seis meses dois mil reais, somente um exemplo, não sei quanto recebe, vai lá uma fiscalização e vê como está sendo aplicado e se está rendendo aqueles dois mil ou não e se for preciso corta aquela mensalidade. (informação verbal)¹⁰⁴

Dona Rosangela, que também se diz favorável à manutenção do programa, tem a mesma opinião de Edson e Rogério. Ela produziu um longo depoimento a este respeito:

Com o Bolsa Família tem muita gente que deixou de trabalhar. [...]. Minha filha já teve uma candidata à empregada.... Quando ela chegou na casa a minha filha falou: “Você vai trabalhar, mas traz o documento para eu te registrar.” Ela [empregada] falou: “Ah, depois eu trago, não sei o que...”. Ficou enrolando! “Traz o documento que preciso te registrar.” Aí ela não trouxe. Minha filha falou: “Se amanhã você não aparecer com o documento, você não vai nem trabalhar.” Ela falou assim: “Olha dona, é que eu não queria registrar, porque se eu registrar a carteira, eu perco o Bolsa Família”. Então, o governo pensa que está ajudando, mas acaba infelizmente formando vagabundo. Porque tem gente que não trabalha por causa do Bolsa Família, não quer ser registrado por causa do Bolsa Família. Tem gente que eu já cheguei a conhecer que não tem filhos, não tem mulher e recebe Bolsa Família, não sei de que maneira. Então, dá, mas não fiscaliza para quem dá. Quem precisa mesmo, não ganha. Quem não precisa tem acesso ao Bolsa Família. Tem gente que não quer ser registrado, tem gente que nem trabalha por causa do Bolsa Família. Tem uma senhora aqui, ela é doente, velha e cria três netos. Varre praça porque não tem Bolsa Família, não tem nada. O Bolsa Família tem que continuar, mas tem que ter um pouco mais de fiscalização, para saber exatamente a pessoa certa para quem dar. Não distribuir dinheiro para qualquer um, quem precisa mesmo às vezes não recebe e quem recebe não precisa. Não quer trabalhar e às vezes nem filho tem e recebe. Há uma má distribuição! Eu sou a favor de ajudar! É preciso fazer uma triagem e pegar as pessoas e dizer: “Esta pessoa precisa, vai receber.” Não tem condições de trabalhar ou tem dificuldade. Quantos velhos ganham uma pensão e criam netos, porque a mãe abandonou e ficou sem pai e sem mãe, entendeu? Ou tem que ajudar porque os pais não têm condição e casa para morar. Para estas pessoas tem que ter. [...] O exemplo é a mulher que varre a rua e cria três netos que são pequenos. Dois vão à escola e outro na creche [...]. Eu sou a favor, mas tem que ter uma triagem. (informação verbal)¹⁰⁵

Selma também acredita que o problema está na forma em que são selecionados os beneficiários do Bolsa Família. A fala de Selma é interessante, pois ela chega a esta conclusão a partir da sua própria experiência, dizendo:

Deve ter uma forma melhor de distribuir esta renda. Em casa mesmo, era uma mãe e quatro filhas e nós não tínhamos auxílio nenhum. Quando a minha mãe tentava não conseguia, não sei o porquê e a gente precisava de verdade. A minha mãe não sei ao certo o motivo, mas não conseguia. Acho que era por coisa boba, talvez porque não tinha comprovante de endereço. A gente precisava! Enquanto isso, alguns vizinhos, que não precisavam tanto quanto a gente, tinham. As famílias fazem algum tipo de gambiarra e conseguem esses auxílios. Precisa ser bem mais elaborado, porque ajuda muita gente. [...] O governo precisa achar um jeito de selecionar melhor a forma de distribuir. (informação verbal)¹⁰⁶

¹⁰⁴ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricitista.

¹⁰⁵ Informação fornecida por Dona Rosangela, 75 anos - pensionista.

¹⁰⁶ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Três pessoas, no entanto, se posicionaram contra a este programa social. Wilson é um caso interessante, pois, a princípio, ele tem uma fala similar a dos outros entrevistados ao dizer que há pessoas que necessitam deste tipo de programa e que é bom principalmente para aquelas que vivem no Nordeste, mas depois, ele acaba por concluir – o que o diferencia do restante dos entrevistados – com uma visão mais conservadora. De acordo com ele, todos têm as mesmas possibilidades de crescimento e, portanto, não seria justo que alguém, incluindo as pessoas do Nordeste, recebesse esse auxílio, enquanto outro se esforça com as próprias pernas. Ele finaliza dizendo que este tipo de programa não deveria existir em nenhuma circunstância, pois deve haver igualdade de direitos entre todos.

Eu sou contra a política que é hoje. Eu posso estar passando fome, mas prefiro pedir comida a pedir um auxílio do governo. Incentiva o vagabundo. Tudo bem que tem gente que não tem condições, mas acho que hoje em Taubaté e no Vale do Paraíba não trabalha quem não quer. [...]. Por mais que seja um trabalho que fica debaixo do Sol, tem trabalho. “Ai, eu não consigo trabalho, estou passando fome e vou pedir ajuda.” Deixa de ser vagabundo! Esses programas são bons lá no Nordeste, onde não se tem o que fazer. Pessoas que moram super intocadas no meio do mato e vão viver das rendas que produz da terra. Mas tem um monte de gente que faz cinco filhos porque recebe x por cada filho e vai viver disso. [...] A política que acontece hoje em termos de Bolsa Família e Bolsa aquilo não incentiva a pessoa trabalhar, ela tem tudo em casa: tem gás, tem luz, tem tudo através do governo. Por que vai trabalhar? Na minha opinião sou super contra a política de hoje. Eu tenho certeza, para a melhoria da população do Brasil deveria tirar isso. Para todos, até para o povo do Nordeste! “Por que vai tirar dele e o meu não? Por que vai tirar de mim e dele não? Será que a pessoa é melhor do que eu?” Para não ter desigualdade, que seja tudo igual então. Não é isso que as pessoas buscam? Igualdade social. Então faça isso. “Ah, eu moro na favela.” Por que não toma um rumo? Vai para algum lugar e procura um emprego. No Vale do Paraíba tem um monte de fazenda que contrata pessoas. É um serviço de peão e pesado, mas não é melhor suar e ganhar o seu próprio dinheiro? (informação verbal)¹⁰⁷

Carlos, 63 anos, um aposentado da Polícia Militar, que mora desde 1994 em uma das moradias da Cecap II, fez questão em dizer que seus dois filhos estão todos formados e que fez concessões, como não ter feito faculdade, para conseguir com que eles se tornassem “alguém na vida”. De acordo com o entrevistado, as suas ações foram todas tomadas em função dos descendentes e que cada pessoa tem as suas prioridades, as dele sempre foi essa. A ideia que parece estar por trás deste pensamento é de que, se eu consegui sair de uma situação mais baixa e melhorar a minha vida por conta própria, é porque eu batalhei para que isso acontecesse e qualquer pessoa tem condição de fazer o mesmo. O governo não é fundamental, apenas a força de vontade.

Dona Laís, de forma análoga, tem um discurso nesse mesmo sentido:

Não sou favorável ao Bolsa Família. Sabe por que não? Porque a pessoa se acomoda. “Oh, não estou nem preocupado, dia 20 ou dia 30 vem o meu Bolsa Família e acabou. Oh, vou comprar estas coisas, mas dia 20 ou dia 30 tem o Bolsa

¹⁰⁷ Informação fornecida por Wilson, 24 anos - estudante.

Família para eu pagar a minha prestação”. [...]. Tem criança para criar? A mãe e o pai podem trabalhar para sustentar. (informação verbal)¹⁰⁸

No discurso de Carlos, Wilson e Dona Laís – diferentemente dos outros entrevistados que, mesmo tendo uma visão imbuída pela questão da meritocracia, acreditam que somente o trabalho não é suficiente para a concretização da ascensão social – o crescimento pessoal está fortemente relacionado ao modo como o sujeito se comporta e toma as suas atitudes, pois, para os três, o fator mais importante diz respeito ao próprio indivíduo e a sua vontade de buscar uma condição melhor, já que todos, se quiserem, têm a possibilidade de melhorar a sua qualidade de vida por meio do trabalho e independentemente de programas sociais. O que os diferencia dos outros entrevistados é o grau de crença na possibilidade de crescimento a partir do esforço próprio.

7 A simpatia com a figura de Lula

Podemos notar que a visão do programa Bolsa Família, como ação afirmativa que deva existir – inobstante as ressalvas de gestão –, propicia uma aproximação dos entrevistados ao lulismo. Outro ponto de afinidade ao fenômeno é a empatia que muitos moradores disseram ter com Lula e o PT.

É possível verificar que muitos moradores da Cecap acreditam que o Lula defende os interesses sociais dos mais pobres, uma vez que as suas políticas são voltadas, em suas concepções, para aqueles que têm maior carência financeira. Selma e Nelson, por exemplo, declararam que, para eles, Lula foi o melhor presidente que tivemos. Dona Nadir, moradora da Cecap II, com quem conversei durante algumas idas minhas à região, contou que já votou no Lula em outras eleições e que tomou esta decisão devido às características do candidato. Entende que Lula é uma pessoa que adveio de um estrato inferior da sociedade e que, portanto, saberia quais eram as necessidades dos mais pobres. Aduz:

Eu gosto do Lula, o meu marido gostava do Lula. O Lula era pobre, não mais do que eu, mas era pobre. Aí falei, vou votar nele. Votei nele e ele ganhou! O pessoal da casa ali mete pau no Lula. Ele não gosta do Lula. Eu não vejo ninguém falando mal do Lula, só esse cara aí. Lula é da gente! É igual ao time do Corinthians. Metem pau no time, querem que perca. Por que será que metem pau no Corinthians? Se perde é porque não presta e se ganha é porque foi roubado (informação verbal)¹⁰⁹

Em uma das minhas caminhadas pelo bairro, entrei em uma construção erguida na área de convivência dos prédios que vendia roupas usadas, com o intuito de compreender o que

¹⁰⁸ Informação fornecida por Dona Laís, 65 anos - aposentada.

¹⁰⁹ Informação fornecida por Dona Nadir, 65 anos - aposentada.

eram aquelas instalações. Havia três mulheres no local, uma delas era a Maria, com quem conversei mais detidamente. Na época da conversa, em outubro de 2013, Maria contou que fazia dez meses que tinha retornado à Cecap, sendo que no passado já havia vivido no local durante sete anos. Atualmente, ela mora apenas com o seu marido, aposentado. No meio do assunto sobre a infraestrutura do bairro, brevemente, conversamos sobre política. Logo de início, ela já expôs admirar o ex-presidente Lula:

Eu gosto do Lula, eu acho que ele fez muita coisa boa. Não sei, para mim eu acho que ele fez. [...]. Eu sou da roça. Uma pessoa para ter uma formação na vida tem que ser batalhador, tem que ser trabalhador. [...] O Lula nunca teve muito estudo, não teve possibilidade de estudar muito, pois ele foi trabalhador, foi metalúrgico. Uma pessoa que trabalha muito tem mais visão, sabe o que o povo precisa. A nossa classe é mais pobre. (informação verbal)¹¹⁰

Terezinha faz declarações nesse mesmo sentido:

Melhorou muito as coisas. Eu acho que melhorou. O Lula sempre teve muita vontade que os pobres tivessem uma vida melhor. Ele tinha boas intenções e falava de coração, enquanto outros políticos falam da boca para fora. (informação verbal)¹¹¹

Em outra conversa rápida que tive, Renato, um guarda noturno e morador de um dos apartamentos da Cecap III, disse que Lula era um dos seus políticos preferidos. Em sua fala, Renato ressaltou o fato de Lula ser uma pessoa considerada do “povão”.

Eu gostei mais do Lula. Votei nele. Se o Lula se candidatasse eu votaria nele novamente. [...] Como vou dizer para você? Eu gosto dele pela história dele. Foi o único que vi a história desde o começo. Ele tentou várias vezes e continuou tentando. Mesmo não tendo ganhado, ele continuou e foi atrás. Batalhou! Ele foi indo e indo até que bateu e conseguiu. [...] E também o fato dele ser do povo contou para mim. Não sei para os outros, mas para mim contou. (informação verbal)¹¹²

É possível perceber que Renato traz à tona exatamente a questão da meritocracia que, como já assinalado, está presente no discurso de muitos moradores da Cecap. Para ele, Lula é um batalhador que correu atrás dos seus objetivos. Camila e Edson fazem observações bem parecidas com essa:

O Lula como pessoa, pelo o que eu conheço, é um homem forte, que veio do nada e conseguiu chegar à presidência. Acho interessante uma pessoa que não sabia ler e escrever ter chegado à presidência. (informação verbal)¹¹³

Para mim ele foi um bom presidente, foi onde tudo começou. Ele começou muito bem. Eu não conheço muito a história dele, mas sei que ele foi um metalúrgico ligado ao sindicato. Um cara que batalhou muito para assumir o poder. Ele mereceu, por tudo que ele fez. (informação verbal)¹¹⁴

¹¹⁰ Informação fornecida por Maria, 50 anos - Dona de Casa.

¹¹¹ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹¹² Informação fornecida por Renato, 47 anos - Guarda Noturno.

¹¹³ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

¹¹⁴ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricista.

De modo geral, é possível assinalar que, entre os moradores com que conversei durante a pesquisa, existia uma visão positiva sobre o ex-presidente.

8 Cecap e lulismo?

A maneira como os entrevistados percebem a sua situação social influencia de forma reflexiva em suas decisões políticas e eleitorais. A maioria do eleitorado da região, apesar de não ter uma visão política depurada, utiliza uma série de dados disponíveis no seu cotidiano, incluindo aqueles que foram formados a partir de fora, para decidir o seu voto. Eles principalmente buscam escolher em quem votar tomando como base o seu meio ambiente e as suas condições sociais. Por isso, pode-se afirmar que o eleitor da periferia de Taubaté toma suas atitudes em concordância com a sua realidade e as suas experiências.

Pode-se, no entanto, advertir que o problema da falta de inteligibilidade do sistema representativo acaba por tornar a política desinteressante, assim como ocasiona uma forte descrença com o modo que a política vem sendo praticada. No momento do voto, o eleitor brasileiro tem diante de si uma gama de partidos políticos e candidatos, muitos dos quais ele acaba nem sabendo da existência, uma quantidade de regras eleitorais que são muitas vezes de difícil assimilação, uma diversidade de cargos políticos com funções distintas e, ainda, uma fraca diferenciação programática entre as opções que se apresentam.

Tendo em vista a abundância dos elementos presentes na nossa democracia, grande parte dos moradores da Cecap não tinha clareza de como a política brasileira funciona, e, quem eram e são os seus principais atores políticos. Em vários momentos durante as entrevistas foi possível se deparar com frases do tipo: “Política? Eu não entendo nada sobre isso!”.

Na verdade, eu não sou muito ligada em política. Por falta de brasileiros como eu, que uma vida toda nunca teve aquele interesse de saber como as coisas funcionam, como as coisas andam, quais são os meus deveres e quais são as minhas obrigações que chegamos nessa política. A maioria das pessoas não se interessa, há um pouco mais de interesse somente na época de eleição. (informação verbal)¹¹⁵

Contudo, o protagonismo recente e reiterado, exercido em conjunto por PT e PSDB nas disputas eleitorais mais importantes, acabou por tornar em 2010 esses dois partidos os mais conhecidos e os mais votados na Cecap. A visibilidade adquirida ao longo dos pleitos disputados e a contínua participação como competidores assíduos permitiram que esses

¹¹⁵ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

partidos se constituíssem em importantes balizadores da decisão do voto. Este predomínio foi sentido principalmente no momento anterior ao das eleições de 2014, quando as questões políticas ainda não estavam presentes de forma intensa no cotidiano dos moradores¹¹⁶.

Falar sobre política com os eleitores fora da época eleitoral trouxe vários entraves, mas também esclareceu vários pontos. Se por um lado, demonstra como a participação do cidadão fica restrita à escolha do candidato/partido e como ele só procura se informar e tomar as suas decisões (como salientado por Camila) quando é convocado a participar do processo eleitoral, por outro lado, mostra quais opiniões que estão mais arraigadas e permanecem mesmo antes/após o período de efervescência da campanha.

Como apontado no capítulo anterior, na eleição de 2010, a então candidata à presidência pelo PT não obteve a melhor posição na região da Cecap, apesar disso, Lula e Dilma eram constantemente citados e lembrados durante as entrevistas que ocorreram antes do período eleitoral. Com exceção do PT e, em alguns casos, do PSDB, dificilmente, os moradores que entrevistei antes do período de campanha conseguiam identificar tão rapidamente um político de algum outro partido. Quando questionava os entrevistados qual partido eles achavam que recebia mais votos no bairro, todos, sem exceção, respondiam que era o PT. Nesse sentido, era nítido como estas figuras são populares entre estes moradores, apesar de alguns confundirem o nome de Dilma,¹¹⁷ não havia uma pessoa que dissesse não saber quem era Lula. Entretanto, o fato de Dilma e Lula serem os políticos mais conhecidos da população da Cecap não garantiu que a maioria desses eleitores votasse em prol dos seus projetos.

Contudo, deve-se advertir que, se *a priori*, como notamos anteriormente, pode-se argumentar que o lulismo não teve influência no processo eleitoral de 2010, após o início do trabalho de campo, nota-se o contrário, que na realidade os moradores de modo geral demonstram ter certa aderência aos governos de Lula e Dilma.

Entre os entrevistados, embora tenha havido divergências e graus diferentes de apoio ao projeto lulista – sendo que alguns tinham uma maior aproximação (como Terezinha e Selma) e outros uma menor (como Rosangela e Carlos) – houve apenas um caso de total rejeição ao partido. Como foi assinalado acima, Wilson demonstrou ter um posicionamento mais conservador. Apesar de ter sentido uma melhoria na sua condição de vida e admitir que

¹¹⁶ O PSDB e o PT foram os únicos partidos citados espontaneamente pelos moradores durante as entrevistas feitas antes do início da campanha de 2014.

¹¹⁷ Alguns eleitores se atrapalhavam ao se referir a Dilma, sendo que, entre estes, alguns simplesmente demoravam a lembrar do nome e outros se confundiam e a chamavam de Vilma, por exemplo. A confusão do nome de Dilma, no entanto, ocorreu no momento anterior à eleição de 2014. Com o início da campanha, os moradores já estavam bem familiarizados com Dilma.

hoje possua um poder de compra maior, Wilson crê que essa melhora se deva exclusivamente ao seu esforço próprio. Além disso, ele é, como já ressaltado, totalmente contrário ao programa Bolsa Família, assim como tem uma grande antipatia pelo PT e pela figura de Lula.

Eu sinceramente, enquanto estiver vivo não vou gostar da forma que o PT governa. Eu não gosto! Em minha opinião, eu não aceito este tipo de governo que facilita as coisas para o povo. [...]. Para ser um presidente tem que ser uma pessoa bem instruída e estudada. Até onde eu sei, o Lula não tem o mínimo de formação para administrar um país. Eu não conseguiria administrar uma empresa sem concluir a faculdade, correto? Como alguém vai me colocar lá porque sou bom e honesto? Só por isso não vão me dar a liderança de uma empresa. [...] Ele não devia se colocar à disposição para ser presidente. Quando ele entrou teve aumento de imposto e roubos e mais roubos, além das dívidas que aumentou. Uma pessoa com capacidade de inteligência saberia administrar aquilo corretamente. [...] Foi a mesma coisa quando Pedro Alves Cabral chegou no Brasil. Ele não tinha mão de obra quando chegou no Brasil, o que ele fez? Ele trocou com os índios, ele deu presentes e recebeu trabalho. O Lula deu Bolsa Família e recebeu em voto. Foi uma compra de voto! [...] Nunca votei no PT! Nem se eu tivesse dez anos de idade eu votaria nesse partido. [...] Partido dos trabalhadores, né? Mas o próprio nome é inverso! O partido que dá tanta ajuda de custo para as pessoas mais desfavorecidas, no caso, mais desinteressadas, não é dos trabalhadores. Tem que incentivar trabalho e não auxílio para ficar em casa coçando o saco [...]. Tem que incentivar trabalho, tem que impor alguma coisa para gerar emprego. (informação verbal) ¹¹⁸

Neste caso, é claramente perceptível o posicionamento contrário ao PT, como o próprio entrevistado relatou, ele nunca votou no partido e acredita que dificilmente mudaria de ideia. No entanto, o posicionamento de Wilson não parece ser o predominante, já que a maioria dos entrevistados não se opõe como ele ao PT e alguns afirmam que em alguma eleição já votou em Lula e /ou Dilma.

Mas o fato é que, diferentemente do que se poderia esperar, tendo em vista a votação de 2010 em urnas próximas aos conjuntos habitacionais – a qual Dilma obteve a segunda colocação –, o apoio à agenda lulista, claro que em níveis diferentes, se faz sim presente entre os habitantes dessa periferia e há certo laço que os liga ao PT, embora não se possa dizer que seja algo forte e duradouro. Deve-se frisar, portanto, que as observações de campo e as entrevistas mostram que essa adesão existe, mas ela não implica em uma identificação com o partido. É possível afirmar que entre os moradores da Cecap há uma espécie de lulismo abrandado, mas que na hora da escolha do candidato a presidente, acaba sendo um fator que pende a balança em favor do PT.

Portanto, apesar do resultado final da eleição de 2010 não ter sido favorável à candidata do PT, por meio de um olhar mais apurado pode-se perceber que as inclinações ao lulismo estão presentes e ali existe algo interferindo no resultado (efeito) final. Como argumenta Henry Brady:

¹¹⁸ Informação fornecida por Wilson, 24 anos - estudante.

[...] if the effect does not occur, then the cause might still occur because causes can happen without leading to a specific effect if other features of the situation are not propitious for the effect. (BRADY, 2008, p. 232)

Como foi visto, a maioria dos entrevistados, apesar das ressalvas, apoia as medidas de transferência de renda executadas durante o governo de Lula e Dilma e admite que seja favorável à continuação do Bolsa Família. A inclinação ainda pode ser notada quando muitos dizem, como demonstrado, possuir uma visão positiva de Lula e admirar a sua história de vida.

Da mesma forma, em relação ao crescimento econômico, os eleitores, de modo geral, ainda que concordem que o esforço individual é fundamental¹¹⁹, acreditam que o governo deve ter tido um papel importante para que eles conseguissem “correr atrás” de melhores oportunidades. Isso significa dizer que eles reconhecem que muitas mudanças foram realizadas para melhor durante o governo do PT, o qual ofertou oportunidades principalmente para as classes mais baixas.

A vida melhorou, população pobre hoje tem como ter contato com vários cursos técnicos. Porque antes era só quem tinha dinheiro que fazia as coisas. Isso sim. (informação verbal)¹²⁰

Ainda, outro ponto que ajuda a salientar a existência da adesão de parte desta camada mais desfavorecida ao Lula e ao seu projeto político, além dos dados obtidos por meio do trabalho de campo realizado, é o resultado eleitoral por urnas na eleição de 2010 em outras regiões da cidade¹²¹.

Quando analisamos os votos tendo como base o local de votação, pode-se notar uma grande discrepância entre as porcentagens recebidas por cada candidato. Esta diferença é bem acentuada principalmente quando se toma como base os locais de votação que estão situados no centro da cidade. Vejamos:

¹¹⁹ É preciso salientar que a visão meritocrática não foi um balizador de voto. Esse fator não foi associado diretamente a nenhum dos candidatos mais votados. As pessoas, com exceção de um único entrevistado, ao falarem sobre a sua escolha eleitoral, não colocam que votaram ou deixaram de votar em um partido ou candidato por defender o discurso da meritocracia. Apenas Wilson, que foi citado acima como tendo uma posição mais conservadora, afirmou que um dos fatores que o levou a optar pelo PSDB foi a sua política “de ensinar a pescar e de não dar o peixe assado na mesa”. Portanto, no que se refere a este ponto, o voto não foi dado devido à adesão ideológica que cada um dos candidatos defendia.

¹²⁰ Informação fornecida por José, 38 anos - projetista 3D.

¹²¹ O levantamento foi feito com base no resultado das votações por seção. Os dados foram disponibilizados pelo Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté – SP.

Tabela 5- Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2010 em cinco locais de votação no centro de Taubaté-SP (em números absolutos e %)

Locais de votação	Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina (PV)	Branços/Nulos	Total
Senai	22	41	29	7	1549
Ezequiel	23	45	23	8	5126
Com. Social	20	43	31	4	1931
Balbi	22	47	24	7	3422
Urbano	23	44	26	5	5285
TOTAL	22	45	26	6	17313

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pelo Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté – SP.

Pode-se notar que o PT se mantém na escala dos 20% em locais de votação que estão no centro da cidade, já o PSDB possui uma força bem maior e vence com facilidade, ganhando com mais que 40% dos votos. Sendo assim, enquanto a diferença percentual entre Dilma e Serra no centro da cidade é bem larga, cerca de 20 pontos percentuais, na periferia da Cecap este número cai drasticamente se observarmos a tabela 1 (Introdução). Apesar do PSDB continuar sendo o vitorioso na Cecap, a sua vantagem é expressivamente menor, já que a votação do PT ganha força.

Deste modo, não se pode negar que exista um ambiente relativamente simpático ao lulismo, apesar de latente, quando nos debruçamos apenas sobre os resultados numéricos obtidos na Cecap, sem antes termos em vista os resultados do trabalho de campo e da votação em locais próximos ao centro de Taubaté. Pode-se afirmar que a maioria dos entrevistados não faz uma oposição contundente ao PT e nem mesmo o rejeitam, mas pelo contrário, como foi salientado ao longo do capítulo.

Em contrapartida, embora tenham essa percepção, a votação no PT em 2014 teve uma queda se comparada a 2010, quando uma parcela acabou optando pelos candidatos da oposição. Dizer isto, porém, se elucida alguns pontos, suscita outros, uma vez que, se por um lado, torna-se compreensível a existência de um grupo que tem proximidade com o lulismo e opta por depositar o seu voto no PT, por outro lado, traz para o debate a questão de saber por quais motivos alguns eleitores da Cecap, mesmo tendo uma visão próxima ao do primeiro grupo, decidiram votar na oposição.

O fato é que a visão positiva dos programas sociais não significou uma suficiente adesão eleitoral e nem mesmo impediu que o voto fosse dado para a oposição. É o caso de Alex, um montador da empresa Inpro-electric de 28 anos, que vive desde que nasceu no bairro Cecap I. Hoje, em sua residência, após a morte de seu pai há cerca de oito anos, moram ele, a mãe e a irmã que tem deficiência intelectual. Ele relatou que votou na eleição de 2014 em

Aécio, mas tomou a sua decisão esperando que ele mantivesse os programas sociais, pois, de acordo com o entrevistado, eles ajudam as classes menos favorecidas que não têm condições de se sustentar.

Da mesma forma, não obstante os moradores não ignorarem as transformações pelas quais o país passou, assim como suas vidas, a melhora socioeconômica não foi fator suficiente para que eles apoiassem a eleição do PT. Nem mesmo a simpatia que os moradores revelaram ter pela figura do ex-presidente fez com que a maioria do eleitorado da região depositasse o voto no partido.

Portanto, pode-se concluir que outros fatores também estão tendo peso importante no momento da escolha eleitoral.

9 Conclusão

No que diz respeito ao padrão de vida, os moradores da Cecap avaliaram que atualmente as suas condições estão melhores do que anos atrás. Eles relataram que conseguem suprir as suas necessidades básicas (alimentação e higiene) e ainda usufruir de bens duráveis, como eletrodomésticos. A mudança não se restringiu à vida individual, eles perceberam que a região onde moram também passou por mudanças significativas a partir dos anos 2000. Contudo, é preciso salientar que esse sentimento não significa que estejam totalmente satisfeitos com os serviços oferecidos nos bairros, o que desencadeou muitas avaliações negativas, além da busca por alternativas que possam sanar o déficit desses serviços.

De acordo com os entrevistados, essas mudanças se deveram em grande medida ao esforço próprio e à busca de uma situação mais aprazível, mas não somente, pois admitiam que o governo deva oferecer condições satisfatórias para que consigam seguir adiante nessa empreitada. Apesar deles não terem uma grande inteligibilidade de como funciona o sistema político brasileiro, eles afirmaram que a política e o modo como o governo age pode interferir na qualidade de suas vidas.

Admitindo-se esse ponto de vista, é compreensível o fato da maioria dos moradores, mesmo tendo uma visão meritocrática, ser favorável às medidas de transferência de renda efetuadas principalmente durante os governos do PT. Além desse posicionamento, foi também comum encontrar falas com elogios à figura do Lula. Os entrevistados, ao lembrarem-se do ex-presidente, trouxeram à tona questões como ele ter ascendido da parte mais baixa do estrato social e ser uma pessoa ligada à população mais ordinária.

Embora muitos moradores apresentassem em suas falas elementos que levassem a crer que tinham certa tendência – em graus diferentes, dependendo do entrevistado – a depositar o seu voto em Dilma, na prática não foi o que aconteceu. No momento da escolha eleitoral, portanto, pode-se admitir que o comportamento dos moradores se processou através de outros mecanismos. O próximo capítulo abordará o modo como os eleitores fizeram as suas escolhas nas eleições de 2014 e quais foram as suas principais motivações.

CAPÍTULO III – Tempo passado e tempo presente na decisão do voto

Na eleição de 2014, os entrevistados se posicionaram da seguinte maneira no primeiro turno¹²²: de um total de 12 eleitores, sete votaram em Aécio Neves (PSDB), quatro optaram por Dilma Rousseff (PT) e uma pessoa afirmou ter escolhido Marina Silva (PSB). Os votos dos moradores da Cecap, da mesma forma que ocorreu no plano nacional, ficaram centrados nesses três candidatos à presidência. No segundo turno, a votação se manteve bem parecida, com a diferença de que o voto dado para o PSB (Partido Socialista Brasileiro) passou para o PSDB e de que uma eleitora de Dilma teve que justificar o voto, pois não estava na cidade de Taubaté, embora tenha garantido que permaneceria com a escolha inicial caso tivesse votado.

Como pode ser notado, a maioria desses eleitores depositou o seu voto na oposição, dos quais cinco expuseram que votaram para o PT no passado. O direcionamento deste apoio parece não estar em consonância com a simpatia branda pelo lulismo, descrita no capítulo anterior. Diante do quadro apresentado, em que os entrevistados mostraram certa aproximação com a agenda lulista, mas não votaram na candidata do PT, o intuito deste capítulo é buscar compreender como os eleitores da Cecap decidiram quem seria o seu candidato e, consequentemente, o porquê da baixa votação em Dilma e os motivos de alguns eleitores terem deixado de optar pela candidata na eleição de 2014.

1 Como o governo é avaliado? A tensão entre duas formas de voto retrospectivo

Quando questionados sobre em quem votaram, os moradores, em sua grande maioria, davam a resposta tendo como referência a administração. O modo como eles tomaram a decisão eleitoral demonstra que em um primeiro momento, o eleitor avalia duas possibilidades: a primeira é de manter no poder o candidato/partido que busca a reeleição e a segunda é de votar em uma das opções da oposição (KEY, 1966). Os entrevistados fazem essa escolha de acordo, tanto com a percepção que têm da conjuntura econômica do país e da sua própria, quanto com o julgamento que fazem da administração pública, incluindo aí os casos de corrupção. Conjugada a esta análise, os eleitores também mensuram como poderia ficar o

¹²² Nesta eleição, os candidatos ao cargo de presidente foram: Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Eduardo Jorge (PV), Pastor Everaldo (PSC), Levy Fidelix (PRTB), Zé Maria (PSTU), Eymael (PSDC), Luciana Genro (PSOL), Marina Silva (PSB), Mauro Iasi (PCB) e Rui Costa Pimenta (PCO).

país, caso fosse eleito outra equipe de governo. O modo como eles ponderam esses elementos parece ser decisivo na hora do voto.

Como discutido no capítulo anterior, todos os moradores, mesmo que em graus diferentes, consideram que a entrada do PT no governo federal simbolizou o avanço social das classes mais baixas. Para eles, é perceptível que houve melhorias nas condições de vida deles e de outros milhares de brasileiros pertencentes às classes mais pobres, o que cria certa empatia com a figura de Lula e do PT.

Entretanto, apesar deles terem essa noção, esses mesmos eleitores também notam que a situação atual do país não está tão satisfatória como no passado, o que dificulta que a vida do brasileiro continue a progredir. Combinado a isso, muitos declaram que administração do país é comprometida pelos inúmeros casos de corrupção. Neste sentido, era comum ouvir falas que diziam “no início o governo Dilma estava bom, mas depois piorou”.

Essas avaliações do tempo presente e do tempo passado são construídas de modo genérico, já que os moradores não conseguem pontuar especificamente quais foram as medidas implementadas que levaram a uma ou a outra conjuntura, mas, o fato é que eles a percebem, mesmo que seja com base em elementos sensíveis e/ou de opiniões amplamente difundidas na sociedade, que foram sendo assimiladas no dia a dia. Para eles, portanto, se o Brasil passou por uma fase positiva e agora está em um momento ruim, de alguma forma o governo teve influência, embora eles não saibam explicitar os motivos específicos do porquê e tenham uma visão ampla dessas situações.

Logo, pode-se inferir que eles compreendem a existência de dois momentos distintos: no primeiro, que consiste nos dois mandatos de Lula, eles acreditam que houve um avanço, mas este é contido pelo segundo momento, o governo Dilma. Diante desse confronto imagético, o eleitor é puxado, por um lado, a se aproximar do partido governista em virtude dos ganhos recebidos na última década, por outro ele é levado a se afastar devido à má avaliação presente. Em última análise, o que ocorre é uma tensão entre duas formas de voto retrospectivo.

Diante do exposto, esta pesquisa identificou dois tipos principais de posturas eleitorais: um grupo que tendeu a apoiar o continuísmo e outro que preferiu a alternativa da oposição. Em presença dessas duas pressões que os direcionam para comportamentos eleitorais contrários, para os primeiros, a pressão advinda das melhorias ocorridas com a entrada de Lula no poder foi maior. Já para o segundo grupo, a avaliação negativa da situação nos últimos tempos pesou mais. Como será visto adiante, os entrevistados, quando vão falar sobre a sua decisão do voto, sempre trazem a questão do continuísmo ou da mudança. Mas, o

que faz com que um grupo seja mais influenciado pelo momento atual e o outro pelo período anterior?

2 O voto no continuísmo

Neste grupo, encontramos moradores que ao fazerem a opção eleitoral, decidiram votar na candidata do PT. Todas essas pessoas tiveram a sua situação estabilizada e não sofreram grandes prejuízos materiais durante o seu governo, como a perda do emprego. Como os eleitores que votaram na oposição, eles percebem genericamente que a entrada de Lula na presidência representou um avanço para o Brasil, mas diferente daqueles, eles confiam mais intensamente que a atual crise é passageira e que a situação do Brasil pode vir a melhorar futuramente. Caso isso não venha acontecer, eles não descartam a possibilidade de mudar o voto na próxima eleição.

Edson, por exemplo, que nasceu no Piauí e há dez anos veio para o estado de São Paulo, preferiu o continuísmo e votou, em 2014, na candidata Dilma nos dois turnos da eleição. De acordo com ele, o que motivou a sua decisão eleitoral foram as benfeitorias que ocorreram no Nordeste nos últimos anos, o que inclui a melhora na sua própria vida. A sua origem nordestina parece ter tido grande influência no modo como ele se posicionou, já que a todo momento sua fala trazia algum tipo de menção às melhorias que tinham ocorrido nessa região a partir do governo Lula.

Não obstante a avaliação positiva do atual governo, Edson não se eximiu de fazer críticas a atual situação econômica e moral do país, que em sua concepção está “feia”. Diante desse cenário, o entrevistado chegou a repensar o seu voto, mas, entre votar em Aécio, que ele viu também como uma opção, ou em Dilma, ele preferiu a última alternativa, já que teve medo que aquele candidato não desse prosseguimento às políticas implementadas no governo do PT, como o Bolsa Família. Entre as suas possibilidades de voto, a candidata Marina Silva não apareceu como sendo viável, pois em sua opinião, o seu governo seria direcionado apenas para o meio ambiente, o que não o atraiu. Sobre a sua decisão eleitoral, ele afirma:

Eu votei na Dilma nos dois turnos, porque ela ajudou muito o pessoal do Nordeste com esse programa aí [Bolsa Família]. [...]. Mas eu vejo por um outro lado também, o negócio está feio, vamos ver o que vai acontecer e como ela vai lidar com a situação [refere-se a corrupção e situação econômica do país]. Mas acho que ela é uma boa presidente, ela é muito criticada pela ajuda que ela dá para as pessoas do Nordeste, isso é fato. Mas acho que ela é uma boa presidente. [...] O Aécio tinha uma boa proposta, mas acabou não me convencendo, poderia assumir o poder e

mudar tudo que a Dilma fez. Tipo, o que ela estava fazendo e dá um basta e começar tudo do zero, aí o negócio iria piorar mais ainda. (informação verbal)¹²³

Em adição ao sentimento de que a situação não está favorável, em outro momento da entrevista, Edson conclui que, embora tenha votado em Dilma e no PT em várias eleições, ele não pode afirmar que manterá o seu voto nesse partido em uma próxima oportunidade. Ele tem esperanças de que o segundo mandato será melhor e isso que o incentivou a votar na candidata.

Pela as coisas que estão acontecendo, não sei se na próxima eleição continuo votando no PT. [...] Espero que a Dilma faça um mandato melhor que o anterior. (informação verbal)¹²⁴

Rosângela é outro exemplo de eleitora que votou em Dilma nesta eleição. Ela adotou esta decisão tendo em vista as melhorias ocorridas na área da educação. De acordo com a moradora da Cecap I, o PT, ao melhorar o ensino público nos últimos anos, permitiu que os mais pobres tivessem a oportunidade de estudar. Além disso, a sua escolha também foi estimulada pelo fato do governo ter assistido a muitos brasileiros por meio do programa Bolsa Família. Contudo, é possível perceber que o seu voto não carrega um grande entusiasmo:

Cada um tem uma opinião. Um vê de um jeito e outro vê de outra forma. A gente elege quem mais presta. Acho que no próximo governo da Dilma, ela vai continuar o que já existe, não acho que terá muitas coisas novas e serão as mesmas melhorias. (informação verbal)¹²⁵

Rosângela diz ter consciência de que a “crise está feia”, já que alega que os produtos e serviços estão mais caros e não tem certeza se isso se resolverá tão facilmente, mas ela acredita que a Dilma está tentando fazer um bom governo e que a situação pode melhorar. E, portanto, mesmo que ela sinta esta diferença nos preços, isso não a afetou substancialmente, pois acredita que é apenas uma fase ruim:

Eu estou [sentindo a crise], é claro! Eu vou ao supermercado, eu pago água e luz, pago telefone. Condução para ir a São Paulo, eu pago, não é? Quando eu vou fazer compras de material na 25 de março está tudo mais caro. Toda vez que vou para lá, a cada dois ou três meses, eu sinto a diferença, eu tenho que levar mais dinheiro. As compras do supermercado têm que cortar um monte de coisa, mesmo eu sozinha, eu sou obrigada a cortar. Eu cortei as coisas mais supérfluas, né? Eu comprava às vezes uma gulodice, comprava uma bolacha diferente, às vezes um doce, às vezes um pouco mais de mistura, comprava mais carne [...]. Então, a gente diminui, em vez de comprar uma carne de primeira, compra uma de segunda, não é? Come menos às vezes. Opta por ovo, por mais verdura, legume e frango. A gente vê na prateleira. Mas acho que as coisas vão melhorar. (informação verbal)¹²⁶

¹²³ Informação fornecida por Edson, 28 anos - eletricitista.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Informação fornecida por Dona Rosângela, 75 anos - pensionista.

¹²⁶ Ibidem.

Quando questionada sobre Aécio Neves, Rosangela disse que havia gostado do candidato, mas mesmo assim optou por Dilma devido às melhorias que ocorreram nos últimos governos. Entre as alternativas existentes, a de manutenção foi a preferida, mas a sua escolha em 2014 também não garante que ela terá esse mesmo posicionamento em uma próxima eleição:

Eu gostei do Aécio. Eu acho que se o Aécio continuar na política, dependendo do governo da Dilma, ele arranca ela de lá. Acho que talvez até seria bom mudar. (informação verbal)¹²⁷

Assim como os dois entrevistados anteriores, Terezinha compartilha a sensação de que a situação do país, de modo geral, ficou melhor após a entrada do governo do PT e por isso decidiu votar na Dilma. Entretanto, ela admitiu que ficou em dúvida e chegou a pensar em votar na oposição, uma vez que a sua filha tentou convencê-la de que o PSDB faria um bom governo, mas desistiu da ideia porque, assim como Edson, ela teve medo de que houvesse grandes mudanças e o país voltasse a ser o que era no passado.

A declaração de Terezinha é bastante interessante, pois é perceptível que o seu voto foi motivado pelo modo como ela percebe o Brasil de antes e o de hoje. Nesse sentido, torna-se compreensível que, embora a entrevistada admita que o país não está em seu melhor momento, ela prefira continuar com que já foi conquistado, do que se arriscar em um novo rumo. Seguem dois trechos de sua fala:

Eu votei, mas sem muita convicção. Eu continuei [votou na Dilma]. A gente tenta acertar, mas eu não voto por paixão política. [...]. Eu ainda critico muitas coisas dela. Não sei se foi uma boa, não votei com muita convicção. [...]. Eu acho que as coisas estão mais ou menos estabilizadas, tenho muito medo de grandes mudanças, como fez o Collor. Então a gente fica com medo dessas mudanças muito bruscas. Como o negócio da poupança no governo Collor, né? Por exemplo, está muito melhor que antes, está. Porque no tempo do congelamento não deu certo. Para conseguir uma lata de leite, tinha que ligar na cooperativa e a gente tinha que ficar em uma fila enorme. Era muito difícil. Para chegar nesta estabilidade foi muita coisa. Então, eu não sei se isso é comodismo, mas está mais ou menos... Nunca é o ideal, mas está melhor. As pessoas estão tendo dinheiro para comprar as coisas e não está faltando nada no mercado.
[...]

O Aécio até que poderia fazer um bom governo. Teve aquele negócio do aeroporto também que pesou um pouco. Então, se é a mesma coisa, deixa a continuação para ficar tudo quietinho. Ele até poderia ter sido uma melhor opção. Eu pensei em votar no Aécio, a minha filha até falou para eu votar nele. Meu genro é totalmente contra o PT, ele detesta o PT. (informação verbal)¹²⁸

Como asseverado no capítulo anterior, a maioria dos moradores admite que esses governos tenham sido importantes, uma vez que garantiram os meios para que muitos brasileiros corressem atrás de melhores condições e ascendessem socialmente. Contudo,

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

apesar de haver essa visão geral, a análise dessas entrevistas demonstra que, enquanto os eleitores de Dilma avaliam a administração passada com base no que significou em sua totalidade os mandatos do PT, os que votaram na oposição fizeram a sua escolha olhando principalmente para a situação presente, seja porque foram afetados com a perda do emprego, seja porque foram levados por questões mais ideológicas, fortemente em voga na última eleição, como a corrupção.

Afirmar que existe essa diferença, não implica na pressuposição de que os eleitores de Dilma estejam inteiramente satisfeitos com a atual fase política. Mesmo que ressalvas tenham sido feitas sobre as atuais condições, a percepção do conjunto de melhorias ocorridas ao longo dos últimos anos se mostrou mais relevante no momento do julgamento sobre qual seria a melhor opção eleitoral. Além disso, este voto está imbuído pelo receio de que a entrada de um novo presidente venha a representar uma mudança drástica na maneira como o PT vem conduzindo o país.

O que se percebe é que todos que votaram em Dilma tiveram as suas condições econômicas mantidas durante o último mandato do PT. Todos concordam que houve uma piora de modo geral, mas nenhum dos seus eleitores foi afetado diretamente durante o seu governo, com a perda de emprego, por exemplo. Portanto, apesar de eles não terem atualmente uma visão positiva sobre as possibilidades de ascensão, eles estão estabilizados e acreditam que futuramente este momento de crise pode passar e voltar à fase de crescimento. Assim, o voto que eles deram para a candidata parece carregar certa esperança de que as suas ações serão melhores do que as do passado.

Nesse caso, pode-se admitir que a pressão que enfatiza as melhorias nas condições econômicas e o apoio aos projetos lulistas, tiveram um poder de convencimento maior entre esses entrevistados.

3 O voto na mudança

Para as pessoas que votaram na oposição, mais do que avaliar o governo, com base nas políticas que foram implementadas no passado, é preciso perceber quais são as condições presentes. Aparentemente, dois elementos balizaram os votos destes eleitores: a crise econômica e os casos de corrupção.

Para que ocorra o processo de ascensão, os moradores da Cecap acreditam que é necessário, por um lado, que eles se esforcem e, por outro, acessoriamente, que o governo

contribua com uma situação favorável. Segundo os eleitores que adotaram o critério econômico na hora de fazer a escolha do candidato, eles conseguiram melhorar de vida, mas percebem que atualmente o país não está passando por uma situação favorável. Nesse sentido, é possível notar na fala desses eleitores sempre fortes afirmações de que o governo não fez o seu papel, porque o momento atual é ruim. Se eles estão lutando por melhores condições sem que isso ocorra, o problema deve estar na forma como o governo está tomando as suas decisões.

Estes moradores têm medo do que signifique esta crise, principalmente aqueles que foram afetados diretamente com a perda do emprego e tiveram consequentemente um prejuízo expressivo no seu padrão econômico. Dos oito entrevistados que votaram na oposição, quatro ficaram em algum momento desempregados. Como será visto, essa estagnação e/ou decesso, comparado ao padrão que já tiveram, causa muita decepção e esse sentimento recai exatamente sobre o governo.

Além desse fator, a questão da corrupção também foi acionada em várias declarações. Os eleitores, mesmo que não tenham informações precisas sobre os casos e os envolvidos, sabem que existem denúncias contra membros do governo e argumentam que o dinheiro desviado poderia estar sendo utilizado em prol da população.

Para os que perderam os seus empregos, este fator agrava o modo como eles percebem a atual conjuntura do país. O aborrecimento com a situação econômica faz com que o mal-estar em relação aos casos de corrupção seja intensificado. Portanto, eles veem os escândalos como outro incentivo para votar na oposição.

Há ainda os eleitores que decidiram essencialmente apoiar a oposição por conta das denúncias de corrupção que a cúpula do PT está envolvida. De acordo com as suas declarações, espera-se que um político seja honesto e cumpra as suas obrigações com a população, quando eles não assumem estes preceitos é preciso reavaliar se a pessoa deve estar no poder.

4 Perda do emprego e voto na oposição

Camila afirmou ter votado em Aécio, candidato da oposição, nos dois turnos da eleição de 2014. De acordo com ela, nas últimas eleições o seu voto foi dado para Dilma e Lula, mas decidiu tomar uma nova ação quando começou a sentir alguns problemas financeiros. Há dois anos ela está desempregada, sendo que o seu último emprego, como já

frisado, foi como enfermeira do hospital São Lucas. Como somente o seu marido está trabalhando, a situação desencadeou uma série de dificuldades:

De um ano para cá eu estou sentindo esta dificuldade da parte financeira [estar desempregada]. As pessoas falam que ainda tem a inflação. Eu vou ao supermercado hoje e o que eu compro hoje, daqui uma semana eu não compro mais. Eu tenho sentido nesse sentido. (informação verbal)¹²⁹

Camila, embora tenha uma visão positiva de Lula e acredite que o Bolsa Família deva ser mantido, não hesitou e mudou o seu voto em prol do partido da oposição. No caso de Camila, que ficou desempregada, é perceptível que a pressão que vem dos últimos tempos acabou pesando na hora do seu julgamento.

Eu votei no Aécio. Eu não achei tão boa a época que a Dilma foi presidente. Eu achava que tinha que ter uma mudança para melhor e achei que alguém novo que chegasse, logo de cara iria mostrar algo diferente.

[...]

A Dilma? Não sei se é o intuito dela de querer arrumar o Brasil, mas ela tomou umas atitudes, não sei [...] eu não estou vendo saída [para a crise]. Talvez para colocar tudo em ordem tenha que fazer tudo isso. Eu não tenho nada contra o PT, mas a gestão deixou a desejar. (informação verbal)¹³⁰

Selma, da mesma forma que Camila, estava insatisfeita com o governo e decidiu deixar de votar no PT¹³¹. Mesmo tendo uma percepção positiva das ações tomadas pelo PT, como mostrado no capítulo II – afirmando até mesmo que a entrada do governo Lula teria ocasionado melhorias nas condições de estudo e emprego –, ela sentiu que esse processo havia estagnado e que por isso era preciso mudar. Essa visão de Selma foi corroborada com a sua própria experiência: após a primeira entrevista, ela ficou desempregada e nem mesmo o diploma universitário conquistado há pouco tempo garantiu que se mantivesse no mercado de trabalho. Sobre a decisão do seu voto, ela diz o seguinte:

A Dilma está fazendo essas cacas todas, o povo anda reclamando muito. Não gostei do que a Dilma está fazendo, não estou gostando. Não assisto muitas coisas, mas sei lá. [...]. Votei no Aécio para tirar o PT do comando, sei lá... Mudar para ver se melhorava. (informação verbal)¹³²

A questão do desemprego parece ter sido um impulsionador do voto na oposição. Os entrevistados que alegaram ter vivido um período de prosperidade em relação ao mercado de trabalho, estão agora se deparando com um momento econômico desaquecido, o que causa certo temor em relação ao futuro. Além de Camila e Selma, outro informante que também declarou ter perdido o seu emprego foi Nelson.

¹²⁹ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ Em 2010, Selma optou por Dilma. Nas eleições anteriores a esse ano, ela ainda não tinha idade para votar.

¹³² Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Nelson era manobrista na empresa Pro Imagem¹³³, mas ficou desempregado em setembro de 2014. Para conseguir ajudar no sustento da casa, ele faz alguns “bicos”. Além do seu orçamento, que varia dependendo do mês, a família ainda conta com a ajuda financeira dada pelo filho (que está morando temporariamente na casa, enquanto não se reconcilia com a esposa). De acordo com Nelson, a renda familiar hoje é de aproximadamente mil reais para seis pessoas.

A perda do emprego significou uma queda brusca no padrão de vida da família. Ele que tinha antigamente um salário de cerca de R\$1.800 (mil e oitocentos reais), teve que passar a manter a casa com um orçamento bem inferior.

A minha mulher é o seguinte: eu sempre tive bons empregos, daí ela nunca precisou trabalhar, entende? Aí ela é dona de casa. Agora a gente está sofrendo com isso. Esse menino [filho mais velho] que dá uma força pra gente lá e eu faço uns bicos. Aí a gente vai levando a vida. [...] esse período está sendo muito difícil, difícil. A gente fica muito ocioso, nossa. A gente está se virando como pode. (informação verbal)¹³⁴

Quando era criança, Nelson cursou apenas até o ensino fundamental por falta de incentivo dos pais e avôs, mas diante da atual situação, ele decidiu terminar o segundo grau. Segundo ele, é preciso melhorar a sua formação já que todos os locais em que procura emprego exigem um grau de escolaridade maior. Ao longo da conversa, o entrevistado admite que a sua situação financeira é fruto em partes da sua falta de esforço, afirmando até mesmo que um dos motivos para isso é ter sido “vagabundo”, contudo, essa visão não camufla a sua percepção de que a conjuntura do país está difícil:

A vida das pessoas melhorou, sim, melhorou. Acho que melhorou. Só que a corrupção que está aí, com tudo isso que está aí [desemprego], acho que o governo perdeu a mão, entende? Ele está meio perdido. Eu estou com 53 anos e peguei um pouco do militarismo, peguei um pouco da inflação alta, do boicote da carne, que não tinha condições de comer carne, que era um absurdo. Aí deu uma melhorada, uma melhorada legal, você entende? O Lula conseguiu pagar a dívida externa que até então não conseguia pagar, um absurdo. Mas aí desandou o negócio, não sei o que aconteceu. [...] A situação [faz referência ao passado] melhorou em emprego, em condição financeira, né? (informação verbal)¹³⁵

Pode-se destacar dois momentos distintos na percepção de Nelson. No primeiro, há uma visão positiva do governo do PT em que a vida melhorou, dando oportunidades para os mais pobres, inclusive para que as suas filhas continuassem os estudos por meio do FIES e lutassem por um futuro mais confortável. Nesse sentido, Nelson até mesmo relata que para ele Lula foi o melhor presidente que o país já teve. Mas por outro lado, ele está atualmente desempregado e passando por um período difícil, o que o leva a perceber o governo por um

¹³³ Pro Imagem é um centro diagnóstico que realiza exames de ressonância magnética, ultrassonografia, mamografia etc.

¹³⁴ Informação fornecida por Nelson, 53 anos - faz bicos.

¹³⁵ Ibidem.

novo ângulo. Diante dessa pressão cruzada, Nelson decidiu votar contra o governo como uma forma de protesto contra a estagnação da vida.

Está difícil, porque não sei o que vai acontecer com isso daqui. Nem as forças armadas estão querendo isso daqui, quanto mais [...]. Está difícil. Essa crise aí, não sei como eles vão resolver isso daí.

[...]

Eu votei no Aécio como forma de protesto. Eu nunca tinha votado contra o governo. (informação verbal)¹³⁶

Como é perceptível, diferentemente dos eleitores de Dilma, Nelson não tem expectativas de melhoras e não sabe dizer até quando durará esta crise. No momento em que mexe com o seu bolso, ele deixa de ter confiança no governo.

5 Os casos de Corrupção e o governo

Outro ponto que parece balizar o modo como as pessoas se posicionam em relação ao governo é a corrupção. Entretanto, antes de entrar nesta questão, é importante frisar que todos os entrevistados demonstram certa insatisfação com o modo como a política é conduzida, o que faz com que muitos percam o interesse pelo assunto, como apontado no capítulo anterior. Para esses moradores, o cenário político está infestado tanto de pessoas não qualificadas, quanto de aproveitadoras que apenas buscam satisfazer as suas próprias necessidades.

Eu acho a política muito errada no Brasil. Primeiro, para que tantos partidos? Para as pessoas se beneficiarem. O aumento dos ministérios. Acho isso um verdadeiro absurdo! Para favorecer aqueles partidos nanicos, que foram criados só para se beneficiar e não com o intuito de servir. Estas coligações com muitos partidos eu acho que enfraquece o Brasil e deixa a desejar, porque tira a autoridade. Todo mundo quer a sua fatia. Acho que isso deveria ser discutido na política. O brasileiro é enganado com muita coisa. (informação verbal)¹³⁷

Pior que está não fica, como diz o Tiririca, né? Porque é a mesma coisa de você ir a um circo. O trabalho deles [políticos] deve ser sério, mas é só brincadeira, só é zoeira e bagunça. Se você não tem um mínimo de entendimento sobre política, se a pessoa não tem um mínimo de conhecimento geral do que é a política, se candidatar a deputado é fácil. Eu mesmo sei muito pouco sobre política, mas para eu me candidatar e virar um eleito é fácil. Poxa, eu não entendo porque uma pessoa para exercer a função de medicina tem que estudar sete anos, por que para um deputado que vai administrar um país não precisa estudar? Não precisa! O Tiririca não sabe nem falar português. [...] Se não melhorar a administração começando lá de cima, impondo mais regras como para eleger um deputado para que tenha uma formação básica, como nos outros empregos é exigido, vai continuar a mesma merda. (informação verbal)¹³⁸

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹³⁸ Informação fornecida por Wilson, 24 anos - estudante.

Diante dessa perspectiva, de acordo com eles, deve-se tomar a decisão eleitoral de modo a eliminar os maus elementos do processo político. É verdade que eles têm certo ceticismo em relação à política, mas eles ainda acreditam que a eleição é um momento importante, pois é por meio desse mecanismo que pode haver algum tipo de mudança. Por isso, para eles, é necessário que se reflita sobre em quem votar.

Eu não preciso mais votar, mas se eu tiver 100 anos, eu vou votar. Eu acho muito importante votar. Quando a gente tem uma consciência política, a gente vota pensando em acertar, quer dizer, não é porque dá isso ou dá aquilo. Ainda tem muito toma lá, dá cá. Eu dou isso para você votar em mim. Não existe essa consciência política, não sei como vai fazer para melhorar. Pela troca, nunca vai mudar nada. (informação verbal)¹³⁹

Na concepção dos entrevistados, muitas vezes é complicado saber qual é a melhor opção diante de um cenário cheio de “safados”, mas eles buscam, como salientou Rosângela em um depoimento transcrito acima, votar em quem eles acham que mais “presta”. Terezinha, por exemplo, admite que tenta acertar quando faz a sua escolha eleitoral, apesar de às vezes não saber se tomou a melhor atitude. Renan, com quem conversei durante uma das caminhadas que fiz na Cecap, afirmou algo nesse sentido:

A gente pesquisa, mas infelizmente a gente pesquisa o que fez de ruim. A verdade é esta: está muito difícil confiar na pessoa. A gente começa a perder a confiança, você confia e vota, mas passa um tempo e você acaba ficando desiludido e desapontado. Na época da eleição a pessoa vem e fala bonito e na hora não faz nada daquilo. Os políticos precisam ter mais respeito com os cidadãos. Se não somos nós cidadãos, eles não estariam lá. Eu sempre falo, a vida costuma ser uma roda gigante: um dia você está lá em cima outro está lá embaixo. Eles deviam levar mais a sério, deste jeito fica difícil. (informação verbal)¹⁴⁰

A descrença com a política é algo comum nas falas de todos os moradores e, em meio a esse descontentamento, a temática da corrupção é sempre acionada. Todos os entrevistados, independentemente da posição eleitoral que adotaram, diziam-se preocupados com esse tipo de ação que, segundo eles, se torna cada vez mais rotineira dentro da política.

Contudo, para os eleitores que optaram pela oposição, esse ponto é sempre bem acentuado e apresentado com intensidade na hora de explicar a escolha do candidato. Além da avaliação negativa que eles fazem da atual situação brasileira, os casos de corrupção agregam mais insatisfações com o governo do PT.

É o caso, por exemplo, de Nelson. Como salientado, o entrevistado deixou de votar no partido por conta principalmente da atual conjuntura econômica, em que ele foi afetado diretamente. Os casos de corrupção, como pode ser percebido, potencializam a sua

¹³⁹ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹⁴⁰ Informação fornecida por Renan, 26 anos - operador de CNC.

insatisfação, o que fez com que na eleição de 2014, ele tomasse uma nova atitude e votasse em Aécio Neves.

Na primeira eleição de Lula eu trabalhei para ele [Lula], eu tinha uma simpatia, mas foi acabando. Até uns tempos atrás eu era PT. Nas duas vezes [que Lula ganhou] eu votei no Lula. O PT fez um bem para o Brasil, ele fez um bem sim, mas este bem se transformou em um mal e a pipoca está estourando agora com a Dilma. [...] Os caras querem justificar uma coisa que está na cara: “Ah, você tem que entender que é isso e que a gente fez isso.” Fez, tudo bem, mas não fez mais que a obrigação. Esses caras, como Genóino e Delúbio, estão tudo preso, mas podem sair da cadeia para ganhar 20 mil reais. Para com isso! O presidente tem tanto poder aí, pode fazer algo. Não duvido que o José Dirceu na cadeia não dá umas orientações e uns pitacos para a Dilma. [...] Esse país tem tudo para dar certo. (informação verbal)¹⁴¹

Camila é outra entrevistada que perdeu o emprego nos últimos tempos e que por conta dessa situação decidiu apostar na oposição. Quando ela justifica o seu voto, em um segundo momento, ela também levanta a questão da corrupção:

[...] Fora o negócio dessa corrupção, a gente não sabe tudo que se passa lá. São coisas que escaparam na mídia e o povo está aí falando e gera toda essa discussão, agora a gente fica meio perdido, não sabe até onde é verdade e o que não é, se ela [Dilma] sabe tudo aquilo da Petrobrás ou não. Dá medo, o dinheiro todo de um país, que você não sabe para onde vai, o que está fazendo. (informação verbal)¹⁴²

Como muitos desses moradores não têm certeza do que é verdade e do que é mentira, ou até mesmo do que se trata com exatidão os escândalos, eles acabam ficando de certo modo confusos e temerosos com as possíveis consequências que a corrupção pode ocasionar, levando a repensar qual é a melhor maneira de votar.

O interessante é que, ao mesmo tempo em que alguns atributos pessoais relevantes dos candidatos do PT são lembrados (como Lula já ter passado pelo o que eles passam, ter conseguido crescer na vida e conhecer a realidade da miséria)¹⁴³, como mostrado no capítulo anterior, o eleitor, igualmente considera outras características, só que desta vez em teor negativo, como falta de honestidade e credibilidade.

Assim, se o PT é o partido mais conhecido, os indícios de corrupção sobre o partido também acabam tendo maior impacto na percepção desses eleitores. É verdade que há uma generalização entre os entrevistados de que a política está cheia de “roubalheira” e que não existe político honesto, como salientado, mas como Lula e Dilma são os mais populares, a associação deles com a corrupção acaba sendo mais forte e as suas imagens ficam mais maculadas.

O PT passa a ser visto então como uma figura ambígua, se ele é um partido que intercede pelos mais pobres, também é visto como a sigla que está no meio das falcatruas da

¹⁴¹ Informação fornecida por Nelson, 53 anos - faz bicos.

¹⁴² Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

¹⁴³ Atributos que estão vinculados à agenda política voltada para os mais pobres.

política. Indica-se que, essencialmente entre este divisor de águas, se estabelece a visão de alguns dos moradores da região da Cecap. Apesar de simpatizarem com as políticas realizadas durante o governo do PT e reconhecerem que o “PT fez um bem para o Brasil”, alguns entrevistados optaram por votar nos partidos da oposição em decorrência do envolvimento do PT nos escândalos do Mensalão e da Petrobrás¹⁴⁴. Para alguns destes eleitores, este fator de curto prazo, largamente exposto durante o ano eleitoral, foi a motivação principal para votar contra o governo.

As pessoas com quem conversei se mostraram decepcionadas com a atuação de Lula e de Dilma, o que as teria feito perder a confiança nesses políticos. As falas de José, Carlos e Alex ilustram bem esse sentimento. De acordo com o primeiro, toda a sua família é favorável ao PT e até mesmo ele próprio se projeta dessa maneira, mas diante dos casos de corrupção que foram expostos pela mídia, a sua atitude pode não ser mais a mesma, assim como o seu voto na eleição de 2014¹⁴⁵. Ele diz:

Eu sou PT, mas devido às várias coisas erradas que teve, como mensalão, eu estou pensando bem em quem votar, isso se eu não votar em branco. É uma pouca vergonha! A gente coloca o político lá achando que eles vão representar as suas necessidades, mas quando cai o primeiro salário, eles esquecem tudo! [...] No passado eu votei no Lula e na Dilma. Votei neles por educação familiar, todos em casa votam no PT, então eu cresci de uma maneira que para mim o PT era como se fosse um partido que iria resolver tudo. Até fez, não vou falar que não fez, pois senão eu estaria mentindo. Está dando várias oportunidades, principalmente para os mais jovens, mas tem a corrupção também. (informação verbal)¹⁴⁶

Carlos, ao avaliar em que candidato votaria para presidente, levou em consideração os escândalos de corrupção. De acordo com morador, a divulgação destes casos possibilitou que a população tomasse conhecimento da quantidade de “falcatruas” que existem por trás dos governos, não somente do PT, mas dos anteriores também. Ele decidiu votar em Aécio Neves, pois para ele, não podemos admitir que a corrupção prossiga.

Dilma é “dilmais”. [...] Ela é vingativa. Ela foi presa, mas ela não fala o que fez. Ela, o Genoíno e esta turma toda. Participou do Mensalão, por isso que eu não voto. Entendeu? E agora por último, este escândalo da Petrobrás. E ela foi uma das pessoas, a número 1 do conselho da Petrobrás. Muitas coisas ela diz que não estava sabendo, aí é “dilmais”. (informação verbal)¹⁴⁷

Como pode ser percebido na fala a seguir, Carlos analisa que o PT hoje está tomando as atitudes que combateu no passado. Para ele, foi o partido assumir o poder para que seus filiados fizessem parte da corrupção:

¹⁴⁴ Ao longo de todo o trabalho de Campo, o caso do Mensalão foi o mais lembrado pelos moradores, mas no período final de entrevistas, o escândalo da Petrobrás estava aparecendo com bastante intensidade nas falas.

¹⁴⁵ A entrevista apenas soube da sua intenção de voto, mas não conseguiu entrar em contato novamente para saber em quem ele realmente votou na eleição de 2014.

¹⁴⁶ Informação fornecida por José, 38 anos - projetista 3D.

¹⁴⁷ Informação fornecida por Carlos, 63 anos - aposentado.

Estes protestos que surgiram... Aí sim eu acredito na juventude. Sou contra a violência, como eles atacaram. Os jovens cansaram, eles não aguentam mais, tudo que eles [o PT] fizeram. É duro você fazer um conchavo, fazer uma coisa que você combateu lá trás e está fazendo aqui. [...] Combate, combate, combate... terroristas são exilados, tal, todo aquele negócio lá. De repente eu saio fora. (informação verbal)¹⁴⁸

De maneira análoga, Alex conta que o PT pecou no modo que lidou com os casos de corrupção, o que fez com ele passasse a ver um outro lado do partido:

Eu gostei do governo dele [Lula]. Eu votei nele dois anos seguidos, mas acho que ele pecou em ser mais rigoroso com as leis e o mensalão. Devia ser mudado. O erro do PT foi impunidade, muitos mensaleiros saíram, foram escancarados que estavam desviando [dinheiro] e depois de presos foram soltos e acabaram voltando para o PT. (informação verbal)¹⁴⁹

Alex contou que nas eleições passadas votou em Lula e Dilma, mas que nesta última eleição mudou de opinião e ficou com Aécio Neves nos dois turnos. De acordo com ele, o governo do PT foi muito bom no seu início, mas no final deixou a desejar, por conta principalmente dos escândalos que vazaram na mídia. Ele diz o seguinte:

Votei no Aécio. [...]. Eu queria mudança. Não estava mais contente com esse governo. Eu queria mudança. Não quero que o Aécio mude os programas sociais. Mas queria mudança para ver se melhorava as coisas, pois do jeito que está não dá mais. [...]. Eu não acho que a Dilma tenha muita culpa, não tenho nada contra ou a favor da Dilma. Mas as coisas [corrupção] estouraram no governo dela, nesses últimos quatro anos. (informação verbal)¹⁵⁰

A fala de Alex demonstra que ele não rejeita a candidata Dilma, mas também não tem uma identificação forte e duradoura com Aécio. Tanto que ele relata que a sua vida financeira passou por melhorias nos últimos anos: ele deixou há quatro anos o cargo de porteiro, em que recebia cerca de um salário mínimo e passou a trabalhar como montador, com um salário de quase dois salários mínimos.

Questão financeira melhorou. Digamos que no emprego anterior eu ganhava metade do que hoje eu ganho. Agora eu ganho bem melhor. Eu comprei moto e o lazer aumentou. (informação verbal)¹⁵¹

Estes eleitores adotaram essencialmente um discurso mais ideológico de combate à corrupção. Na visão destes, a ética e a honestidade aparecem como os elementos desejáveis a um candidato. De acordo com Singer (2012), o discurso de Lula de combate à pobreza por meio da ordem fez com que emergisse o fenômeno do lulismo, tornando necessário o reposicionamento dos demais segmentos sociais: à classe média e ao PSDB restou apenas o recurso de denúncia à corrupção.

¹⁴⁸ Ibidem.

¹⁴⁹ Informação fornecida por Alex, 28 anos - montador.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Ibidem.

Estes moradores, mesmo que ainda materialmente distantes da classe média tradicional, ao apontarem estes casos como ponto chave para a tomada de decisão, aderiram na eleição de 2014 a bandeira defendida predominantemente, como afirma Singer (2012), por esse grupo social.

Portanto, pode-se a princípio argumentar que eles foram levados por razões mais ideológicas. Contudo, não há indícios de que estes eleitores sejam de fato ideológicos, no sentido forte do termo, já que aparentemente eles se utilizaram momentaneamente daquele argumento para explicarem os motivos de não votarem no governo¹⁵². Além disso, eles não demonstraram ter uma identificação mais durável com o PSDB.

Pode ser que este posicionamento venha a ser aderido por estes eleitores futuramente, mas com as evidências atuais não é possível afirmar que na eleição de 2014 tenha sido de fato um voto ideológico. Assim, ao que parece, estes eleitores também fizeram uso de voto retrospectivo, só que, ao invés de avaliarem o desempenho do governante no que se refere à economia, eles julgaram a probidade administrativa e a lisura dos representantes.

Como os eleitores sentiram que “do jeito que está não dá mais”, eles decidiram votar na oposição. O modo como Alex votou, por exemplo, segue um padrão parecido com o dos outros entrevistados: ele vê pontos positivos no governo do PT, mas como não tem afinidade eleitoral forte com o partido; ele muda a sua escolha conforme a conjuntura do momento e, deste modo, em uma próxima eleição ele pode se aproximar de uma outra sigla, que não seja o PSDB ou até mesmo voltar a preferir o PT, se achar que Dilma fez um bom governo e combateu a corrupção.

As pessoas que afirmaram ter votado em Dilma em 2014 também reconhecem que houve muitos casos de corrupção durante os últimos anos, o que os deixou preocupados. Porém, parece haver dois tipos de discursos entre esses eleitores. O primeiro assegura que sempre houve esse tipo de “falcaturia” na política e que não começou durante o governo de Lula, e o outro discurso assevera que a corrupção não é restrita aos políticos do PT, mas está generalizada:

Corrupção sempre existiu, mas sempre foi debaixo do pano. [...]. Pode ser que eu esteja errada, mas acho que não. Acho que tem que ser bem dura a investigação. [...]. Não sei se o Lula tinha conhecimento, não quero acreditar que ele tivesse conhecimento, mas antes de Lula já existia corrupção. (informação verbal)¹⁵³

O povo está desiludido com os políticos de modo geral por causa das roubafeiras, por causa da corrupção e por causa da impunidade. (informação verbal)¹⁵⁴

¹⁵² Como será visto a seguir, os eleitores não utilizam razões ideológicas para explicar os motivos de terem votado em Aécio Neves ou Marina Silva.

¹⁵³ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹⁵⁴ Informação fornecida por Dona Rosângela, 75 anos - pensionista.

6 Intuição e avaliação governamental

No entanto, deve-se advertir que a escolha eleitoral, apesar de ser feita por meio do exame da realidade e da política, está baseada em vagos saberes políticos. Na teoria da Escolha Racional, para que o eleitor consiga processar os cálculos de forma a maximizar os seus interesses e escolher o candidato de sua preferência, é necessário que ele tenha as devidas informações acerca das posições políticas de cada um dos candidatos/partidos concorrentes. Isso leva a um problema fundamental, pois, como salientado no capítulo anterior, os moradores da Cecap não possuem um alto grau de informação política, da mesma forma que não têm amplas noções sobre como se dá o funcionamento da política e do processo eleitoral. A deficiência desse conhecimento faz com que os moradores construam uma análise da situação do país e dos próprios candidatos utilizando-se de dados perceptivos produzidos no seu dia a dia e de uma visão generalizada existente na sociedade, que eles tomam para si.

O discurso proferido pelos eleitores que decidiram não votar no PT era que a sua situação financeira, assim como o país, havia estagnado e/ou que eles viram no voto uma forma de punir o governo pelos casos de corrupção em que estavam envolvidos. Contudo, essas mesmas pessoas não conseguiam identificar e esclarecer precisamente o motivo preciso dessa percepção, ou seja, eles não conseguem explicar quais são as políticas e ações governamentais que levaram a isso.

Quando insistíamos nesse aspecto, eles argumentavam de forma genérica e sem muita base de conhecimento específico: “Não gostei do governo Dilma”, “Eu perdi o meu emprego”, “A situação hoje está ruim” ou “O Brasil tem muitos casos de corrupção”. Da mesma maneira, quando analisamos as entrevistas dos eleitores do PT, percebe-se que a sua decisão, apesar de estar baseada no modo como eles percebem as atuais condições, não trazem elementos que demonstrem um total conhecimento da política.

Pode-se dizer, dessa forma, que o julgamento feito pelos eleitores está alicerçado muito mais na intuição do que em um saber político de fato. Na construção desta opinião, leva-se em consideração o modo como a mídia e a população avaliam a realidade do país e, claro, a sua própria condição financeira. Caso tenham regredido, como aconteceu com Nelson, por exemplo, eles deixam de depositar o seu voto no candidato/partido que está no poder.

Em muitas entrevistas foi possível observar que os entrevistados utilizam da visão geral existente para formular as suas próprias ideias e entender o motivo, por exemplo, do

desemprego. Selma, como mostrado acima, argumenta que o povo anda reclamando muito da atual situação econômica, portanto, se existe esta sensação coletiva, deve ter algo em desconformidade. Da mesma forma, Camila afirma que a população e a mídia comentam a existência de muitos casos de corrupção. Mesmo que ela não saiba se é verdade, este descontentamento faz com que ela recrimine os atos do governo.

Salienta-se, entretanto, que este tipo de escolha não exige que o eleitor tenha uma visão racional da política e dos políticos, ele apenas se utiliza de um recurso mais intuitivo. O modo como este eleitor seleciona para quem dará o seu voto é feito de modo instrumental, uma vez que privilegia os candidatos que têm algo a oferecer em seu benefício.

7 Voto na oposição – Como é feita a decisão

Em última instância, o que o eleitor faz é julgar retrospectivamente o governo e decidir se o mantém no cargo em função dos ganhos que obteve com suas políticas passadas e das expectativas de que estas serão mantidas no futuro. Se o eleitor vê o atual governo de forma negativa e possui a expectativa que outro partido poderia fazer melhor mandato, ele punirá a situação destinando o voto a algum partido concorrente. Caso decida agir desta maneira, ele elimina uma possibilidade de voto, mas como na eleição de 2014 houve um grande número de candidatos, ele ainda precisaria escolher em quem vai votar.

Os entrevistados desta pesquisa em sua maioria optaram pelo PSDB. Mas, deve-se destacar que o quadro partidário não ficou centrado neste partido no momento em que a campanha começou a ir às ruas. Exatamente por ser o partido da oposição que frequentemente tem mais chances nas disputas e por estar, na visão dos moradores, sempre no comando da política, muitos dos eleitores, um número de modo algum pequeno – como mostrado pelos dados das urnas próximas à Cecap (Introdução) –, vêm buscando outra alternativa, que no caso foi encarnado pela figura da Marina.

Os eleitores, que tinham o intuito de depositar o voto nessa candidata, declararam que a decisão estava pautada exatamente no fato dela representar algo novo no cenário político. É importante notar que, nesta pesquisa, apenas uma interlocutora disse ter escolhido Marina Silva, mas, mesmo assim, com base no trabalho de campo e nas falas que foram obtidas durante estes momentos, pode-se afirmar que esta era uma característica bastante salientada.

Entretanto, os eleitores de Aécio também levantavam este mesmo argumento ao destacar os motivos da escolha. O candidato a princípio não era uma figura conhecida entre os

moradores e muitos só tomaram conhecimento de quem ele era na época das eleições. Neste sentido, era comum ouvir relatos de que a carreira dele estava apenas se iniciando e que por isso ele poderia ser uma alternativa entre as existentes.

Sendo assim, é possível perceber que Marina e Aécio eram vistos como “candidatos da mudança” por seus eleitores. Magali, por exemplo, diz o seguinte:

Eu estou com a Marina na cabeça, que é a única neutra. A única que está neutra nos assuntos. [...]. Tem que colocar alguém novo. Acho que ela pode revolucionar um pouquinho as coisas. Ela é muito naturalista. Acho que ela vai investir mais na saúde, o que vai melhorar para todos. (informação verbal)¹⁵⁵

Selma, como assinalado, votou em Aécio nos dois turnos, porém quando foi realizada a primeira entrevista, ela disse que tinha a intenção de votar em Marina. Essa motivação anterior foi bem parecida com a qual ela deu para votar no candidato do PSDB:

Eu pensei em votar nesta Marina, por que ela é tão diferente, uma coisa tão nova, que pode ser que dê certo. Sabe? Uma coisa para apostar no novo, para ver se saindo destes partidos, que já tomaram conta e não fizeram nada, acontece algo. Vou apostar no diferente. (informação verbal)¹⁵⁶

Como mostrado, os dois concorrentes mais conhecidos entre os moradores – Aécio e Marina – figuraram como o “novo” e, para tomar a decisão, o eleitor precisaria acionar outra estratégia. O voto prospectivo é dado para o candidato que o eleitor mais se identificou e que eles acreditavam que faria o melhor governo.

Todavia, é preciso esclarecer que essa identificação é pontual e momentânea e se baseia, em grande medida, nas características que o entrevistado crê que o concorrente possui e que o levaria a ter boa capacidade administrativa. A maioria, quando precisava explicar o porquê da opção eleitoral na oposição, levantou elementos valorativos e que foram verificados na época da eleição.

Na hora da escolha, portanto, tendo em vista a expectativa de capacidade administrativa, os moradores da Cecap buscavam verificar quais seriam os candidatos que cumpririam essa função a partir das qualidades pessoais. Diante dessa visão, o eleitor levou em consideração os atributos considerados relevantes para o governante: é importante que seja honesto, capacitado, inteligente, saiba falar em público e mostre ter vontade de fazer algo pela população de modo geral.

O voto é visto como importante mecanismo, que possibilita a escolha de pessoas que podem fazer alguma diferença e, por conseguinte, ao votar, o indivíduo escolherá o candidato que ele acredite estar mais preparado.

¹⁵⁵ Informação fornecida por Magali, 36 anos - desempregada.

¹⁵⁶ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

Selma, como já salientado, havia decidido que não depositaria o seu voto no PT, com base no julgamento que fez ao governo que estava acabando. Ela contou que resolveu votar em Aécio quando assistiu aos debates televisivos e observou a postura dos participantes. Segundo ela, o candidato do PSDB foi bastante convincente, enquanto Marina não se mostrava preparada:

Na verdade eu gostei dos debates. Ele [Aécio] se saiu melhor, com respostas sempre convincentes e a Marina parecia despreparada. (informação verbal)¹⁵⁷

Quando questionei à Camila o motivo dela ter escolhido Aécio, ela levantou elementos que dizem respeito ao modo de se comportar e falar:

Eu gostava muito de assistir os debates. Eu achava ele [Aécio] seguro, as respostas dele não eram tão compridas. Ele conseguia responder e aquilo me agradava, não é aquela pessoa que enrola e enrola e acaba não falando nada. Foi essa a opção. (informação verbal)¹⁵⁸

Ao perguntar se ela tinha gostado da candidata Marina, novamente percebe-se que a resposta contém muitas questões valorativas, relativas à característica pessoal da candidata:

Também gostei sim. Gostei de alguns debates que ela fez, achei interessante. Acho ela uma pessoa muito inteligente. O fato dela ser tão estudada, dar palestras e tudo. Mas chegou na hora mesmo de votar e escolhi o Aécio. [...]. Foi questão de afinidade, não sei. (informação verbal)¹⁵⁹

O modo como Camila se comportou eleitoralmente é bastante elucidativo. Se, no primeiro momento, ela tomou a decisão de não votar no partido do governo, já que, como apontado, ela sentiu que a sua situação financeira havia estagnado e que outro candidato pudesse fazer um melhor governo, em um segundo momento, ela precisava decidir, entre os concorrentes opositores, quem seria o seu candidato. Nesta fase, ela ficou entre Marina Silva e Aécio Neves. Para fazer essa escolha, ela levou em consideração os atributos que cada um teria, mas como ambos lhe pareciam qualificados, ela acabou optando por Aécio, uma vez que a afinidade com ele foi maior.

Dona Laís, da mesma forma, revela que votou em Marina primeiramente porque ela fala olhando para você, assim como faz Eduardo Suplicy – para quem ela votou para o cargo de senador. Além disso, pesou na sua escolha o fato da candidata estar ligada às questões do meio ambiente. Entretanto, deve-se salientar que quando questionada, ela não soube dizer quais eram especificamente essas propostas, o que demonstra que Dona Laís utiliza-se de um discurso amplamente conhecido para justificar o seu voto, mas do qual ela tem apenas vagos conhecimentos.

¹⁵⁷ Informação fornecida por Selma, 23 anos - auxiliar administrativa da Panco.

¹⁵⁸ Informação fornecida por Camila, 37 anos - desempregada.

¹⁵⁹ Ibidem.

Eu gosto. Eu gosto, sabe por que eu gosto da Marina? Para começar ela fala olhando para você, foi o que te falei. Outra coisa, ela é muito da natureza. Ela defendia muito a natureza e é o que a gente precisa, né? Estamos precisando disso aí. Você viu a quantidade de prédio e de árvore? Tem mais prédio do que árvore e o que dá melhor para nós são as árvores. Aqui é uma selva de pedras [...]. (informação verbal)¹⁶⁰

Nota-se que esse tipo de escolha não parece ter um fundo coletivo e, de certa forma, duradouro, diferente, por exemplo, da imagem que foi formada em torno da imagem do PT e de Lula, que está fortemente relacionada à ideia de pertencimento ao povo. O eleitor seleciona quem será o seu candidato a partir de uma percepção individual, construída com base nas suas crenças e ideias. Tendo isso em vista, é possível entender o motivo de haver adjetivações diferentes para um mesmo candidato.

Enquanto Dona Laís e Camila percebem Marina de forma positiva, seu Carlos e Alex, por exemplo, tinham um outro ponto de vista:

Aí vem Marina, eu acho que esta aí não tem cacife. Todo mundo vai mandar. Embora ela se pareça fisicamente com uma grande estadista. Mas eu acho que o discurso dela é muito fraco. (informação verbal)¹⁶¹

A Marina pelo pouco que conheço iria governar mais para o lado ambiental. Eu acredito que seja, eu vejo por esse lado. Não votaria nela [...] o jeito dela não passou confiança. (informação verbal)¹⁶²

8 PSDB e as Moradias Populares

A adesão ao PSDB, diferente do que a pesquisa entrevia, não esteve associada ao projeto de moradias implementado pelo governo do estado de São Paulo, em que os moradores da Cecap foram diretamente beneficiados¹⁶³. Entre os motivos destacados pelos entrevistados para a escolha eleitoral, o recebimento da casa não se destacou como impulsionador do voto em Aécio Neves. Como ressaltado anteriormente, no momento da decisão, as qualidades pessoais, que eles admitiam que cada candidato apresentava, serviam para estabelecer as diferenças existentes entre as opções.

De modo geral, todos os moradores, independente da escolha que tenha feito na eleição, sentem que a aquisição do imóvel impactou na qualidade de vida, mas, com exceção de um único morador, ninguém fez espontaneamente a associação entre a moradia e o PSDB. Como ao longo do trabalho de campo, a implementação da CDHU pelo PSDB foi apontada

¹⁶⁰ Informação fornecida por Dona Laís, 65 anos - aposentada.

¹⁶¹ Informação fornecida por Carlos, 63 anos - aposentado.

¹⁶² Informação fornecida por Alex, 28 anos - montador.

¹⁶³ A primeira Cecap foi construída na década de 1970, porém, os outros bairros foram feitos durante as gestões do PSDB.

uma única vez e de forma bem rápida, é possível afirmar que este aspecto não estimulou o voto. Somente Tião, um artesão que faz esculturas em plástico e madeira para vender aos domingos no mercado Municipal, assinalou a questão. Em uma conversa rápida que tive com ele durante uma das minhas idas a região, ele disse:

Aqui [CDHU] foi feito pelo PSDB. Na época do Covas que foi entregue isso daqui para a gente. (informação verbal)¹⁶⁴

Portanto, com exceção deste morador, a pesquisa não encontrou ninguém que demonstrasse alguma relação entre a posse da moradia popular e algum tipo de adesão política. Os motivos desta falta de conexão são extremamente importantes para a compreensão de como os eleitores constroem as suas perspectivas políticas. Possivelmente, esta falta de dependência seja explicada pela visão genérica que eles têm entre as mudanças objetivas nas próprias vidas (neste caso, o recebimento da casa) e a ação do governo, como demonstrado no capítulo II.

Mas, ao contrário do que ocorre com as transformações ocorridas no período lulista – em que há, apesar de impreciso, um entendimento de que o PT contribuiu para que houvesse melhorias –, com o PSDB a relação é ainda mais vaga e os moradores não identificam claramente o partido como tendo sido um dos promotores das mudanças desencadeadas com a conquista da casa. Eles, como visto no segundo capítulo, quando falam sobre a aquisição da propriedade, não fazem menção ao governo do estado e apenas salientam como conseguir um local para morar demandou esforço e dedicação.

Corroborar com esta noção o fato de muitos moradores não terem recebido as chaves do próprio governo do estado, já que compraram o imóvel de um mutuário (proprietário do imóvel que assinou o contrato com a CDHU)¹⁶⁵, fazendo com que a conexão ficasse ainda mais solta, já que eles acabam vendo esta conquista principalmente como fruto do seu empenho.

Em uma fala de Terezinha, citada no segundo capítulo, ela narra que a mudança para a Cecap representou um passo importante na sua vida, contudo, como pode ser percebido, o

¹⁶⁴ Informação fornecida por Tião, 55 anos - artesão.

¹⁶⁵ De acordo com o site da CDHU, o mutuário pode vender a moradia depois de dois anos da data de assinatura do contrato de financiamento. Para vendê-lo, é necessário estar com as prestações em dia, além disso, para que a transação seja realizada, ela deve estar de acordo com o Decreto n.º 51.241, de 03/11/2006, e Normas da CDHU. Segundo este decreto, o comprador não pode ser proprietário ou ter contrato de financiamento, em vigor, de imóvel localizado em qualquer parte do território nacional, e não pode ter sido atendido anteriormente pelos programas habitacionais da CDHU ou de outros agentes promotores de programas habitacionais de interesse social.

ganho da casa não é associado a nenhum governo, uma vez que ela a comprou de um antigo morador. Ela diz:

Primeiramente a mudança para cá [Cecap]. Não foi tanto em termos de governo. A gente não tinha casa própria, aí a gente veio para cá, para ter uma casa. (informação verbal)¹⁶⁶

Esta discussão, apesar de ter verificado que o voto no PSDB não foi incentivado pelo ganho do imóvel, salienta que é preciso ser feito uma pesquisa mais detalhada sobre os possíveis motivos de não haver esta conexão, pois, somente com novos estudos, e mais abrangentes, será possível conferir a essa questão a profundidade que merece. A nossa investigação deixa a pergunta em aberto, com a perspectiva que futuras análises se debrucem sobre o tema e consigam solucionar o problema.

9 Eleição de 2014 e voto

A análise das entrevistas mostra que muitos moradores que votaram em 2014 na oposição afirmam que no passado depositaram o seu voto no PT. A partir dessas falas, é possível notar que, para eles, a crise econômica e moral em que o Brasil se encontra foram os motivadores da mudança de postura.

Os eleitores que fizeram essa opção salientam que gostaram do governo do PT até certo ponto, mas hoje eles não estão mais satisfeitos com a conjuntura e por isso acreditam que a mudança seria necessária. Em suas falas, há críticas ao atual governo devido tanto aos escândalos de corrupção, quanto à crise econômica.

Deve-se salientar que, com exceção de Wilson que tem uma visão fortemente ideológica, o discurso dos outros dois entrevistados (Juliana e Carlos) que optaram pela oposição em 2010 não tem grandes diferenças do restante. Ambos, ao explicarem os motivos da escolha, levantam questões relacionadas à crise econômica (principalmente Juliana) e à moral (principalmente Carlos), e, portanto, aparentemente, eles, assim como os outros, exerceram um voto baseado nas perspectivas do momento, assim como deve ter ocorrido em 2010.

Quando eles percebem que a situação do Brasil não está mais favorável, o que inclui os casos de corrupção, eles buscam, por meio do voto, produzir melhorias no cenário político. Deve-se ainda ressaltar que estes eleitores votam buscando um candidato que possa

¹⁶⁶ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

transformar este cenário de caos, que eles dizem estar passando o país, e, para isso, vale o risco de enfrentar o novo:

Vou votar no Aécio. Vou dar uma chance para o Aécio, não sei se vai ser bom ou se vai ser ruim, posso até me arrepender mais para frente. (informação verbal)¹⁶⁷

Em contrapartida, como já salientado, um dos motivos que levou as pessoas que adotaram eleitoralmente a proposta do continuísmo a fazerem essa opção foi não saber o que significaria exatamente essa mudança.

Entretanto, também não é possível afirmar que as pessoas que optaram por Dilma irão continuar com esse mesmo posicionamento em outras eleições. Esses eleitores, ao terem a dúvida se estavam tomando a melhor decisão, demonstram que o voto é instável e mudancista. Aparentemente, a escolha se deu pela combinação de dois fatores: o medo do novo e o apoio às políticas lulistas. Mas, o apoio ao governo não foi feito de forma acrítica, como pôde ser percebido ao longo dos depoimentos, isso porque esses eleitores, apesar de acreditarem que a situação do país está melhor comparada ao que era antes do governo Lula, ainda assim afirmavam que outras melhorias poderiam ser feitas e os casos de corrupção combatidos de forma mais eficaz.

O que se verifica na Cecap é a existência de um eleitor pragmático, que avalia retrospectivamente a economia e a probidade administrativa do último governo. Ele muda a sua opção eleitoral de acordo com a perspectiva e a sensação do momento, independentemente de ideologia¹⁶⁸, como a escola sociológica do voto propõe, ou de uma preferência partidária, como defende a escola psicossociológica.

Pode-se afirmar que em uma eleição o eleitor pode se aproximar de um determinado candidato e caso, na próxima eleição, sua avaliação tenha mudado, ele pode escolher outro candidato que tenha posicionamento político diverso do que ele apoiou no passado, pois o que

¹⁶⁷ Informação fornecida por Nelson, 53 anos - faz bicos.

¹⁶⁸ Contudo, mesmo que na Cecap os eleitores façam uso de um voto retrospectivo, a ideologia também não apareceu como instrumento que ajuda no momento da escolha, como proposto pela teoria da escolha racional. Para essa escola, quando os eleitores não têm acesso à informação política, o ato de votar acaba tendo um alto custo, o que faria com que muitos deixassem de votar. Para resolver esse problema, a ideologia é introduzida no modelo como uma espécie de atalho informacional. Uma vez que a ideologia instrumentaliza, articula e sintetiza diversos valores em um só elemento discursivo ou em uma determinada posição no espaço político (esquerda, centro e direita), ela reduz a quantidade de informações que o indivíduo teria que levantar e processar para comparar todas as propostas partidárias em relação às questões referentes de seu interesse. Desta forma, o eleitor só precisa se informar sobre a ideologia de cada partido e ter confiança de que este seguirá tais valores, não precisando saber quais são todas as políticas que o partido defende. O partido, por sua vez, terá todos os incentivos racionais para continuar a defender sua posição ideológica, pois é isso que promove sua sinalização para os eleitores e lhe garante certa fatia do mercado eleitoral. Entretanto, a motivação da ação na Cecap é racional, mas está baseada em elementos sensíveis construídos momentaneamente.

está em jogo é o desempenho do governo, nem que seja preciso assumir essa variação no voto.

De fato, todos os entrevistados, com exceção de Wilson que disse não votar no PT em hipótese alguma e gostar do PSDB, afirmaram não ter identificação partidária, do mesmo modo que diziam não ter qualquer tipo de rejeição. Algumas pessoas, como Selma e Camila, falaram que não votariam em partidos, que classificaram como “chulezentos” e “zoados”, respectivamente, por terem propagandas eleitorais pouco atrativas, mas elas mesmas não sabiam dizer exatamente quais eram esses partidos, o que não se pode dizer que exista de fato uma rejeição partidária.

Todos os entrevistados afirmaram que a escolha se dava mais em função do candidato que estava concorrendo ao cargo do que do partido. Portanto, os entrevistados quando vão decidir em quem votar têm um leque de opções irrestrito, que pode se movimentar para esquerda ou para direita.

Eu não gosto e nem desgosto de nenhum partido. Eu vou pelo candidato, não importa o partido dele. Entendeu? Se a gente acha que aquele candidato fez alguma coisa, sabe? Que a gente percebe que vai fazer alguma coisa pelo povo, é o que cai na graça da gente, independentemente de partido. (informação verbal)¹⁶⁹

Terezinha revelou sempre ter votado em Lula e Dilma, mas afirmou que na última eleição para prefeito não havia votado no candidato do PT, pois ela vota na pessoa e não no partido:

Tem candidato do PT que eu não votaria. O que foi candidato a prefeito aqui em Taubaté¹⁷⁰, eu não votei. Não sei..., mas não votei.
[...]
Eu não tenho partido, tenho candidato. Se amanhã um candidato que eu pensar em votar estiver em outro partido, eu não vou deixar de votar. (informação verbal)¹⁷¹

Juliana também afirma que quando escolhe o seu candidato não se preocupa com o partido, pois para ela, isso é um elemento indiferente, já que o importante é a pessoa e a campanha que ela apresenta:

Se eu gostar da pessoa, se eu achar que a pessoa fez uma boa campanha e ela me convencer, eu voto. Não por ser do PT, mas pela pessoa, não tenho preconceito com o partido. Não tenho preferência por nenhum partido. (informação verbal)¹⁷²

Confirmando este tipo de posicionamento, era comum encontrar eleitores que tinham votado em um partido para presidente, por exemplo, e optado por outros partidos quando se

¹⁶⁹ Informação fornecida por Dona Rosangela, 75 anos - pensionista.

¹⁷⁰ O Candidato que Terezinha se refere é Isaac do Carmo, que concorreu ao cargo de prefeito de Taubaté em 2012, mas acabou sendo derrotado pelo atual prefeito Ortiz Júnior do PSDB.

¹⁷¹ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹⁷² Informação fornecida por Juliana, 24 anos - promotora de vendas.

tratava de outro cargo. Dona Terezinha, mesmo, disse ter votado em Geraldo Alckmin (PSDB) para governo do estado:

O Alckmin trabalha devagar e sempre, mas ele é uma pessoa honesta. Eu conversei com uma psicóloga de Pinda¹⁷³ e ela disse que em matéria de honestidade, ele é super confiável. Essas coisas pesam muito, né? [...] Eu acho que ele é uma pessoa séria e confiável. (informação verbal)¹⁷⁴

Dona Laís também teve um posicionamento diferente. Ela votou em Marina no primeiro turno, já no segundo optou pelo PSDB e disse que para o cargo de senador preferiu o PT:

Eu posso garantir que não votei na Dilma. Se ela está lá, não é por causa do meu voto. Eu votei na Marina! Mas olha o contraste, eu votei no Eduardo Suplicy. Eu gosto dele, não por ser do PT, porque não tem nada ver. Eu voto na pessoa! Eu sempre achei ele uma pessoa que quando vai conversar com você, te olha na cara. Eu não gosto dessas pessoas que vão conversar e abaixam a cabeça e não te encaram. Eu gosto muito do Eduardo Suplicy, pena que ele não conseguiu. (informação verbal)¹⁷⁵

Ao analisarmos o comportamento desses entrevistados, outro ponto que se sobressai é a diferença no modo como os eleitores mais novos decidem o seu voto. Embora esta pesquisa não trabalhe com um número de amostras grande e nem pretenda trazer esse componente para o debate, foi perceptível uma discrepância que precisa ser assinalada.

Quando dividimos os entrevistados em duas faixas etárias: uma com menos de 28 anos e outra com mais¹⁷⁶, parece se delinear uma tendência. Os entrevistados mais novos tiveram uma posição mais favorável às candidaturas da oposição. Entre os entrevistados, cinco tinham a idade até 28 anos e, destes, quatro (Selma, Juliana, Wilson e Alex) votaram em Aécio (tanto no primeiro, quanto no segundo turno). O único entrevistado fora desse parâmetro e que optou pela a candidata Dilma foi Edson, que tem exatamente 28 anos.¹⁷⁷

As pessoas mais novas viveram grande parte da sua vida adulta sob o governo do PT e, portanto, as suas lembranças políticas estão conectadas a esse momento histórico. Selma, Juliana e Wilson, por exemplo, votaram pela primeira vez para presidente em 2010 e Alex em 2002 (começou a votar antes dos 18 anos). As falas de Selma e Juliana (segundo capítulo)

¹⁷³ Pindamonhangaba é a cidade de origem de Geraldo Alckmin.

¹⁷⁴ Informação fornecida por Terezinha, 71 anos - aposentada.

¹⁷⁵ Informação fornecida por Dona Laís, 65 anos - aposentada.

¹⁷⁶ A primeira vez que as pessoas com 28 anos ou menos votaram para presidente, se levado em consideração a idade de 18 anos, foi na eleição de 2006. O parâmetro de 28 anos foi escolhido, pois ele parece dividir os entrevistados em dois grupos: os que têm até 28 anos começaram a participar do processo democrático quando o PT já estava no governo e os que têm mais que 28 anos votaram em outras disputas eleitorais.

¹⁷⁷ Os sete entrevistados com mais de 28 anos não apresentaram uma tendência clara, já que houve uma divisão de preferência: quatro moradores optaram por Aécio e três votaram em Dilma. Mas cabe ressaltar que entre os quatro moradores que preferiram Dilma, três tinham mais de 28 anos (Rosângela, Rogério e Terezinha).

demonstram bem essa questão: quando elas fazem uma remissão ao passado, por não lembrarem com exatidão de como era, aparecem nas falas as seguintes declarações: “pelo o que a minha mãe me fala” ou “pelo o que eu escuto dos mais velhos”. Portanto, percebe-se que as suas opiniões sobre acontecimentos passados são construídas, sobretudo, com base no que as pessoas mais velhas lhes expuseram.

Desta forma, diante dessa diferença geracional, pode-se presumir que o medo do novo, como acontece entre os mais velhos, não seja um grande empecilho em suas visões. Como pôde ser visto em suas falas, a insatisfação com a atual situação do país faz com que eles acreditem que uma mudança no governo seja a melhor solução.

10 Conclusão

O modo como os moradores da Cecap votou, demonstra que a eleição de 2014 girou em torno da decisão de manter ou não o governo de Dilma no poder. O eleitor, no momento dessa avaliação, ponderou, de um lado, a situação atual e as denúncias de corrupção e, de outro, as políticas econômicas e sociais iniciadas com Lula e ainda como a oposição possivelmente atuaria se fosse eleita.

A teoria aqui subjacente é a do voto retrospectivo, em que o eleitor avalia se deve manter ou não o governo. Na literatura sobre o comportamento eleitoral, essa linha de investigação busca analisar se a avaliação feita pelos eleitores do desempenho governamental tem relevância no momento da decisão do voto. De acordo com Fiorina (1981), a ideia por trás é de que os indivíduos dão o voto para a oposição quando acreditam que a administração atual foi ruim, e apoiam o mandatário eleitoralmente quando julgam que a atuação foi positiva. Portanto, o sufrágio visa à maximização do próprio interesse, o que remete para os pressupostos da teoria da escolha racional.

O eleitor, conforme indica Key (1966), age como um juiz, uma vez que ele pune ou premia o governante, dependendo da visão que ele tenha da administração. Deste modo, se ele considera que os resultados não foram satisfatórios, o seu voto vai contra o governo e a favor da oposição, de modo a manifestar o seu descontentamento e o seu anseio por mudanças. O julgamento feito, assim, é se o mandatário cumpriu bem a sua função ou não (FIORINA, 1981). A escolha, como assinala Marcus Figueiredo (1991), se restringe à dicotomia do que foi satisfatório ou não-satisfatório.

Segundo Downs (1991), o eleitor pode também se utilizar do voto retrospectivo com o intuito de diminuir os custos que se tem para adquirir informação sobre os candidatos. Decidir o voto com base nas ações que já foram tomadas pelo mandatário no passado é mais econômico do que ponderar unicamente os projetos futuros dos candidatos. Na hora da escolha, imagina-se como será o mandato futuro tendo em vista as ações do passado.

Neste sentido, mais do que apenas punir ou premiar, este voto serve como atalho na hora de comparar as opções existentes: o eleitor compara o que foi o governo com a performance que ele acredita que teria o candidato da oposição e, a partir desta avaliação, faz a sua decisão. Ou seja, olha-se para o passado com o intuito de fazer cálculos estratégicos. Assim, para Downs (1991), o voto retrospectivo está conectado ao voto prospectivo (que julga os candidatos de acordo com a expectativa dos desempenhos futuros).

Tendo em vista tal modelo, o partido do governo precisa projetar elementos que demonstrem para os eleitores o que foi realizado durante o mandato, de modo a convencê-los de que o período foi satisfatório e que compensa o continuísmo governamental. Por outro lado, os partidos oposicionistas precisam remeter ao futuro ou ao que foi o seu governo, caso tenha já chegado ao poder em eleições passadas. Eles devem persuadir os eleitores alegando que a atual gestão não foi favorável para o país e que, caso eles ganhem a disputa, eles farão um mandato melhor que a situação.

Como visto, os eleitores da Cecap fazem a decisão tendo em vista o que significou os mandatos do PT. Analisar retrospectivamente é um fator importante na hora de avaliar quem merece o voto. Quando eles olham para o passado, eles enxergam dois momentos distintos: no primeiro, o Brasil passou por grandes mudanças, o que permitiu que a vida deles próprios e de muitos brasileiros engrenasse. Contudo, em uma segunda fase, o país começou a estagnar, o que os afetou. Diante deste quadro, é preciso comparar as opções existentes e decidir se a melhor opção é manter o governo ou votar na oposição.

Um dos fatores levados em consideração pelos entrevistados foi a questão econômica. A literatura sobre comportamento eleitoral verificou que o estado da economia desempenha papel importante quando os eleitores avaliam retrospectivamente o governo. Diversos autores buscaram identificar a relação existente entre voto e economia (CARREIRÃO, 2002; FAIR, 1978; KEY, 1966; LEWIS-BECK & STEGMAIER, 2000; MENDES E VENTURI, 1994; MENEGUELLO, 1995). Identificou-se que o modo como os indivíduos ajuízam o governo pode ser influenciado pelas suas próprias condições financeiras – se estão boas ou ruins – ou pela situação econômica do país como um todo. Se a economia está em fase de crescimento, o

eleitor apoia o candidato governista, mas caso o país esteja diante de um período de estagnação ou recessão econômica, o eleitor tende a votar nos oponentes.

A partir do trabalho de campo e das entrevistas, foi possível encontrar dois principais tipos de eleitores dentro da região da Cecap. O primeiro corresponde àquelas pessoas que demonstraram ter uma certa visão positiva dos governos do PT e decidiram, não por conta de uma identificação, pelo continuísmo em 2014. Eles tomaram essa decisão tendo em vista as políticas que foram implementadas durante os governos do PT e que beneficiaram os mais pobres. Além disso, eles acreditavam que, neste momento, não valia a pena se aproximar da oposição.

O voto em Dilma não foi dado de modo convicto. Não se pode negar que realmente exista dentro da Cecap um ambiente simpático ao lulismo, mas essa aproximação não criou vínculos fortes de modo a fazer com que os moradores votassem no PT. Em outras palavras, a visão positiva das políticas lulistas não pode ser compreendida como uma adesão ideológica ao PT, que se reflete em votos.

Houve entre os entrevistados certa dúvida e eles ponderaram se este não era o momento para votar na oposição, uma vez que, assim como os eleitores do próximo grupo, tiveram a sensação de que a situação do país não estava no seu melhor momento. Porém, eles preveem que essa crise é passageira e que logo a política e a economia voltarão a melhorar. Além do mais, deve-se destacar que nenhum eleitor de Dilma foi afetado diretamente pela crise econômica. Eles admitem que o momento atual não está propício, mas eles não notaram mudanças drásticas em seus bolsos e, portanto, no final, ao colocar na balança, os ganhos do período lulista foram maiores do que as perdas. Assim, para os eleitores deste grupo, diante das opções e do medo do retrocesso, o primeiro momento dos governos do PT teve impacto maior no sufrágio.

O segundo grupo corresponde aos eleitores que, diante das opções apresentadas, avaliaram que compensaria mais a oposição governar. A escolha feita por esses moradores se baseou principalmente na sensação que eles têm do momento presente: para eles, nem o país e nem a política, em decorrência principalmente dos escândalos em que o PT se envolveu, estão passando por uma boa fase e por isso acharam mais sensato optar pela mudança.

Logo, eles precisaram decidir em quais dos candidatos depositaria o voto. As opções que pareceram entre os eleitores como aceitáveis foram Marina e Aécio. A escolha de quem seria o seu candidato, apesar de utilizar elementos valorativos que dizem respeito às características pessoais de cada um, tinha o intuito de prever qual teria a melhor capacidade administrativa. Para esta decisão, não foram utilizadas questões programáticas ou ideológicas,

mas, deve-se ressaltar que os eleitores votaram no candidato que acreditavam que iria atuar em favor dos seus interesses.

Neste grupo se destaca dois tipos de eleitores. Os primeiros correspondem àquelas pessoas que sentiram drasticamente o efeito da crise no momento que ficaram desempregadas. Esses eleitores admitem que durante os últimos 12 anos de governo ocorreram melhorias substantivas nas condições de vida – e são até mesmo favoráveis a muitas das políticas lulistas –, mas, no instante em que eles sentem que a situação econômica do país piorou, assim como a sua própria, a sua escolha eleitoral vai em direção contrária ao do governo.

No segundo tipo, pode-se englobar os eleitores que decidiram não votar no governo devido à falta de probidade administrativa do PT. São pessoas que deram grande importância para as denúncias de corrupção e acreditam que estes casos podem afetar diretamente a administração do país.

A avaliação do desempenho do governo, como visto, pode estar também ligada a outras questões, que não seja puramente econômica, como a probidade administrativa e a lisura do mandatário. Quando um governo é constantemente vinculado a casos de corrupção, este elemento pode passar a afetar negativamente o modo como o votante analisa retrospectivamente a administração (RENNÓ, 2006). Neste sentido, seguindo a mesma linha de raciocínio que ocorre com economia, quando o governo está envolvido em escândalos, o eleitor o pune depositando o seu voto na oposição.

Deve-se destacar que esses eleitores, apesar de terem votado na oposição, não podem ser considerados antilulistas. Nessa eleição, por conta da conjuntura do momento, eles se aproximaram da oposição, mas em uma próxima, eles podem ter uma atitude diferente, dependendo do modo como eles percebiam a realidade do país. Nesse grupo há eleitores que nas eleições anteriores votaram no PT, como Camila, Selma, Nelson e Alex, mas também há pessoas que optaram pela oposição já em outras ocasiões.

Porém, nesta lista é possível acrescentar mais um perfil, apesar de não ter sido preponderante: um entrevistado, como proposto no capítulo anterior, mostrou ter um posicionamento mais ideológico. Wilson, diferente dos outros eleitores, demonstrou ter rejeição pelo PT e votar no PSDB devido às suas propostas políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou contribuir com o debate existente sobre as motivações que estão por trás do voto dos eleitores de baixa renda e, conseqüentemente, avaliar o alcance que a teoria do lulismo, elaborada por André Singer, possui. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, durante as eleições de 2014, em quatro conjuntos habitacionais da periferia de Taubaté-SP com o intuito de compreender as opiniões e percepções desses moradores e conseqüentemente como eles agem eleitoralmente. A metodologia utilizada para esta pesquisa permitiu explorar em profundidade o contexto social e individual desses eleitores – as mudanças ocorridas nas moradias, a rotina dos bairros, as diferenças existentes entre os conjuntos, a história de vida de cada um, as melhorias ocorridas nos últimos anos, as visões de mundo –, o que trouxe subsídios para entendermos melhor as suas escolhas políticas.

No primeiro capítulo apresentamos um panorama sobre Taubaté e suas principais características políticas. Mostramos que historicamente o PSDB tem grande força eleitoral na cidade. Desde a volta ao pluripartidarismo em 1979, por exemplo, o partido se manteve por cerca de 19 anos à frente do executivo municipal. O predomínio desta sigla também ocorreu nas eleições presidenciais (com exceção da eleição de 2002, quando Lula obteve a maioria dos votos). Conseqüentemente, a Cecap, como parte integrante da cidade, seguiu esta mesma predisposição de votar nos candidatos do PSDB. Finalizamos o capítulo expondo as características geográficas e sociais da Cecap e como ocorreu a implementação do local.

No segundo capítulo abordamos as visões políticas e sociais dos moradores da Cecap, destacando principalmente os aspectos relacionados ao lulismo. A pesquisa demonstrou que os moradores de modo geral têm certa aderência aos governos de Lula e Dilma. Há, portanto, certo laço que os liga ao PT, embora não se possa dizer que seja algo forte e duradouro e que implique em uma identificação com o partido, como a teoria do lulismo propõe. O que se verificou foi uma espécie de lulismo abrandado, que na hora da escolha do candidato a presidente, apesar de não ser um fator decisivo, acaba sendo um pendendo a balança a favor do PT.

Ainda que muitos moradores apresentassem em suas falas elementos que levassem a crer que tinham certa tendência – em graus diferentes, dependendo do entrevistado – a depositar o seu voto em Dilma, na prática não foi o que aconteceu. Muitos entrevistados ainda afirmaram que haviam preferido o PT em outras eleições, mas que nesta optaram pela oposição.

O capítulo 3 procurou abordar o modo como os eleitores fizeram as suas escolhas nas eleições de 2014, quais foram as suas principais motivações e as razões de vários eleitores não terem votado em Dilma, mesmo com a existência de um lulismo brando.

O trabalho constatou que os eleitores foram pressionados por dois momentos distintos: se por um lado, eles admitiram que as políticas lulistas dos primeiros governos do PT foram positivas, por outro, eles garantiram que em 2014 o país não passava por um bom momento. Ocorrendo, assim, uma tensão entre duas formas de voto retrospectivo. Diante desse quadro, formaram-se dois grupos distintos: os que optaram por Dilma e os que preferiram Aécio Neves.

As pessoas que decidiram votar no PT não foram diretamente afetadas pela crise. Eles reconhecem que o país não está em uma fase econômica próspera, mas como eles não sentiram objetivamente mudanças drásticas em seus bolsos, no final, ao colocar na balança, os ganhos do período lulista foram maiores do que as perdas.

Do outro lado, estão os eleitores que votaram no PSDB. O primeiro elemento que sobressai é que todos entrevistados que ficaram desempregados nos últimos meses e que, portanto, sentiram os efeitos da crise econômica votaram em Aécio. Há ainda neste grupo os que decidiram não votar no governo por conta das denúncias de corrupção.

Portanto, conclui-se que a teoria do lulismo está presente em certa medida entre os moradores da Cecap, mas este não foi o elemento fundamental na hora da escolha. Isso porque os entrevistados não aderiram ideologicamente ao PT, mesmo que tenham admitido que os seus governos tenham sido positivos e tenham assistidos às classes mais pobres. Os eleitores, ao votarem, ponderam os ganhos e perdas que tiveram e a partir deste cálculo decidem quem será o seu candidato. Sendo assim, pode-se afirmar que o voto existente dentro da Cecap é do tipo racional.

A realização desta dissertação buscou colaborar, mesmo que de maneira bastante circunscrita geograficamente, com o debate acerca dessa questão tão importante que é a decisão do voto. Sabemos que a investigação está longe de esgotar as possibilidades de entendimento do eleitor de baixa renda e, por isso, acreditamos que novos estudos qualitativos, que abordem em profundidade o problema, são bem-vindos.

BIBLIOGRAFIA

ADIB, Irene V. de L. **Cecap III: uma construção coletiva para programas da terceira idade**. 2001. Trabalho de conclusão do curso (Serviço Social), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2001.

AGGIO, Sandra Mara. **O Urbanismo no Brasil e a Crise da Modernidade**. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 1992.

ALBUQUERQUE, José A. Guilhaon. Identidade, oposição e pragmatismo: uma teoria política do voto, In: **Lua Nova**, n. 26, p. 53-79, 1992.

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do eleitor**: estratégia de campanha, pesquisa e vitória eleitoral. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ALMEIDA, Jorge. **Como Vota o brasileiro**. São Paulo: Casa Amarela, 1996.

ANDRADE, Luciana da Silva; LEITÃO, Gerônimo Emílio de Almeida. Transformação na Paisagem Urbana: favelização de conjuntos habitacionais. In: SILVA, Rachel Coutinho Marques da. (Org.). **A Cidade pelo Averso**: desafios do urbanismo contemporâneo. 1ed. Rio de Janeiro: Viana e Mosley, p. 113-132, 2006.

ANTUNES, Camila Sissa. **Homogeneidade versus Heterogeneidade**: conflitos, transformações e dilemas habitacionais na Vila Cachoeira, Florianópolis/SC. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. Identidade partidária e instituições políticas no Brasil, In: **Lua Nova**, n. 26, p.133-165, 1992.

BALBACHEVSKY, Elizabeth; HOLZHACKER, Denilde Oliveira. Identidade, oposição e pragmatismo: o conteúdo estratégico da decisão eleitoral em 13 anos de eleições, In: **Opinião Pública**, Campinas, v.10, n. 2, p. 242-253, 2004.

_____. Classe ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006, In: **Opinião Pública**, Campinas, v.13, n.2, p. 283-306, 2007.

BAQUERO, Marcelo. O Desencantamento com a democracia: análise do comportamento eleitoral dos Gaúchos nas eleições de 1994, In: **Opinião Pública**, v. 2, n. 2, p. 49-60, 1994.

BEACH, Derek; PEDERSEN, Rasmus Brun. **Process-tracing Methods**: Foundations and Guidelines. Michigan: University of Michigan Press, 2012.

BENNETT, A. Case Study Methods: Design, Use, and Comparative Advantages. In: SPRINZ, D. F. & WOLINSKY-NAHMIAS, Y. (eds.). **Models, Numbers, and Cases**: Methods for Studying International Relations. Ann Arbor: University of Michigan, 2004.

BRADY, E. Henry. Causation and Explanation in Social Science. In: BOX-STEFFENSMEIER, Janet M.; BRADY, Henry; COLLIER, David (eds). **The Oxford Handbook of Political Methodology**. Oxford: Oxford University Press, p. 217-249, 2008.

BRESSER-PEREIRA, L.C. A classe média. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 dez. 2006. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/ver_file.asp?id=2177>. Acesso em: Julho de 2015.

BRITO, Maria Leticia J. D. **O comportamento eleitoral no Brasil: Uma análise das principais pesquisas e do debate (1989- 2006)**. 2011. Trabalho de conclusão do curso (Ciências Sociais), Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2011.

BUENO, Daniella G. **Opinião dos adolescentes sobre o programa Escola da Família: bairro Cecap - Taubaté**. 2006. Trabalho de conclusão do curso (Serviço Social), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2006.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.

CAMPBELL, A. et al. **The American Voter**. New York: Willey, 1960.

CARREIRAO, Yan de Souza. **A decisão do voto nas eleições presidenciais brasileiras**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CASTELLS, Alicia Norma González de. **Os hábitos não esquecidos: a recriação da casa COHAB nas mãos do povo**. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1987.

CASTRO, Mônica M. Sujeito e Estrutura no Comportamento Eleitoral. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, ano 7, n.20, p.7-20, 1992.

_____. **Determinantes do Comportamento Eleitoral: Centralidade da Sofisticação Política**. 1994. Tese (Doutorado em Ciência Política) IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL E URBANO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.cdhu.sp.gov.br/cdhu/index.asp>>. Acesso em: 17/03/2012.

CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics. In: APTER, DAVID (Ed.), **Ideology and discontent**. Nova York: Free Press Glencoe, 1964.

COSTA, Letícia Maria Pinto da. **Na contramão do Marketing Político: As eleições Municipais de Taubaté-SP, em 2004**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social), UESP, São Bernardo do Campo, 2007.

COSTA, S. L. **Taubaté, o Local e o Global na construção do desenvolvimento**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005.

DALTON, R. The decline of party identifications; In: DALTON, R; WALLTENBERG, M., **Parties without partisans: Political change in advanced industrial democracies**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

- DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da Democracia**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DURHAN, Eunice Ribeiro. **A Dinâmica da Cultura**: Ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FAIR, R. The Effect of Economic Events on Votes for President. **Rev. Econ. Stat**, n. 60. p. 159-73, 1978.
- FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de Tensão**: Política e Violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.
- FIGUEIREDO, Marcus. **A decisão do voto**: Democracia e racionalidade. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs, 1991.
- FIORINA, Morris. **Retrospective voting in American national elections**. New Haven: Yale University Press, 1981.
- FREIRE, André. **Modelos do comportamento eleitoral**: uma breve introdução crítica. Oeiras: Celta, 2001.
- FREITAS, Vânia B. **O adolescente do Cecap III**: Possibilidades ou sonhos. 2002. Trabalho de conclusão do curso (Serviço Social), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2002.
- GERRING, J. What Is a Case Study and What Is It Good for?. **American Political Science Review**, Los Angeles, v. 98, n. 2, p. 341-354, 2004. Disponível em: http://web.rollins.edu/~ddavison/Spring08/Gerring_CaseStudies.pdf.
- GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. **Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade**: o direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- HUNTER, W.; POWER, T. J. Rewarding Lula: executive power, social policy, and the Brazilian election of 2006. **Latin American Politics and Society**, vol. 49, n 1, 2007.
- KEY, V. O. **The responsible electorate**: rationality in presidential voting (1936-1966). Cambridge: Belknap Press, 1966.
- LAMOUNIER, Bolívar. **Partidos e Utopia**: O Brasil no limiar dos anos 90. São Paulo: Loyola, 1989.
- LAZARSFELD, Paul F. et al. **The people's choice**: how the voter Makes Up His Mind in a Presidential Campaign. New York: Columbia University Press, 1965.
- LEWIS-BECK, M.; STEGMAIER. Economic Determinants of Electoral Outcomes. In: **Annual Review of Political Science**. V. 3, p. 183-219, 2000.
- LIMONGI, F.; MESQUITA, L. Estratégia partidária e preferência dos eleitores – As eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004. In: **Novos Estudos**, n. 81, julho de 2008.
- LIPSET, Seymour M. **O Homem Político**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LIPSET, S. M.; ROKKAN, S. Cleavage structures, party systems and voter alignments: an introduction; In: LIPSET, M.; ROKKAN, S. (Eds.), **Party systems and voter alignments**. New York: MacMillan, 1967.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Anpocs, vol. 17, n.49, p.11-30, 2002.

_____. **Da periferia ao Centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, Coleção Antropologia Hoje, 2012.

MARCONDES, Joelma N. **A construção da metodologia interventiva em serviço social: Um estudo exploratório da ação do serviço social no projeto Cecap III**. 2003. Trabalho de conclusão do curso (Serviço Social), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2003.

MELO, Salvador S. **Política habitacional e cidadania: a questão dos equipamentos e serviços sociais do entorno**. 1998. Trabalho de conclusão do curso (Serviço Social), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 1998.

MONTEIRO, C. M. G. Virando pelo Averso: Transformações no espaço de conjuntos habitacionais. In: **IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Natal: Anais do IV Seminário de História da Cidade e do urbanismo, 2000.

NICOLAU, Jairo; PEIXOTO, Vitor. Uma disputa em três tempos: Uma análise das Bases Municipais das eleições presidenciais de 2006. In: **XXXI Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, SP, n.19, p. 26-45, 1987.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A direita mora do outro lado da cidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n.10, p. 46-64, 1989.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, M. C. A direita que flutua: O voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. In: **Novos Estudos**. CEBRAP: São Paulo, n.29, p. 10-27, 1991.

PIERUCCI, Antônio Flávio; LIMA, M. C. São Paulo 92: A vitória da direita. In: **Novos Estudos**. CEBRAP: São Paulo, n.35, p. 91-99, 1993.

PRADO, Anderson Luiz Martins. **A desigualdade e a distribuição da renda na cidade de Taubaté**. 2007. Trabalho de conclusão (Geografia), Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2007.

RADMANN, Elis R. H. **O eleitor brasileiro**: uma análise do comportamento eleitoral. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

RAGIN, Charles C. **The comparative method**: moving beyond qualitative and quantitative strategies. Berkeley: University of California Press, 1987.

REIS, Fábio Wanderley. **Os Partidos e o Regime**: A lógica do processo eleitoral brasileiro. São Paulo: Símbolo, 1978.

RENNO, Lucio R. Escândalos e voto: as eleições presidenciais brasileiras de 2006. In: **Opin. Publica**, Campinas, v. 13, n. 2, pp. 260-282, 2007.

SEANWRIGHT, J; GERRING, J. **Case selection techniques in case study research**. 61(2):294-308, 2008.

SILVA, Antônio Willamys Fernandes da. **Transformações urbanísticas em um bairro planejado**: o caso do projeto habitacional Mangabeira em João Pessoa-PB. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

SINGER, André. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Raízes sociais e ideológicas do lulismo, In: **Novos Estudos Cebrap**, n.85, p. 83-102, 2009.

_____. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 14/08/2012.

VAN WYNSBERGHE, R. e KHAN, S. Redefining Case Study. In: **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 6, n. 2, p. 80-94, 2007. Disponível em: <http://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/IJQM/article/view/542/2495>.

VENTURI, Gustavo. Esquerda ou direita?. In: **Teoria e Debate**, n. 75, jan.-fev., p. 39, 2008.

YIN, R. K. **Case Study Research**: Design and Methods. Thousand Oaks: Sage, 2009.

ZUCCO, C. The President's 'New' Constituency: Lula and the Pragmatic Vote in Brazil's 2006 Presidential Elections. In: **Journal of Latin American Studies**, v. 40, p. 29-49, 2008.

APÊNDICE A - Breve biografia dos entrevistados

Alex

Alex trabalha na empresa Inpro-electric, tem 28 anos e reside com a sua família na moradia da Cecap I desde que nasceu. Com a morte de seu pai, há cerca de oito anos, ficaram morando na casa somente ele, a mãe e a irmã que tem deficiência intelectual. O entrevistado afirma gostar bastante do bairro e que um dos pontos positivos é possuir bons vizinhos. Há quatro anos, ele deixou o cargo de porteiro, em que recebia cerca de um mínimo e passou a trabalhar como montador, com um salário de quase dois salários mínimos. Ele declara que a vida financeira melhorou bastante e com isso pode comprar uma moto e aumentar os momentos de lazer. Para ele, o grande problema do PT foram os escândalos de corrupção que o partido se envolveu, o que fez com que ele repensasse o modo de votar.

Camila

Camila tem 37 anos e vive há cinco anos na Cecap IV. Ela relatou que gosta do bairro e que não tem vontade de se mudar. Ela está desempregada há dois anos, o seu último emprego foi como enfermeira do hospital São Lucas. Como somente o seu marido está trabalhando, como motorista de uma empresa de ônibus, a situação desencadeou uma série de obstáculos. Ela sente dificuldades na hora da compra, uma vez que os produtos parecem ficar mais caros com o passar do tempo. Camila tem uma visão positiva do ex-presidente Lula e vê alguns dos projetos do PT com bons olhos.

Carlos

É aposentado da polícia militar e vive há 20 anos no Cecap II com dois de seus três filhos e a mulher. Contou que se mudou para a moradia popular, pois na época, foi a única oportunidade de moradia que teve. Carlos, que participa frequentemente da igreja católica, expôs que acredita muito na força divina e que, como a sua esposa disse, a casa foi um presente de Nossa Senhora. Por diversas vezes ele pensou em se mudar, mas nunca teve uma boa oportunidade para tomar esta atitude. Hoje ele já está bem adaptado ao bairro e conta que ele e a família fizeram muitas amizades. Carlos percebe muitos problemas no modo como a política é conduzida, para ele, os casos de corrupção deviam ser combatidos fortemente, pois eles afetam o desenvolvimento do Brasil.

Edson

Tem 28 anos e mora há três anos no apartamento da Cecap III. Na sua casa vive ele, a sua esposa, uma balconista de padaria, e o filho de cinco anos. Asseverou que desde que saiu da cidade de Parnaíba, no Piauí, em busca de emprego no estado de São Paulo a vida melhorou bastante. Hoje ele trabalha como eletricitista na empresa Inpro-electric e com a renda que possui conseguiu comprar um terreno e uma moto. Na entrevista, ele avaliou o governo de Dilma como bom, principalmente por ter ajudado as pessoas do Nordeste do país. Edson também tem uma visão positiva de Lula, por ele ter batalhado bastante para chegar à presidência.

Juliana

Juliana tem 24 anos e foi morar quando era criança no bairro Cecap III. No apartamento, vive ela, a irmã Selma, a mãe, que faz faxina, e mais duas irmãs menores. Quando a conheci, ela era promotora de vendas da empresa Panco e recebia cerca de R\$ 1.500,00 por mês. Segundo a entrevistada, o trabalho era bastante cansativo, embora fosse dinâmico, o que, para ela, era um ponto positivo. Quando começou a trabalhar, ela e a família puderam passar a usufruir de uma melhor qualidade de vida. Ela e a irmã reformaram a casa, compraram novas mobílias e começaram a ajudar a pagar as despesas da casa. Juliana fez um curso de tecnólogo na Universidade de Taubaté (UNITAU) com duração de dois anos, mas o diploma não possibilitou que conseguisse um emprego com salário maior, acabou ainda ficando desempregada, o que complicou bastante a renda familiar.

Laís

Tem 65 anos e mora há sete anos em um dos apartamentos da Cecap III. Ela e o marido, após passarem muitas dificuldades financeiras – que os levaram a depender de terceiros para sobreviver –, conseguiram se aposentar nos últimos anos. Com a renda familiar de dois salários mínimos, ela conta que a vida mudou bastante e que com este dinheiro puderam até mesmo fazer pequenas reformas no apartamento. Laís é síndica do prédio e, portanto, conhece todos os vizinhos que, de acordo com ela, são bastante receptivos. Ela acredita que houve muitas melhorias no bairro, mas que ainda faltam muitos serviços. A segurança ainda é um problema. Ela e os vizinhos, com o intuito de sanar este déficit, decidiram instalar câmeras na entrada do bloco, construíram garagens e colocaram portão, de modo que tivessem uma maior segurança.

Nelson

Tem 53 anos e vive há 18 anos no apartamento da Cecap III. Desde setembro de 2014 está desempregado, o que desencadeou uma situação bastante complicada para família, já que hoje os seis membros da família têm que viver com uma renda de mil reais por mês. Nelson afirmou que Lula foi o melhor presidente da república, mas, diante da sua situação econômica e do país, ele passou a reanalisar o modo que avalia o governo do PT. Para tentar contornar a crise, o entrevistado está fazendo alguns “bicos” e ainda voltou a estudar. Ele está terminando o segundo grau, pois segundo ele, mesmo que haja crise, é preciso que o indivíduo se esforce para conseguir um melhor patamar.

Rogério

Rogério, 37 anos, trabalha como fiscal de loja no supermercado Carrefour há cerca de três anos e recebe um pouco mais que um salário mínimo e meio por mês. Ele reside na Cecap III com a esposa, que está desempregada, há quatro anos. O entrevistado possui dois filhos do primeiro casamento, mas eles não vivem com ele, apesar de sempre o visitarem. Ele expõe que a sua situação financeira é bem melhor hoje do que no passado. De acordo com ele, o governo da Dilma está dando continuidade às políticas feitas por Lula e por isso acredita que ela esteja fazendo, na medida do possível, um bom mandato.

Rosângela

Tem 75 anos, teve cinco filhos e estudou até o antigo ensino primário. Ela é moradora da Cecap I há 15 anos, onde reside sozinha. Hoje ela não trabalha mais e vive com a pensão de um salário mínimo que recebe desde que o seu marido faleceu e com o dinheiro que ganha fazendo alguns artesanatos que são vendidos no centro de Taubaté. Ela relata que já passou por muitas dificuldades e que por isso precisou ter dois serviços: de dia trabalhava de faxineira em casas de família e à noite limpava o banco Itaú. A sua situação financeira melhorou bastante em 2007, quando passou a receber, em certos dias, cerca de cem reais com as costuras que fazia para clientes de classes sociais mais altas. De acordo com ela, Dilma é referência no aspecto educação, uma vez que hoje todo mundo, que tem vontade, pode estudar.

Selma

Selma tem 23 anos e trabalhava como auxiliar administrativa na empresa Panco até ficar desempregada. Em 1998, ela, que morava com a sua família em uma construção que ficava

debaixo de uma caixa d'água, mudou-se para um dos apartamentos da Cecap III. Segundo a entrevistada, a ida para a CDHU foi bastante significativa, já que possibilitou uma vida com maior qualidade. Ela computa que a situação financeira passou por melhorias nos últimos anos, quando começou a trabalhar e pôde ajudar a família com as despesas. Selma acredita que hoje a sua família pode ser considerada como pertencente à classe C, algo que não condizia com o passado, em que era preciso sustentar seis pessoas com um salário mínimo. Para ela, neste sentido, Lula tinha sido o melhor presidente que o país teve. Contudo, após ter ficado desempregada, a entrevistada sentiu o decréscimo financeiro e passou a ter medo desta nova situação.

Terezinha

Moradora antiga da Cecap I, contou que vive na região há 34 anos e que gosta muito do local. Ela disse que procura atuar na comunidade e que atualmente ajuda na parte social da igreja católica, trabalhando no brechó que eles construíram para amparar pessoas carentes. Com 71 anos, ela vive apenas com o marido, um aposentado da Volkswagen, uma vez que a filha já está casada. Ela conseguiu se aposentar há quatro anos e recebe um salário mínimo, que de acordo com ela, ajuda muito nas despesas de casa. Ela acredita que o governo do PT foi muito importante para as classes mais baixas, visto que muitos puderam ascender socialmente. Contudo, ela ressalta que é preciso que o indivíduo se esforce para conseguir melhorar de vida.

Wilson

Wilson tem 24 anos e nasceu em Natividade da Serra. O entrevistado deixou a cidade para se alistar na Legião Estrangeira e viver por um ano na França. Quando voltou para o Brasil, foi morar com a mãe em um dos prédios da Cecap IV, onde ele está há cerca de quatro anos. Ele relata que as suas despesas são arcadas ainda com o dinheiro que ganhou vivendo fora do país. Hoje ele faz administração na faculdade Anhanguera e é beneficiário do FIES. Wilson tem um posicionamento político bastante conservador. Ele é totalmente contrário ao programa Bolsa Família, já que em sua visão, todos têm as mesmas oportunidades e, portanto, só basta batalhar para angariar um melhor patamar. Ele também contou que tem grande antipatia pelo PT e pela figura de Lula, e sendo assim, ele nunca votaria no partido. O entrevistado contou que tem preferência pelos candidatos do PSDB.